

CENTRO UNIVERSITÁRIO SAGRADO CORAÇÃO

VINÍCIUS BONAFÉ BORSONARO

O DNA DE CLARICE LISPECTOR NO JORNAL DA CIDADE DE BAURU

BAURU

2021

VINÍCIUS BONAFÉ BORSONARO

O DNA DE CLARICE LISPECTOR NO JORNAL DA CIDADE DE BAURU

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como parte dos requisitos
para obtenção do título de bacharel em
Jornalismo - Centro Universitário Sagrado
Coração.

Orientadora: Prof.^a M.^a Daniela Pereira
Bochembuzo.

BAURU

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com
ISBD

B738d	Borsonaro, Vinícius Bonafé O DNA de Clarice Lispector no Jornal da Cidade de Bauru / Vinícius Bonafé Borsonaro. -- 2021. 97f. Orientadora: Prof.^a M.^a Daniela Pereira Bochembuzo Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Centro Universitário Sagrado Coração - UNISAGRADO - Bauru - SP 1. Jornalismo. 2. Literatura. 3. Crônica. 4. Jornalismo Opinativo. 5. Clarice Lispector. I. Bochembuzo, Daniela Pereira. II. Título.
-------	---

Elaborado por Lidyane Silva Lima - CRB-8/9602

VINÍCIUS BONAFÉ BORSONARO

O DNA DE CLARICE LISPECTOR NO JORNAL DA CIDADE DE BAURU

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como parte dos requisitos
para obtenção do título de bacharel em
Jornalismo - Centro Universitário Sagrado
Coração.

Aprovado em: 25/11/2021.

Banca examinadora:

Prof.^a M.^a Daniela Pereira Bochembuzo
Centro Universitário Sagrado Coração

Prof.^a Dra. Liliane de Lucena Ito
Centro Universitário Sagrado Coração

Prof.^a Dra. Flávia Santos Arielo
Centro Universitário Sagrado Coração

Dedico este trabalho a Valentina, Tania e
Ana Luiza, que sempre estiveram comigo.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é o resultado da infância que passei na casa dos meus avós, Tininha e Tinão, do apoio de minha irmã, Ana Luiza, e do fundamental suporte de meus pais, João e Tania. Portanto, gostaria de começar agradecendo a cada um deles, que apoiaram meu amor pela literatura e nunca me desmotivaram nos percursos pessoais, acadêmicos e profissionais.

Agradeço à Beatriz Galindo, pelo refúgio nos tempos difíceis, e à Mariana Cestari, Joyce Lopes, Larissa Siqueira e ao Gabriel Moura, futuros jornalistas que compartilharam comigo as angústias e alegrias desta pesquisa, estando ao meu lado desde o primeiro ano do curso.

Aproveito também para agradecer à Letícia Possari, Emma Belotti, Catarina Mateus, Marco Takac, Camilla Scandola, Mariana Sandoval, Pedro Merino, Carlos Manuel Pardo, Sérgio Monroy, Alessandro Maccanò e Nicolò Vialetto, meus irmãos do coração, com quem compartilhei cinco intensos meses de felicidade.

À Daniela Pereira Bochembuzo, que tenho orgulho em chamar de orientadora, e a todos os professores que me encorajaram a prosseguir.

À Julia Ferreira, Marina Bueno e Eloisa Moraco, pelo amor e pelas gargalhadas.

À Letícia Gabriele de Lima, pelos livros e pela lealdade.

À Gisele Moretti e Majô Jandreice, pela paciência.

À Clarice Lispector, por tudo.

“Usemos nosso eu enquanto o
possuímos.”

(HUGO, 1862, p. 70)

RESUMO

A escritora Clarice Lispector é uma das personagens mais importantes da literatura brasileira, cujo legado transpassou gerações. Ainda assim, é pouco conhecido que a autora, além de ter deixado uma vasta produção literária, também contribuiu por décadas com o jornalismo, atuando como cronista, colunista, repórter, entrevistadora e tradutora para inúmeros periódicos, entre os quais consta o Jornal da Cidade de Bauru. O que se propõe nesta pesquisa é realizar uma análise de conteúdo dos 30 textos publicados no veículo bauruense, tendo como objetivo identificar a importância histórica dessa contribuição e a natureza desse recorte da obra de Clarice, partindo de uma pesquisa bibliográfica e documental capaz de embasar a discussão proposta.

Palavras-chave: Clarice Lispector. Crônica. Jornalismo. Literatura. Jornalismo Opinativo.

ABSTRACT

The writer Clarice Lispector is one of the most important characters of Brazilian literature, whose legacy crossed generations. Still, what few know is that the author, besides having left a vast literary production, also contributed for decades to journalism, working as a chronicler, columnist, reporter, interviewer and translator for countless newspapers, including the *Jornal da Cidade de Bauru*. What is proposed in this research is to perform a content analysis of the thirty texts published in that vehicle, aiming to identify the historical importance of this contribution and the nature of this clipping of Clarice's work, starting from a bibliographical and documentary research capable of supporting the discussion.

Keywords: Clarice Lispector. Chronicle. Journalism. Literature. Opinion Journalism.

SUMÁRIO

PREÂMBULO	12
1 JORNALISMO E LITERATURA	16
2 CLARICE, A MENINA QUE ROUBAVA ROSAS.....	25
3 METODOLOGIA	33
3.1. PÁGINAS BAURUENSES: ANÁLISE DE CONTEÚDO	34
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
REFERÊNCIAS.....	65
ANEXO A – Carta sobre Maria Bonomi.....	69
ANEXO B – Amor, Quati, Cão, Feminino e Masculino.....	70
ANEXO C – De Como Evitar um Homem Nu	71
ANEXO D – Cérebro Eletrônico.....	72
ANEXO E – Córdoba.....	70
ANEXO F – O Uso do Intelecto.....	74
ANEXO G – Perfil de um Ser Eleito	75
ANEXO H – As Pontes de Londres	76
ANEXO I – A Antiga Dama	77
ANEXO J – Fugir com o Circo	78
ANEXO K - Destino.....	79
ANEXO L – Clarice Lispector Escreve.....	80
ANEXO M – Refúgio	78
ANEXO N – Espectadores do Próprio Destino	82
ANEXO O – O Estado Atingido.....	80
ANEXO P – Dança Estranha	81
ANEXO Q – A Geleia Viva como Placenta	85
ANEXO R – A Lucidez Perigosa	86
ANEXO S – Hoje Nasce um Menino	87
ANEXO T – Verão no Baile.....	85
ANEXO U – Morro de Pena de Meus Personagens.....	89
ANEXO V – O Pianista.....	87
ANEXO W – Uma História Policial para Crianças	91
ANEXO X – O Mistério do Coelho Pensante - 2ª parte	89
ANEXO Y – O Mistério do Coelho Pensante (Conclusão).....	90
ANEXO Z – O Ato Gratuito.....	94
ANEXO AA – Minha Próxima e Excitante Viagem pelo Mundo	95

ANEXO AB – Taquicardia a Dois.....	96
ANEXO AC – Uma História Estranha e Inacabada.....	97
ANEXO AD – Por Medo do Desconhecido	98

LISTA DE QUADROS

Quadro I - O mapa histórico de Marcondes Filho.....	17
Quadro II - As classificações de Marques de Melo	20
Quadro III - Livros publicados por Clarice Lispector	29
Quadro IV - Veículos para os quais Clarice Lispector escreveu após registro profissional como jornalista, de acordo com Aparecida Maria Nunes	31
Quadro V - Análise da coluna <i>Carta sobre Maria Bonomi</i>	35
Quadro VI - Análise da coluna <i>Amor, Quati, Cão, Feminino e Masculino</i>	36
Quadro VII - Análise da coluna <i>De Como Evitar um Homem Nu</i>	37
Quadro VIII - Análise da coluna <i>Cérebro Eletrônico</i>	38
Quadro IX - Análise da coluna <i>Córdoba</i>	39
Quadro X - Análise da coluna <i>O Uso do Intelecto</i>	39
Quadro XI – Análise da coluna <i>Perfil de um Ser Eleito</i>	41
Quadro XII – Análise da coluna <i>As Pontes de Londres</i>	42
Quadro XIII – Análise da coluna <i>A Antiga Dama</i>	42
Quadro XIV – Análise da coluna <i>Fugir com o Circo</i>	43
Quadro XV – Análise da coluna <i>Destino</i>	44
Quadro XVI – Análise da coluna <i>Clarice Lispector Escreve</i>	45
Quadro XVII – Análise da coluna <i>Refúgio</i>	45
Quadro XVIII – Análise da coluna <i>Espectadores do Próprio Destino</i>	46
Quadro XIX – Análise da coluna <i>O Estado Atingido</i>	47
Quadro XX – Análise da coluna <i>Dança Estranha</i>	48
Quadro XXI – Análise da coluna <i>A Geleia Viva como Placenta</i>	49
Quadro XXII – Análise da coluna <i>A Lucidez Perigosa</i>	49
Quadro XXIII – Análise da coluna <i>Hoje Nasce um Menino</i>	50
Quadro XXIV – Análise da coluna <i>Verão no Baile</i>	51
Quadro XXV – Análise da coluna <i>Morro de Pena de Meus Personagens</i>	52
Quadro XXVI – Análise da coluna <i>O Pianista</i>	53
Quadro XXVII – Análise das colunas <i>Uma História Policial para Crianças, O Mistério do Coelho Pensante (2ª Parte)</i> e <i>O Mistério do Coelho Pensante (Conclusão)</i>	54
Quadro XXVIII – Análise da coluna <i>O Ato Gratuito</i>	54

Quadro XXIX – Análise da coluna <i>Minha Próxima e Excitante Viagem pelo Mundo</i>.....	55
Quadro XXX – Análise da coluna <i>Taquicardia a Dois</i>	56
Quadro XXXI – Análise da coluna <i>Uma História Estranha e Inacabada</i>	56
Quadro XXXII – Análise da coluna <i>Por medo do Desconhecido</i>	57
Quadro XXXIII – Histórico de publicação das colunas analisadas	59

PREÂMBULO

Quando comecei a ler Clarice, percebi que não era tão difícil como diziam meus professores e outras pessoas que tiveram contato com sua obra. Contudo, nunca cheguei a imaginar que um dia me aprofundaria tanto em sua biografia a ponto de saber, por exemplo, que na ocasião de sua morte duas amigas seguravam suas mãos: a secretária Olga Borelli à esquerda e a escritora Nélida Piñon à direita.

Minha relação com Clarice se estabeleceu aos poucos, tendo começado apenas quando, aos 16 anos, desprendi-me dos pré-conceitos que interpretavam sua narrativa como hermética e comecei a ler a história de uma jovem nordestina chamada Macabéa, que residia no Rio de Janeiro e, de tão pobre, só comia cachorro-quente.

Ao terminar o livro, intitulado *A Hora da Estrela*, percebi que havia adentrado ao universo particular de uma autora com a qual havia subitamente me identificado. Ao longo do tempo, e de outras leituras – como os romances *Água-Viva*, *A Paixão Segundo G.H.*, *Perto do Coração Selvagem* e os contos de *Laços de Família* –, passei a perceber os quase imperceptíveis detalhes que conectavam as páginas de Clarice com sua própria vida.

Certamente é inconcebível dizer que a literatura clariceana é de fácil compreensão. Ainda assim, se houve algo que aprendi nesta curta jornada foi que cada um de seus textos possui camadas e mais camadas de subjetividade, as quais podem ser percebidas à medida em que se conhece mais sobre a autora.

Há sempre um momento em que apenas a produção de Clarice Lispector já não basta, quando os mistérios por detrás dos livros, os que compõem sua trajetória, tornam-se tão atraentes quanto. Hoje, não me considero um profundo conhecedor de sua obra. De fato, conheço pouco, mas posso dizer que me debruço com avidez sobre cada um de seus textos, e me vejo fascinado por essa existência mística e o ponto de vista singular que me motiva a estudá-la.

Nesse processo, transformado por mim em um projeto particular de pesquisa, sem qualquer previsão de término, conheci, por meio do livro *“Clarice Lispector Jornalista: Páginas Femininas e Outras Páginas”*, publicado em 2006 pela comunicadora Aparecida Maria Nunes, a Clarice das redações, profissional atuante e de produção diversificada na mídia impressa nacional durante mais três décadas.

Neste livro constava, quase que imperceptivelmente, a informação de que, entre os veículos que compunham a biografia da autora, encontrava-se o *Jornal da*

Cidade de Bauru, pelo qual fui admitido como estagiário em março deste ano – exatamente quatro meses após descobrir essa informação.

Considerando este um ponto de encontro entre o meu presente e o passado da escritora, bem como uma série de positivas coincidências, pedi à editora-chefe do Jornal da Cidade, Giselle Hilário, acesso ao acervo do periódico, dentro do qual cumpri quase toda a minha carga horária, lendo, analisando e produzindo fac-símiles das colunas da autora. O ambiente cheirava à poeira, mas as tardes e noites em que me isolei ali eram como vívidas viagens ao passado.

À época, eu imaginava que a existência daqueles textos fosse de conhecimento geral nos bastidores da redação, e meu desejo era apenas o de conhecer Clarice mais de perto. Contudo, quando passei a comentar sobre o processo de pesquisa com colegas e constatei que nenhum deles tinha ciência daquele capítulo da história, percebi a importância e a relevância daquela investigação, fatores que a transformaram em meu Trabalho de Conclusão de Curso.

Neste, pretendo analisar teórica e cientificamente as 30 colunas publicadas por Clarice Lispector no Jornal da Cidade de Bauru, entre outubro de 1971 e abril de 1972, para averiguar se existem, entre essas, publicações inéditas, e identificar, ainda, uma conexão ou temas em comum que as compõem.

Haja vista o breve resumo, servi-me deste preâmbulo, construído por sugestão da minha orientadora, a Profa. Ma. Daniela Pereira Bochembuzo, para alertar aos leitores sobre meu pouco, ou quase nulo, distanciamento do objeto de pesquisa.

Como forma de contribuir com a história do jornalismo e da literatura no município de Bauru, convido o leitor a viajar comigo por este apaixonado período de pesquisa. A partir daqui, prometo me comportar.

1 JORNALISMO E LITERATURA

Com a chegada da Idade Moderna, fruto de revoluções e potencializada por um incipiente capitalismo, o cotidiano ganhou outro ritmo. Com a reconfiguração do status quo, os então cidadãos de primeira classe perderam espaço, ou tiveram que compartilhá-lo com aqueles que seriam os protagonistas da nova ordem social. Esta, por sua vez, trazia consigo as próprias regras, costumes, escândalos e fatos, que aconteciam num ritmo acelerado e quase impossível de ser acompanhado por seus indivíduos.

De acordo com Nilson Lage (2001), o jornalismo é fruto dessas novas demandas sociais, e surge inicialmente com fins educativos e sensacionalistas, para entreter e ensinar aos leitores os novos hábitos e costumes, como uma vitrine da nova realidade. Para Edvaldo Pereira Lima (1995, p. 20), a prática “enquanto segmento da comunicação de massa exerce a função aparente de informar, explicar e orientar”, além de possuir suas finalidades ideológicas, econômicas, educativas e sociais.

Nesse quesito, a práxis cumpriu sua função, principalmente com o trabalho de escritores que, compondo em grande parte as redações da época, praticavam o chamado realismo social (LIMA, 1995), executando reproduções fidedignas do nascente cotidiano moderno e publicando-as em folhetins ou suplementos literários.

Há no período, portanto, um explícito encontro entre jornalismo e literatura, que não foi o primeiro e, certamente, nem o último na linha do tempo histórica desses dois campos da produção humana, cada qual com seus próprios superpoderes, que quase sempre se correlacionaram.

De acordo com estudos de Ciro Marcondes Filho (2000) e Felipe Pena (2006), a literatura, além de ter desempenhado papel fundamental no início da mídia impressa, no século XV, foi também, por exemplo, a única saída possível para alguns jornalistas que, em meados do século XX, encontravam-se insatisfeitos com a objetivação do texto imposta pela pressão dos monopólios da comunicação capitalista.

Tais encontros e desencontros são o tema deste capítulo, que se propõe a reconstituir parte da história do Jornalismo, bem como do Jornalismo Literário, para então relacioná-los ao conteúdo e ao contexto do objeto de pesquisa: a produção da escritora e jornalista Clarice Lispector para o Jornal da Cidade de Bauru, periódico regional localizado no centro-oeste paulista.

É preciso, portanto, voltar no tempo, para um período no qual o jornalismo ainda não se encontrava totalmente estabelecido, a fim de perceber as mútuas influências desde o início.

Como referência, utilizaremos as subdivisões históricas de Ciro Marcondes Filho (2000), especificadas no Quadro I.

Quadro I - O mapa histórico de Marcondes Filho

	Época	Tipo
Pré-História	1631 – 1789	Artesanal
Primeiro Jornalismo	1789 – 1830	Político-literário
Segundo Jornalismo	1830 – ±1900	Imprensa de Massa
Terceiro Jornalismo	±1900 – ±1960	Imprensa Monopolista
Quarto Jornalismo	±1970 – Atualmente	Informação Eletrônica e Interativa

Por volta dos anos 1450, o alemão Gutenberg de Mainz inventou uma ferramenta que viria a provocar mudanças no período medieval. A prensa gráfica, capaz de imprimir textos em larga escala, possibilitou a circulação de documentos e ideias que antes permaneciam sob total domínio da Igreja Católica.

Com isso, Gutenberg possibilitou o início de um processo que daria fomento à alfabetização, à conquista ao saber e à liberdade intelectual, instaurando a derrocada do obscurantismo e as conquistas burguesas. As pessoas haviam passado a se interessar pelos fatos e pelas estruturas que compunham o mundo ao seu redor (BRIGGS; BURKE, 1983).

Contudo, segundo Marcondes Filho (2000), o primeiro jornal impresso surgiu mais de um século depois da invenção da prensa gráfica, e ainda não reunia as características originárias da profissão. Em suma, as publicações do período, chamado pelo autor de Pré-História, ou Pré-Jornalismo, funcionavam como cartas, com informações objetivas principalmente direcionadas a grupos de poder do período mercantilista.

Nestes escritos, os primeiros “jornais” de três ou quatro páginas, o leitor é levado, em primeiro lugar, ao espetacular, ao singularmente novo. Ou seja, às notícias de desastres, mortes e nascimentos de reis e imperadores, de seres deformados, cometas, etc., às quais se associavam, conforme o caso, advertências morais de bom comportamento e devoção dos cidadãos, uma espécie de

contrapublicidade disciplinadora. (BAHR, 1968, p. 26-27 apud MARCONDES FILHO, 2000, p. 16).

De acordo com Marques de Melo (2003, p. 19), a informação nesse contexto se transformou em “um bem social, um indicador econômico, um instrumento político”, devido às transações econômicas que viabilizavam a atuação e influência de alguns na vida social. Para o autor, até mesmo a prensa gráfica fora criada em favor das novas das operações mercantis e financeiras.

Ainda assim, com o início da circulação do conhecimento, as estruturas da Europa Medieval começaram, de fato, a ruir, abrindo espaço para os ideais que ilustrariam a Era Moderna. Fatores como o absolutismo e o obscurantismo já não possuíam espaço para circular em meio à emergência burguesa, e acabaram por eclodir com a Revolução Francesa, em 1789, da qual a mídia impressa foi grande aliada.

Os jornais naquela época eram forças político-ideológicas da revolução, promovendo debates e a pluralidade de vozes, mesmo que restritos a um determinado grupo intelectual. Com o fim da censura prévia (MELO, 2003), eles passaram a adotar uma postura mais crítica e incisiva em relação à sociedade, delineando a vertente que viria a ser conhecida por Jornalismo Opinativo.

Historicamente, Ciro Marcondes Filho (2000) deu ao período o nome de Primeiro Jornalismo, e foi ao longo dele que a prática desenvolveu o caráter profissional, com a institucionalização do espaço e autonomia da redação – majoritariamente composta, como já mencionado, por políticos e escritores –, a diferenciação das figuras de diretor e editor e a criação do artigo de fundo. Segundo o autor (2000, p. 11), essa “é a época de ebulição do jornalismo político-literário, em que as páginas impressas funcionam como caixa acústica de ressonância, programas político-partidários, plataformas de políticos, de todas as ideias”.

Resultantes desse processo, bem como da perfeita combinação entre jornalismo e literatura, surgiram os folhetins, narrativas capitulares publicadas periodicamente nos jornais impressos, que se fizeram indispensáveis para a evolução das empresas jornalísticas geradas no Segundo Jornalismo. Além de aumentarem a venda de exemplares, tais produtos atraíam publicidade e, com isso, ajudavam a custear o aumento das despesas operacionais geradas pela industrialização (PENA, 2006)

De acordo com Pena, grandes autores da história da literatura, como Honoré de Balzac, Victor Hugo, Machado de Assis, Manuel Antônio de Almeida e Charles Dickens, dedicaram-se à escrita e ao desenvolvimento de folhetins. Suas obras, ainda que moldadas ao charme capitalista, revelaram criticamente o cotidiano daqueles tempos, visto que as histórias eram baseadas nos personagens e nos conflitos dos respectivos tecidos sociais.

Muitos critérios alocam o folhetim como herdeiro do romance realista ou, na verdade, como uma diferente forma de veiculação dos mesmos preceitos. E como o realismo pode ser visto muito mais como uma atitude estética do que como um gênero, tal aproximação é bastante factível. Se o conteúdo das obras expressava a necessidade de conhecer a nova ordem social vigente, nada mais justo do que a simbiose com o Jornalismo, também um retrato da época. (PENA, 2006, p. 29).

Este pesquisador complementa os apontamentos de Pena com os do jornalista Tom Wolfe (1973):

Os romancistas aceitavam rotineiramente a desconfortável tarefa de fazer reportagem, 'cavando' a realidade simplesmente para reproduzi-la direito. Isso era parte do processo de escrever romances. Dickens viaja a três cidades do Yorkshire, usando nome falso e fingindo estar procurando escola para o filho de um amigo viúvo – a fim de entrar nos mal afamados internatos do Yorkshire para coletar material para Nicholas Nickleby. (WOLFE, 1973, p. 40, apud LIMA, 1995, p. 140-141).

Resguardada a importância dessa combinação tão explícita, é preciso dizer que o Segundo Jornalismo foi o período no qual a prática assumiu, forçosamente, uma natureza puramente objetiva. Segundo Marques de Melo (2003), o rompante de opiniões desfavoráveis aos governos da época fez com que surgisse no meio jornalístico um tipo de censura a posteriori, materializada em manipulações fiscais como taxas e impostos.

Tal processo, unido à elevação dos custos da produção industrial em massa, resultou na perda de espaço do Jornalismo Opinativo em favor do mais recente Jornalismo Informativo, delineando o que seriam as duas principais categorias da profissão.

Importante ressaltar que, ao longo do tempo, outras categorias viriam a ser consideradas e estudadas, como os jornalismo Interpretativo e Diversional. Este pesquisador, no entanto, com base nas definições propostas por José Marques de

Melo (2003), principalmente em relação aos gêneros que compõem as respectivas categorias (Quadro II), limitar-se-á às duas subdivisões iniciais.

Quadro II - As classificações de Marques de Melo

Jornalismo Informativo	
Nota	Mais comum no rádio e na televisão, é o relato de um fato que ainda está para ser concluído.
Notícia	Relato na íntegra de uma ocorrência já concluída.
Reportagem	Relato ampliado de acontecimentos que já repercutiram na imprensa.
Entrevista	Relatos que enfocam determinados personagens que compuseram os fatos.
Jornalismo Opinativo	
Editorial	Opinião oficial da empresa jornalística a respeito dos fatos de maior repercussão.
Comentário	Opinião emitida rápida e resumidamente sobre um fato ainda em repercussão, preferencialmente por um jornalista com ampla bagagem profissional e cultural.
Artigo	Matéria jornalística na qual um colaborador, sendo ele jornalista ou não, apresenta sua opinião acerca de um fato. Pode ser dividido em artigo doutrinário, que busca analisar ocorrências da atualidade, ou artigo científico, que registra os avanços da ciência. No Brasil, é normalmente publicado em editoriais ou suplementos especializados.
Resenha	Gênero despojado, pouco mais simplificado que uma crítica, que consiste na apreciação das habituais áreas artísticas: literatura, música, teatro, artes plásticas, entre outras. Possui como objetivo orientar o público em sua escolha por algum produto cultural.
Coluna	Termo comumente utilizado para caracterizar seções fixas de publicação, que podem abranger outros gêneros, tais como o comentário, a crônica e a resenha. Configura-se como um espaço onde se encontram formas de expressão distintas, no qual o jornalismo se dá de modo íntimo e constrói uma ponte pessoal com os leitores. No Brasil, as colunas se popularizaram na década de 1950.
Crônica	Gênero tipicamente brasileiro que consiste em um poético relato do real, representando a perfeita mescla entre fatualidade e narração literária. Seus principais fundamentos são a fidelidade ao cotidiano e a crítica social.
Caricatura	Gênero opinativo da prática jornalística que utiliza a imagem como instrumento de comunicação.
Carta	Espaço que registra a presença do leitor na produção jornalística, quebrando a barreira que o separa das redações.

Fonte: Adaptado de MELO (2003)

Enquanto aspecto da comunicação de massa, o Segundo Jornalismo precisou encontrar uma linguagem mais eficaz, que conseguisse atingir um grupo heterogêneo de pessoas, separadas por quesitos geográficos, econômicos, sociais e culturais. Definiu-se, então, um meio comum para a transmissão de informações: a notícia. Esta, além de seguir um preceito estrutural do *lead*, baseado em seis perguntas iniciais – O quê? Quem? Quando? Onde? Como? Por quê? –, deveria ter como base alguns princípios fundamentais dos periódicos apontados pelo teórico alemão Otto Groth, sendo eles a atualidade, a periodicidade, a universalidade e a difusão coletiva (LIMA, 1995).

A despeito das críticas à imprensa de massa, que ressaltavam as influências alienantes da Indústria Cultural, Lima preferia ver o copo meio cheio. Tendo como fundamento a teoria da jornalista Cremilda Medina, ele acreditava no jornalismo para as massas como uma força revolucionária capaz de democratizar o conhecimento, torná-lo palatável para os leitores.

Ainda em consonância com os parâmetros mercadológicos, o conteúdo também precisou se uniformizar. Firmaram-se as reportagens – que, retomando Pereira Lima (1995), aprofundavam o conhecimento a respeito dos fatos noticiados –, as entrevistas, as manchetes, os destaques, e outros elementos estéticos e estratégicos, tais como as capas, logotipos e chamadas de primeira página (MARCONDES FILHO, 2003).

Todas essas mudanças em curso vieram a se concretizaram durante o Terceiro Jornalismo, quando as empresas jornalísticas se tornaram monopólios de comunicação (*Supra cit.*). A ascensão da indústria publicitária e das relações públicas, potencializada pela Grande Depressão Americana, inverteu a ordem dos fatores e transformou anunciantes nos grandes clientes, roubando espaço do jornalismo.

Contudo, além dos fatores comunicacionais já citados, determinados eventos históricos corroboraram para essa crise de identidade. Tendo em vista que a prática jornalística foi instrumento vivo de mudanças e um símbolo da Era Moderna, atuando como espelho e fonte propulsora dos ideais que ela representava – a queda do absolutismo, a transparência, a democratização do saber, a pluralidade de vozes e ideias, entre outros –, em meados do século XX, quando teve início a derrocada do espírito desse tempo, a profissão também começou a pelejar.

De acordo com Marcondes Filho (2000), a retomada dos regimes totalitários e a sequência ininterrupta de guerras do período, que presentearam a população global com terror e descrença, também deixaram como legado uma humanidade desprovida de fé e do interesse por mudanças. Na prática, os jornais estavam mais objetivos, informacionais e mais bem estruturados, com o conteúdo dividido em cadernos e o texto seguindo os preceitos do *lead*.

Alguns diziam, contudo, que escrever jornalismo havia se tornado uma atividade enfadonha, tendo tal crença motivado um grupo de jornalistas descontentes a buscar refúgio na literatura, delineando a prática do jornalismo literário – um conceito abrangente, capaz de incluir em sua essência inúmeras definições (PENA, 2006). Algumas delas serão especificadas a seguir.

O *New Journalism*, movimento oficialmente sistematizado por Tom Wolfe, em 1973, iria se apoiar na literatura para reconstruir as histórias cena a cena, registrar completamente os diálogos, assinalar o simbolismo de diferentes personagens e relatar os acontecimentos de acordo com seu ponto de vista.

Segundo Edvaldo Pereira Lima (1995, p.147), os representantes do Novo Jornalismo tentavam “passar pelo jornalismo apenas o tempo suficiente para dominar seu instrumental, de modo a maturá-lo e adaptá-lo ao fazer literário”.

Na vertente do Gonzo, isso seria posto em prática mais radicalmente. O jornalista deveria vivenciar as situações sobre as quais iria escrever e relatar empiricamente, tornando-se ele próprio o personagem principal da história, como fez Hunter S. Thompson em sua experiência com os motoqueiros do Hell’s Angels.

O *New Journalism*, por sua vez, teria um caráter mais crítico e político, propondo-se a focar nos fracassos da humanidade e questionar os valores que acabavam por excluir e provocar a inequidade social. A produção da jornalista contemporânea gaúcha Eliane Brum é um exemplo dessa vertente, visto que Eliane dedica sua carreira a contar histórias de indivíduos desvalidos, que aparentemente nada teriam a dizer.

Ainda assim, o pesquisador Felipe Pena (2006) enxerga o Jornalismo Literário como algo bem mais amplo, que não se resume a essas três subcategorias. Para ele, a literatura, quando utilizada no jornalismo, serve não para romper com seus paradigmas, mas para potencializar seus recursos.

Como forma de ilustrar seu ponto de vista, Pena se utilizou da figura de uma estrela de sete pontas. Em sua teoria, cada uma das pontas da estrela é um fator

necessário para que um texto possa ser considerado uma peça de jornalismo literário, como se vê a seguir:

1ª Ponta – Potencializar os recursos do Jornalismo;

2ª Ponta – Ultrapassar os limites do cotidiano;

3ª Ponta – Proporcionar uma visão ampla da realidade;

4ª Ponta – Exercitar a cidadania;

5ª Ponta – Romper com o *lead*;

6ª Ponta – Evitar definidores primários, que são, basicamente, as fontes oficiais e já legitimadas;

7ª Ponta – Perenidade, algo que não seja passageiro e permaneça vívido no decorrer do tempo.

Pode-se inferir, então, que a grande preocupação do Jornalismo Literário é tratar amplamente de assuntos que permaneçam relevantes a despeito do tempo e do espaço, informando e traduzindo a realidade para que esta seja resguardada também sob certa perspectiva histórica.

No Brasil, o palco de ebulição do jornalismo literário foi o da boemia carioca no final do século XIX, também destruído com a industrialização (LIMA, 1995). O gênero que melhor representou a confluência das duas práticas em território nacional, cujos conceitos foram anteriormente descritos neste mesmo capítulo, foi a crônica, nascida, segundo Jorge de Sá (1992), da carta que Pero Vaz de Caminha enviou para o rei Don Manuel quando desembarcou no Brasil.

Sá ainda apontou o capixaba Rubem Braga como profissional enriquecedor do gênero no Brasil, e, numa interessante coincidência, foi Braga quem, na ocasião do lançamento de seu jornal *Comício*, convidou Clarice Lispector para ser colunista – conforme apontado por Maria Aparecida Nunes (2006). Dessa forma, em 1952, a escritora passa a assinar a coluna *Entre Mulheres*, debutando em uma atividade que retomaria anos depois.

Eis aí uma Clarice não divulgada e pouco conhecida. Manejando linguagem peculiar, acessível ao público em geral, tratando de amenidades e coisas triviais, temos uma autora totalmente diferenciada da que escreve de maneira hermética (como muitos a consideravam). (NUNES, 2006, p. 70).

Ainda de acordo com Jorge de Sá (1992), enquanto os contos possuem maior densidade, composta pela necessidade de criação de um tempo, uma atmosfera e do

desenvolvimento de personagens, as crônicas – herdeiras do realismo social dos folhetins – caracterizaram-se por serem narrativas cotidianas com um público específico de leitores.

Mas que público é esse? Sendo a crônica uma soma de jornalismo e literatura (daí a imagem do narrador-repórter), dirige-se a uma classe que tem preferência pelo jornal em que ela é publicada (só depois é que irá ou não integrar uma coletânea, geralmente organizada pelo próprio cronista), o que significa uma espécie de censura ou, pelo menos, de limitação: a ideologia do veículo corresponde ao interesse dos seus consumidores, direcionados pelos proprietários do periódico e/ou pelos editores-chefes de redação. Ocorre ainda o limite de espaço, uma vez que a página comporta várias matérias, o que impõe a cada uma delas um número restrito de laudas, obrigando o redator a explorar da maneira mais econômica possível o pequeno espaço de que dispõe. É dessa economia que nasce sua riqueza estrutural. (SÁ, 1992, p. 7-8).

De fato, riqueza se tornou a palavra-chave dos entrecruzamentos históricos da ficção com a factualidade, que acabaram por absorver pontos positivos uma da outra. Reunindo, agora, todo o exposto acerca desses encontros e desencontros, que acabaram por gerar um único gênero de produção, é possível vislumbrar a importância da figura de Clarice Lispector, jornalista e escritora brasileira, para esse contexto.

Sendo ela uma figura pública e histórica de extrema importância, os textos que produziu para a mídia impressa ao longo das décadas em que atuou profissionalmente tornam-se objetos de estudo imprescindíveis para o tema. Contudo, para que isso fique ainda mais claro, uma breve viagem pela trajetória pessoal e profissional de Clarice se faz necessária.

2 CLARICE, A MENINA QUE ROUBAVA ROSAS

Este capítulo, que se propõe a traçar resumidamente a biografia de Clarice Lispector, baseia-se no árduo trabalho histórico de dois principais historiadores, sendo eles o norte-americano Benjamin Moser e a jornalista Aparecida Maria Nunes, que passou quase três décadas pesquisando a trajetória jornalística da autora, registrando e analisando, ao longo desse período, 430 colunas femininas escritas por ela. Partindo desse princípio, que se inicie o texto.

Em meados de 1910, na pequena vila judaica de Teplyk, na Ucrânia, o caçula da família Lispector, Pinkhas, casou-se com a filha mais velha dos Krimgold, uma família rural tão abastada quanto se podia ser na Europa Oriental daquela época, na qual o antissemitismo já se fortalecia. O casamento havia sido arranjado pelo pai de Pinkhas, Shmuel Lispector, por acreditar que as jóias de Mania poderiam salvar a família da guerra que estava por vir (MOSER, 2009).

De acordo com Moser, à despeito das finalidades objetivas, havia amor no âmago da relação construída entre os dois após o casamento, e talvez fosse essa a resposta para a resiliência com a qual o casal enfrentaria as barbaridades reservadas pelo destino.

No ano seguinte à cerimônia, Pinkhas e Mania se mudaram para Savran, uma cidadela nos arredores de Teplyk, distante do front, onde nasceu Leah, sua primeira filha. Buscavam prosperidade, opções de vida que estivessem de acordo com as aspirações da família.

Pinkhas era um intelectual. Lia Dostoiévski, sabia de números e sonhava em fazer carreira nas ciências ou na matemática. Contudo, essas não eram opções a quem possuía o descrédito de ser judeu, de modo que ele teve de se estabelecer como comerciante, vendendo roupas e outros acessórios.

Os negócios não proporcionaram à família o sucesso econômico, mas os Lispector conheceram a paz em Savran, e esta os acompanhou até certo tempo, mesmo após o início da Primeira Guerra Mundial, em 1914. A casa cheirava a comida caseira, tipicamente judaica, os amigos vinham para jantar e Mania, sempre elegante e refinada, vestia o rosto de sorrisos e o pescoço de pérolas.

Em abril de 1915, eles retornaram à cidade natal de Pinkhas, Teplyk, onde nasceu a segunda filha do casal, Tania. Logo em seguida, em busca de novas oportunidades de ascensão profissional, mudaram-se novamente. A escolhida dessa vez fora

Haysyn, a segunda região mais atacada da Ucrânia. A tranquilidade não os acompanharia por muito mais tempo.

Embora os judeus estivessem morrendo no front em defesa da Rússia, sua lealdade ao czar era questionada. Havia boatos de que os judeus estavam auxiliando o Império Austro-Húngaro em seu avanço, e uma onda cada vez mais intensa de ataques, chamados de pogroms, passou a varrer o país.

Em 1918, com os desdobramentos da Revolução Russa e a guerra civil que a sucedeu, os pogroms se institucionalizaram, potencializados pela anarquia dos conflitos internos.

Em um relato da época exposto por Benjamin Moser, o pogrom básico acontecia da seguinte maneira:

O bando invade a cidade, espalha-se pelas ruas, grupos separados invadem as casas de judeus, matando sem distinção de idade e sexo todo mundo que encontram pela frente, com a diferença de que as mulheres são bestialmente estupradas antes de ser assassinadas, e os homens são obrigados a ceder tudo o que está na casa antes de serem mortos. (MOSER, 2009, p. 41).

Nesse período, as três mulheres da família Lispector constantemente se quedavam sozinhas em Haysyn, pois Pinkhas decidira tentar a vida como mascate, vendendo seus produtos em diferentes cidades da província. Até que, numa dessas noites de solidão, durante um dos maiores ataques que a família já presenciara, Mania decidiu sair de casa para conferir o que acontecia.

Embora nenhum dos Lispector tenha falado abertamente sobre isso ao longo da vida, Mania fora estuprada por um grupo de soldados naquela noite, contraindo sífilis, uma doença sem possibilidade de cura à época, da qual viria a falecer. Ainda assim, meses após o ocorrido, Mania engravidou de Chaya, sua última filha, que nasceria em rota de fuga.

Quando o exército bolchevique assumiu Haysyn, extinguindo as atividades comerciais, Pinkhas finalmente decidiu fugir da Ucrânia com a família, haja vista a falta de perspectivas de sobrevivência e futuro. Sua primeira tentativa, no entanto, fracassou, e eles tiveram que se estabelecer em Tchetchelnik para o nascimento da caçula, em 10 de dezembro de 1920.

Em meio à miséria e às dificuldades que os assolaram a estadia da família naquela pequena aldeia, Pinkhas adoeceu de febre tifóide e Mania foi obrigada a

sustentá-los sozinha, deixando a casa todos os dias para vender ou trocar parte de seus pertences por comida. Quando não havia mais nada do que se desfazer, ela vendeu os próprios sapatos, revestiu os pés em retalhos e seguiu em frente com a dignidade que lhe restara e a imponente que a vida lhe dera.

Uma vez recuperado, Pinkhas, a esposa e as três filhas tentaram a sorte novamente, fugindo à noite pela floresta até chegarem ao rio Dnister, local em que tomaram um bote e remaram para Kishinev, na Romênia, onde encontraram abrigo em um albergue para refugiados.

Ainda que no início de uma nova fase, os Lispector gradativamente cediam ao peso das humilhações. Mania passou a entrar e sair do hospital em constantes internações, Pinkhas foi obrigado a alimentar as filhas em sopões comunitários e, enfim, quando quase já não aguentavam mais, sua Carta de Chamada – documento sem o qual eles não poderiam viajar – chega do Brasil, enviada por primos de Mania que haviam se estabelecido em Alagoas anos antes.

Com passaportes russos e a sorte em mãos, os quatro migram para a América do Sul a bordo da terceira classe do Navio Cuyabá e desembarcam no porto de Maceió, onde foram recebidos por parentes hostis e receberam novos nomes – manteve-se apenas o de Tania, a filha do meio.

Pinkhas se tornou Pedro, Mania se tornou Marieta, Leah se tornou Elisa, e Chaya se tornou Clarice, esta que seria a única na família a não se lembrar dos horrores que atravessou.

O mais perto que Clarice chegaria de seu local de nascimento foi Varsóvia, onde seu marido seria embaixador brasileiro nos anos 1960. Àquela altura ela era uma escritora famosa, e o governo soviético, ávido como sempre por exibir suas credenciais culturais, ofereceu-lhe a oportunidade de visitar seu lugar de nascimento. Ela recusou. (MOSER, 2009, p. 56).

Contudo, a vida em Maceió também não foi fácil. O fracasso do trabalho de Pinkhas como mascate, a dependência financeira e a antipatia dos parentes fizeram com que os Lispector se mudassem mais uma vez, tendo escolhido como destino a capital do estado de Pernambuco, Recife.

Foi em Pernambuco, por sua vez, que Clarice começou a desenvolver os traços mais marcantes de sua personalidade. Quando criança, era alegre, travessa, tinha um

tino para a liderança e costumava roubar rosas dos jardins mais opulentos da vizinhança.

Quando aprendeu a ler e a escrever, passou a confabular histórias e enviá-las, com a ajuda de Tania, para o suplemento infantil do Diário do Pernambuco, que nunca as aceitou (NUNES, 2006).

Lia as outras histórias, gostava mais das outras histórias que das minhas, mas não queria mudar. Não me sentia injustiçada, porque percebia a razão da recusa sistemática. Mas era assim. Teimosa a ponto de, quando uma professora, me apontando um desenho meu, insinuou “falta uma coisa aqui, não é?”, eu respondi: “Nasceu assim, fica assim mesmo”. (LISPECTOR apud NUNES, 2006, p. 34).

Além de narrar os sentimentos, as primeiras histórias de Clarice buscavam respostas e soluções místicas para problemas da realidade. Segundo Moser (2009), ela escrevia com o inconsciente intuito de que sua produção poderia salvar sua mãe, à época quase que completamente parálitica.

Após o falecimento de Marieta, em 21 de setembro de 1930, Clarice perdeu esses objetivos. Talvez pela falta da mãe em si, por frustração ou por se deparar com a finitude da vida, o ato de escrever, para ela, tornou-se desprovido de maiores objetivos.

Aos 13 anos, então, ela descobriu os autores por detrás dos livros. Uma vez desvendada a literatura de Herman Hesse, por exemplo, autor que a influenciaria em sua própria ficção, Clarice vislumbra um futuro como escritora e passa a produzir as primeiras narrativas. Em entrevista concedida para o repórter Júlio Lerner, veiculada na TV Cultura em 1977, a escritora define sua produção na adolescência como “caótica, intensa e inteiramente fora da realidade da vida”.

Aos 15 anos, com a mudança da família Lispector para o Rio de Janeiro, cidade que fervilhava enquanto metrópole e destino turístico devido às iniciativas de Getúlio Vargas, a jovem se viu em meio a inúmeras possibilidades de publicação, e passou a tentá-las (MOSER, 2009).

Sua estreia, no entanto, aconteceu em 25 de maio de 1940, com o conto *Triunfo* no semanário Pan, de alcance nacional. De acordo com Aparecida Maria Nunes (2006), este conto já antecipava características de sua obra, principalmente em relação ao psicológico de seus personagens. (Veja a relação de obras completas no Quadro III, disposto na página seguinte).

Em relação ao primeiro romance, este só foi publicado em 1943, quando Clarice, já casada com o diplomata Maury Gurgel Valente, preparava-se para deixar o Brasil, acompanhando o então marido em uma missão diplomática que durou dezesseis anos, parte na Europa e outra nos Estados Unidos.

Maury era seu colega na faculdade de direito. A autora se interessara por ele no final de 1941, quando ainda apaixonada e não correspondida pelo escritor Lúcio Cardoso. De acordo com Moser (2009), ela não se sentia preparada para o casamento, mas, quando atingiu a maioridade e, por conseguinte, conseguiu sua cidadania brasileira, prosseguiu com a união – que terminou em 1959, quando Clarice, lutando contra a depressão, voltou com os dois filhos, Pedro e Paulo, para o Brasil.

Quadro III - Livros publicados por Clarice Lispector

Romances	
Perto do Coração Selvagem	1943
O Lustre	1946
A Cidade Sitiada	1948
A Maçã no Escuro	1961
A Paixão Segundo G.H.	1964
Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres	1969
Água-Viva	1973
A Hora da Estrela	1977
Um Sopro de Vida	1978
Contos	
Laços de Família	1960
A Legião Estrangeira	1964
Felicidade Clandestina	1971
A Via Crucis do Corpo	1974
Onde Estivestes de Noite	1974
A Bela e a Fera	1979
Infantis	
O Mistério do Coelho Pensante	1967
A Mulher que Matou os Peixes	1968
A Vida Íntima de Laura	1974
Quase de Verdade	1978
Como Nasceram as Estrelas	1987
Crônicas	
Para Não Esquecer	1978

A Descoberta do Mundo	1984
-----------------------	------

Logo após a estreia em *Pan*, em 1940, Clarice também publicou contos inéditos na revista semanal *Vamos Ler!*, na qual atuou como tradutora das obras de Claude Farrère, entrevistadora, em *Uma hora com Tasso da Silveira* – por meio da qual manifestou interesse na reflexão sobre a cosmogonia, ou seja, sobre o princípio criador do universo, que explorou em outros de seus trabalhos –, e repórter, em *Uma visita à Casa dos Expostos* (NUNES, 2006).

Ainda segundo Nunes, seus contos, à época, previam temas que viriam a ser desenvolvidos em suas obras, como o aprendizado dos sentimentos e dos prazeres de *Eu e Jimmy*, que seria revisitado em *Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres* (1969), e a busca pela representação dos sentimentos de *Cartas para Hermengardo*, posteriormente elaborada em *A Paixão Segundo G.H.* (1964) e *Água-Viva* (1973).

A alma exposta em sua obra é a alma de uma mulher só, mas dentro dela encontramos toda a gama da experiência humana. Eis por que Clarice Lispector já foi descrita como quase tudo: nativa e estrangeira, judia e cristã, bruxa e santa, homem e lésbica, criança e adulta, animal e pessoa, mulher e dona de casa. Por ter descrito tanto de sua experiência íntima, ela podia ser convincentemente tudo para todo mundo, venerada por aqueles que encontravam em seu gênio expressivo um espelho da própria alma. Como ela disse, “eu sou vós mesmos”. (MOSER, 2009, p. 18).

Segundo Moser (2009), havia também uma natureza selvagem na produção de Clarice, que costumava emprestar aos seus personagens e a si própria características de animais que a encantavam, como gatos e cavalos.

Em relação às peças jornalísticas, a autora nunca assumiu apenas uma postura de ponte entre informação e receptor. Desde o início, ela imprimia subjetividade em seus textos, principalmente em suas entrevistas, traduzindo o mundo para os leitores através de seus próprios olhos (NUNES, 2006).

Em relação à primeira entrevista feita pela escritora, Aparecida Maria Nunes registrou:

Na verdade, Clarice Lispector não se posiciona como jornalista ao conversar com seus entrevistados. É sempre Clarice Lispector perguntando e confidenciando também para o leitor fatos de seu cotidiano e assuntos de seu interesse. Ela não se baseia no princípio daquilo que poderia interessar ao leitor, para compor a pauta, tampouco se neutraliza perante o entrevistado. Seja nessa entrevista inaugural, quando nem sequer havia publicado seu primeiro romance,

seja como escritora consagrada, Clarice está sempre presente nos textos da entrevista. O leitor se informa sobre o entrevistado e sobre a entrevistadora, porque as perguntas são feitas a partir do ponto de vista de Clarice, de suas inquietações e da convivência que marca o relacionamento da ficcionista com as pessoas escolhidas para a conversa. (NUNES, 2006, p. 48).

Em sua pesquisa, Nunes ainda registrou que, embora não desejasse se tornar uma jornalista profissional, Clarice Lispector obteve seu registro em 10 de janeiro de 1944, tornando-se uma das primeiras repórteres brasileiras, e, ao longo de toda sua carreira, atuou intensamente na imprensa.

Nos anos 1950, por exemplo, tornou-se colunista de suplementos femininos sob diferentes pseudônimos - Teresa Quadros, para o Jornal Comício, Ilka Soares, para o Diário da Noite, e Helen Palmer, para o Correio da Manhã –, escrevendo sobre moda, comportamento, entre outros temas, em uma linguagem acessível às massas.

A partir de 1967, acentuou sua participação no jornalismo (como indicado no Quadro IV), retomando as atividades de entrevistadora para a Revista Manchete e escrevendo para o Caderno B do Jornal do Brasil, aos sábados, para o Correio do Povo de Porto Alegre e para o Jornal da Cidade de Bauru. Neste, entre outubro de 1971 e abril de 1972, Clarice publicou 30 colunas sob diferentes formatos e temáticas, entre as quais constam contos e crônicas (NUNES, 2006).

Quadro IV - Veículos para os quais Clarice Lispector escreveu após registro profissional como jornalista, de acordo com Aparecida Maria Nunes

Veículo	Período
Jornal <i>A Noite</i>	A partir de 1942
Jornal <i>Comício</i>	A partir de 1952
Jornal <i>Correio da Manhã</i>	1959 – 1960
Revista <i>Senhor</i>	1959 – 1964
Jornal <i>Diário da Noite</i>	1960 – 1961
Jornal <i>do Brasil</i>	1967 – 1973
Jornal <i>Correio do Povo</i>	1968 – 1973
Revista <i>Manchete</i>	1968 – 1969
Jornal <i>da Cidade de Bauru</i>	A partir de 1971
Revista <i>Fatos e Fotos/Gente</i>	1976 – 1977

Fonte: Adaptado de Nunes (2006)

Ao final de sua vida, Clarice Lispector deixou, portanto, não apenas uma colaboração às artes literárias, como também ao jornalismo. De acordo com sua amiga e secretária, Olga Borelli, Clarice também retomara, em seus últimos dias, os objetivos místicos e imaginativos que outrora nortearam sua escrita. Segundo Borelli, em uma viagem de carro até o hospital, seis dias antes de sua morte, Clarice dissera: “Faz de conta que a gente não está indo para o hospital, que eu não estou doente e que nós estamos indo para Paris.” (MOSER, 2009).

De acordo com Moser (2009), a escritora deixou, tanto na vida quanto na morte inúmeros mistérios, sendo estes desenvolvidos no imaginário popular em torno de sua trajetória pessoal e profissional – os quais foram refutados ou estimulados por Clarice em seus próprios escritos.

3 METODOLOGIA

Como forma de alcançar os objetivos propostos por esta pesquisa – sendo eles a análise de um recorte da produção jornalística de Clarice Lispector, o resgate de parte da biografia da escritora e o exame de sua contribuição para a trajetória jornalística do centro-oeste paulista –, foi preciso respeitar uma série de etapas metodológicas indispensáveis.

É preciso dizer que a pesquisa bibliográfica foi a primeira delas, tendo começado anos antes do início da referida investigação acadêmica, haja vista o prévio interesse deste pesquisador pela obra da autora. Ainda assim, para que houvesse um sólido embasamento teórico, esse conhecimento se uniu a um conjunto de outras publicações que fundamentaram não apenas os principais temas tratados – o percurso histórico da prática jornalística, suas categorias, gêneros e relações com a literatura –, como a trajetória pessoal e profissional de Clarice.

Para Marconi e Lakatos (1985, p. 166),

A pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc., até meios de comunicação oral: rádio, gravações em fita magnética e audiovisuais: filmes e televisão. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, querem publicadas, quer gravadas.

Ao que Gil (1985, p. 50), complementa:

A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Esta vantagem se torna particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço. Por exemplo, seria impossível a um pesquisador percorrer todo o território brasileiro em busca de dados sobre a população ou renda per capita; todavia, se tem à sua disposição uma bibliografia adequada, não terá maiores obstáculos para contar com as informações requeridas. A pesquisa bibliográfica também é indispensável nos estudos históricos. Em muitas situações, não há outra maneira de conhecer os fatos passados senão com base em dados secundários.

Importante ressaltar que o levantamento documental também ocorreu antes do início da pesquisa, visto que foi a etapa responsável por desencadear a investigação. Durante três meses, foram levantadas todas as publicações de Clarice Lispector para o Jornal da Cidade de Bauru – que, como já mencionado, encontravam-se arquivadas no acervo do veículo.

Ainda de acordo com Gil (1985, p. 51), é possível dizer que:

A pesquisa documental assemelha-se muito à pesquisa bibliográfica. A única diferença entre ambas está na natureza das fontes. Enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa.

Levantados os documentos e construída a base teórica que nortearia a pesquisa, foi necessário desenvolver um modelo de tabela que viabilizasse uma análise quantitativa e qualitativa do material a ser estudado, construindo categorias de análise de acordo com os preceitos estabelecidos no primeiro capítulo e as informações expostas no segundo.

O caráter quantitativo da análise justifica-se por facilitar na divisão dos gêneros que compõem a coluna, e o qualitativo, por sua vez, por possibilitar melhor entendimento acerca da forma e dos conteúdos abordados por Clarice.

Após as análises, foram verificadas as congruências entre jornalismo e literatura capazes de compor tanto a história do Jornal da Cidade de Bauru quanto a biografia de Clarice Lispector.

3.1. PÁGINAS BAURUENSES: ANÁLISE DE CONTEÚDO

De acordo com Laurence Bardin (1977), a análise de conteúdo possui como objetivo a identificação de uma mensagem, bem como de sua representação, elaborando, para isso, uma série de identificações capazes de possibilitar inferência acerca do tema em estudo.

Segundo a autora, esse tipo de investigação consiste em três principais fases cronológicas: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados, do qual partem as inferências e interpretações. A primeira equivale ao processo de organização, no qual se insere o levantamento de documentos e a sistematização das

ideias iniciais. A segunda, por sua vez, diz respeito efetivamente à investigação do material obtido.

Se as diferentes operações da pré-análise foram convenientemente concluídas, a fase de análise propriamente dita não é mais do que a administração sistemática das decisões tomadas. Quer se trate de procedimentos aplicados manualmente ou de operações efectuadas pelo ordenador, o decorrer do programa completa-se mecanicamente. (BARDIN, 1977, p. 101).

Já a terceira fase representa o processo de coloração das informações obtidas, no qual elas se condensam e ganham relevo por meio de “*quadros de resultados, diagramas, figuras e modelos*” (BARDIN, 1977, p. 101).

Em concordância com essa lógica metodológica, apresenta-se nos quadros a seguir conceitos expostos no capítulo *Jornalismo e Literatura* e a trajetória de Clarice Lispector construída no capítulo *Clarice Lispector, a menina que roubava rosas*. O intuito é registrar a data de publicação, identificar o gênero e o conteúdo de cada um desses textos.

Cada um dos textos analisados foi abordado em um Quadro, numerados de V a XXXI. Eles são identificados pelo número original, título e data de publicação. Na sequência, trazem como categoria o formato jornalístico e um campo de observações, no qual o pesquisador realiza apontamentos sobre o conteúdo textual da autora publicado no Jornal da Cidade de Bauru à luz do embasamento teórico realizado nos capítulos anteriores.

Quadro V - Análise da coluna *Carta sobre Maria Bonomi*

1ª Coluna	
Título do Texto: Carta Sobre Maria Bonomi	
Data de Publicação: 03 de outubro de 1971	
Este texto consiste em: ☒ Uma crônica ☐ Um conto ☐ Uma reportagem ☐ Um artigo ☐ Uma resenha ☐ Outro	Justificativa: Este texto se define como uma crônica pois é escrito em 1ª pessoa, apresenta um relato do cotidiano a partir das percepções subjetivas de Clarice.

Observações: Logo no início desta crônica, escrita em formato de carta, Clarice dirige-se aos leitores: “*Amigo, ouça-me pois quero falar*”. No conteúdo, dividido em quatro colunas, ela se desculpa por não ter comparecido ao encerramento de uma exposição da artista plástica Maria Bonomi, à qual tece inúmeros elogios.

A autora também expõe sua identificação com a imagem de uma águia xilogravada por Maria, tecendo comparações ilustrativas entre sua própria personalidade e a figura da ave. De acordo com os apontamentos de Benjamin Moser, tais relações com o mundo animal são recorrentes em sua obra.

Além disso, nesta coluna ela ainda compara seu processo criativo ao da referida artista plástica, e faz comentários a respeito do livro que escrevia à época, no qual estava imersa. “*Meu subconsciente estava exausto, de tanto ser mexido, e sobrecarregado por eu ter caído sem o ter provocado – no chamado tumulto criador não conseguia mais parar de escrever. Eu dava, dava e dava como sangue irrompe de uma veia seccionada. Estava também machucada e o meu bico de águia se partindo*”.

Quadro VI - Análise da coluna *Amor, Quati, Cão, Feminino e Masculino*

2ª Coluna	
Título do Texto: Amor, Quati, Cão, Feminino e Masculino	
Data de Publicação: 10 de outubro de 1971	
Este texto consiste em: ☐ Uma crônica ☒ Um conto ☐ Uma reportagem ☐ Um artigo ☐ Uma resenha ☐ Outro	Justificativa: Este texto se define como um conto pois apresenta uma narrativa ficcional que conta com personagens e uma atmosfera mais densa que a de uma crônica.
Observações: Logo no início do texto, Clarice menciona o conteúdo de seu conto “Amor”, publicado na coletânea <i>Laços de Família</i> , de 1960. Em seguida, cita uma versão dessa mesma história reinventada por um de seus leitores, transcrevendo-a na íntegra.	

Tal decisão talvez tenha sido tomada por conta da alegria da autora ao encontrar alguém que finalmente a compreendesse, que desmentisse seu suposto hermetismo, ou simplesmente pelo desejo de Clarice em poder proporcionar visibilidade ao trabalho do autor.

A última suposição é improvável, visto que Clarice não cita o nome daquele que recriou a história, mas não impossível. A poeta Adélia Prado, por exemplo, citou em entrevista ao Programa Roda Viva, em 2014, uma passagem semelhante com a autora.

Adélia disse que, antes de ter seu trabalho publicado, conseguiu o endereço de Clarice e enviou-lhe alguns de seus poemas, tendo recebido como resposta uma carta animada da escritora, dizendo que iria lhe encontrar um editor – o que nunca aconteceu de fato.

Quadro VII - Análise da coluna *De Como Evitar um Homem Nu*

3ª Coluna	
Título do Texto: De Como Evitar um Homem Nu	
Data de Publicação: 17 de outubro de 1971	
Este texto consiste em: ☐ Uma crônica ☐ Um conto ☐ Uma reportagem ☐ Um artigo ☒ Uma resenha ☐ Outro	Justificativa: Este texto pode ser definido como uma resenha pois realiza uma análise despojada, ainda que muito séria, de um produto cinematográfico, abrangendo, inclusive, aspectos da pré-produção. Clarice ainda se utiliza da resenha para criticar a incoerência da censura.
Observações: Neste texto, Clarice faz uma resenha detalhada do filme <i>Como Era Gostoso o Meu Francês</i> , de 1971, ressaltando inclusive aspectos da pré-produção. De maneira audaciosa, a autora também faz uma crítica à censura, que, embora tenha proibido a exibição do longa em território nacional, autorizou sua comercialização para o exterior. Segundo Clarice, a censura fora motivada por cenas de nudez frontal masculina – no início, dos personagens indígenas e, posteriormente, de um	

homem branco –, o que representava um atentado à moral e aos bons costumes.

“Assisti ao filme em salinha de projeção particular. Havia outras pessoas assistindo também. Duas delas eram freiras do alto nível eclesiástico. A opinião delas: filme belíssimo, de uma grande pureza, de um valor histórico inestimável por causa de toda a reconstituição. Disseram que era um filme poético. A única cena realmente impura – disseram – seria aquela em que um mercador francês demonstrou sua cupidez diante do tesouro dos índios – aí é que se reconhece uma civilização de agora”.

Quadro VIII - Análise da coluna *Cérebro Eletrônico*

4ª Coluna	
Título do Texto: Cérebro Eletrônico	
Data de Publicação: 24 de outubro de 1971	
Este texto consiste em: ☒ Uma crônica ☐ Um conto ☐ Uma reportagem ☐ Um artigo ☐ Uma resenha ☐ Outro	Justificativa: Este texto é uma crônica pois é escrito em 1ª pessoa, apresenta um relato do cotidiano a partir das percepções subjetivas de Clarice.
Observações: Dentro deste texto, há dois intertítulos: <i>O Meu Próprio Mistério</i> e <i>Peço Licença para Existir</i> . No início, Clarice faz comentários sobre a cibernética e as tecnologias recém-chegadas da “ <i>máquina computadora</i> ”, como o armazenamento de dados. Em seguida, divaga sobre seus próprios mistérios e relata um episódio de seu cotidiano, quando enviou um de seus livros para o psicanalista de uma amiga e recebeu a seguinte devolutiva: “ <i>Essa moça Clarice dá tanto aos outros, e no entanto pede licença para existir</i> ”. A partir disso, comenta sobre a existência humana e sua timidez perante a vida. Em determinado momento do texto, ela também afirma: “ <i>Sou tão misteriosa que não me entendo</i> ” – declaração que Benjamin Moser também ressaltou em sua biografia sobre a autora.	

Quadro IX - Análise da coluna *Córdoba*

5ª Coluna	
Título do Texto: Córdoba	
Data de Publicação: 31 de outubro de 1971	
Este texto consiste em: ☒ Uma crônica ☐ Um conto ☐ Uma reportagem ☐ Um artigo ☐ Uma resenha ☐ Outro	Justificativa: Este texto pode ser entendido como uma crônica pois é escrito em 1ª pessoa, apresenta um relato de viagem composto por percepções subjetivas de Clarice. Ainda assim, interessante ressaltar que possui um protagonista, sendo ele próprio um personagem do cotidiano.
Observações: Nesta crônica, Clarice relata uma viagem a Córdoba, onde se deparou com a personalidade excêntrica do guia turístico “Pepe El Guia”, personagem que acabou sendo evidenciado na narrativa. <i>“Não era Pepe apenas, não era guia apenas. No calor do verão, o rosto entumecido pela bebida que mal se evaporava era substituído por outra, o homem parou no meio de uma ruela branca e sóbria de Córdoba, olhou-nos e disse bem lento para que a frase penetrasse bem nos dois turistas que éramos: - Usted, no tienen um guia. Ustedestienen – Pepe El Guia!”.</i>	

Quadro X - Análise da coluna *O Uso do Intelecto*

6ª Coluna	
Título do Texto: O Uso do Intelecto	
Data de Publicação: 7 de novembro de 1971	
Este texto consiste em ☒ Uma crônica ☐ Um conto ☐ Uma reportagem ☐ Um artigo ☐ Uma resenha	Justificativa: Este texto é uma crônica pois é redigido em 1ª pessoa, apresenta um relato do cotidiano a partir das percepções subjetivas de Clarice.

() Outro	Ainda assim, o relato é sentimental e denso, flertando com uma das características principais do conto.
Observações: Um texto de difícil definição, que, embora seja mais denso que uma crônica usual, não possui a estrutura e elementos ficcionais de um conto, como personagem e atmosfera. Além disso, há momentos em que Clarice dialoga com o leitor: <i>“O que é mesmo que eu estava tentando pensar? Talvez isso: se a mentira fosse apenas a negação da verdade, então este seria um dos modos, por negação, de provar a verdade”</i>. Dividido em 5 intertítulos, a autora faz relatos sobre sua experiência de criação, começando pelo exercício intelectual. Este que, uma vez desenvolvido em favor da autocompreensão, continuará funcionando, tentando entender e atingir ideias fora do alcance. De acordo com Clarice, quando relacionado ao ato da escrita, tal exercício demanda humildade. <i>“Escrever é tantas vezes lembrar-se do que nunca existiu. Como conseguirei saber do que nem ao menos sei? Assim: como se lembrasse”</i>. Em determinado intertítulo, o qual é composto por apenas um parágrafo, Clarice também relata o processo de construção das entrelinhas de sua obra, o que está além da palavra escrita e só pode ser atingido caso ela escreva de modo inconsciente. <i>“Então escrever é o modo de quem tem a palavra como isca: a palavra pescando o que não é palavra. Quando essa não palavra – a entrelinha – morde a isca, alguma coisa se escreveu. Uma vez que se pescou a entrelinha, poder-se-ia com alívio jogar a palavra fora. Mas aí cessa a analogia: a não palavra ao morder a isca, incorporou-a. O que salva então é escrever “distraidamente”.</i>” Em relação a esse parágrafo, este pesquisador pede licença para fazer um relato pessoal: Quando li esse trecho, algo que me chamou a atenção foi a sensação de familiaridade, como se eu já o tivesse lido antes em <i>Água-Viva</i>, meu romance preferido da autora, publicado em 1973, que versa justamente sobre um processo de produção subconsciente.	

Quando retornei para *Água-Viva*, a fim de identificar se havia de fato algo parecido, descobri que os dois parágrafos – o da crônica e o do livro – eram iguais.

Considerando essa informação, bem como ambas as datas de publicação, é possível inferir que Clarice, em *O Uso do Intelecto*, adiantou para seus leitores parte importante de seu empreendimento literário.

Quadro XI – Análise da coluna *Perfil de um Ser Eleito*

7ª Coluna	
Título do Texto: Perfil de um Ser Eleito	
Data de Publicação: 14 de novembro de 1971	
Este texto consiste em: ☐ Uma crônica ☒ Um conto ☐ Uma reportagem ☐ Um artigo ☐ Uma resenha ☐ Outro	Justificativa: Este texto é um conto, pois apresenta uma narrativa ficcional contada a partir da perspectiva de um determinado personagem e uma atmosfera mais densa que a de uma crônica. Ainda assim, é possível perceber a personalidade sutil de Clarice no texto.
Observações: De acordo com Benjamin Moser (2009, p. 17), Clarice expressa, neste texto, a “ <i>rebelião contra sua imagem</i> ” e a lenda que fora construída em torno dela. Ainda assim, configura-se como um conto por conta da densidade narrativa que envolve o personagem criado para ilustrá-la. Partindo da afirmação de Moser e considerando, portanto, que Clarice se utilizou da figura do ser eleito para falar sobre si própria, este pesquisador gostaria de ressaltar a semelhança entre o conteúdo deste texto e a afirmação feita pela autora no penúltimo intertítulo de <i>Cérebro Eletrônico</i> , sua quarta coluna publicada no Jornal da Cidade - “ <i>Sou tão misteriosa que não me entendo</i> ”. A congruência de ideias pode ser exemplificada no seguinte trecho de <i>Perfil de um Ser Eleito</i> : “ <i>Por ignorar as verdades menores, o ser já começava a parecer aos outros como rodeado de mistério: por ser ignorante, era um ser misterioso. Tornara-se uma mistura do que pensavam dele e do que ele</i>	

realmente era: um sabido ignorante; um sábio ingênuo; um esquecido que muito bem sabia de outras coisas; um sonso honesto; um pensativo distraído; um nostálgico sobre o que deixara de saber; um saudoso pelo que definitivamente, ao escolher, perdera; um corajoso por já ser tarde demais e já se ter escolhido”.

Quadro XII – Análise da coluna *As Pontes de Londres*

8ª Coluna	
Título do Texto: As Pontes de Londres	
Data de Publicação: 21 de novembro de 1971	
Este texto consiste em: ☒ Uma crônica ☐ Um conto ☐ Uma reportagem ☐ Um artigo ☐ Uma resenha ☐ Outro	Justificativa: Este texto é uma crônica, pois é escrito em 1ª pessoa, relata trechos do período em que Clarice viveu em Londres, todos eles afetados pelas percepções subjetivas de Clarice.
Observações: Como a própria Clarice esclareceu ao final, esta crônica foi escrita em um rompante de saudade. Nela, a autora resgata parte de sua memória, na qual se alojam os momentos que passou na capital da Inglaterra. Rememorando a atmosfera, o clima, a arquitetura, as paisagens, os restaurantes, as pessoas e os costumes, ela se refere à cidade com muita alegria, o que torna este texto um relato mais leve e despreocupado. <i>“Lembro-me que houve Idade Média na Inglaterra, e isso está nas torres. A segurança de certos ingleses chega às vezes a se tornar engraçada. Nas ruas andam depressa, é um povo lutador. E se o mundo não fosse tão doloroso, seria bonito ver a luta pela sobrevivência. E depois há a saudade dos escritores mortos. Tenho muita saudade de Lawrence”.</i>	

Quadro XIII – Análise da coluna *A Antiga Dama*

9ª Coluna
Título do Texto: A Antiga Dama
Data de Publicação: 28 de novembro de 1971

Este texto consiste em: () Uma crônica (X) Um conto () Uma reportagem () Um artigo () Uma resenha () Outro	Justificativa: Trata-se de um conto pois apresenta uma narrativa ficcional que, embora retrate uma situação experimentada no cotidiano, é contada a partir da perspectiva de um determinado personagem e possui uma atmosfera mais densa que a de uma crônica.
Observações: Neste pequeno conto, Clarice narra a dolorosa história de uma senhora com a vida cotidiana desocupada, que vive em uma pensão e busca, na rotina, um dia de alegria, de imersão em uma atmosfera sociável – que acaba por não encontrar na sala de estar de sua moradia, onde passa horas sozinha. Tais temas, a solidão e o abandono, foram abordados de maneira semelhante pela autora em <i>Feliz Aniversário</i>, um conto de atmosfera muito semelhante, publicado na coletânea <i>Laços de Família</i>, em 1960. Dividido em três intertítulos, a coluna também possui uma reflexão sobre a solidão, um relato sobre uma tarde chuvosa e uma constatação: “<i>Mas é que o erro das pessoas inteligentes é tão grave: elas têm os argumentos que provam</i>”.	

Quadro XIV – Análise da coluna *Fugir com o Circo*

10ª Coluna	
Título do Texto: Fugir com o Circo	
Data de Publicação: 05 de dezembro de 1971	
Este texto consiste em: () Uma crônica () Um conto () Uma reportagem () Um artigo () Uma resenha (X) Outro	Justificativa: Neste texto, Clarice imprime suas impressões pessoais sobre o ator Paulo Autran, propondo-se a construir uma representação do artista. Portanto, percebendo em “Fugir com o Circo” uma espécie de caricatura textual, este pesquisador resolveu defini-lo como um perfil.

Observações: Neste texto, Clarice traça uma espécie de perfil do autor Paulo Autran, com uma saudação especial ao seu trabalho em *Morte e Vida Severina*, adaptação do livro homônimo de João Cabral de Melo Neto.

Mesmo em se tratando de um perfil sobre outra pessoa, Clarice não deixa de estar presente enquanto personagem – tal como foi apontado por Maria Aparecida Nunes (2006) em sua pesquisa acerca das entrevistas feitas pela autora.

Em determinado trecho, a autora relata: *“Lembrei-me de quando assisti com grande emoção Vida e Morte Severina pelo TUCA, e ainda por cima, sou muito amiga de João Cabral. Paulo Autran bem que gostaria de conhecê-lo pessoalmente, não só por carta. Mas quando João Cabral passou pelo Rio, Autran estava viajando no Sul, exatamente representando Vida e Morte Severina”*.

Quadro XV – Análise da coluna *Destino*

11ª Coluna	
Título do Texto: Destino	
Data de Publicação: 12 de dezembro de 1971	
Este texto consiste em: ☐ Uma crônica ☒ Um conto ☐ Uma reportagem ☐ Um artigo ☐ Uma resenha ☐ Outro	Justificativa: Este texto é um conto pois apresenta uma narrativa ficcional que conta com personagens e uma atmosfera mais densa que a de uma crônica.
Observações: Nesta coluna, há um conto de difícil interpretação, no qual uma garota se encontra com um cachorro que possui características que ela gostaria de ter. Ou seja, mais uma vez, a autora constrói comparativos entre a natureza humana e o mundo animal, dessa vez expressos por meio de um sentimento invejoso. <i>“A dona esperava impaciente sob o guarda-sol. O bassê ruivo afinal despregou-se do olhar da menina e saiu sonâmbulo. Ela ficou espantada, como o acontecimento nas mãos, numa mudez que nem pai nem mãe</i>	

compreenderiam. Acompanhou-o com olhos pretos que mal acreditavam, debruçada sobre a bolsa e os joelhos, até vê-lo dobrar a outra esquina”.

Quadro XVI – Análise da coluna *Clarice Lispector Escreve*

12ª Coluna	
Título do Texto: Clarice Lispector Escreve	
Data de Publicação: 19 de dezembro de 1971	
Este texto consiste em: ☐ Uma crônica ☒ Um conto ☐ Uma reportagem ☐ Um artigo ☐ Uma resenha ☐ Outro	Justificativa: Este texto pode ser definido como um conto pois apresenta uma narrativa ficcional que conta com personagens e uma atmosfera mais densa que a de uma crônica.
Observações: Esta coluna não possui título específico, sendo dividida em três pequenos contos: <i>Estudo de um Guarda-Roupa</i> , <i>Reconstituição Histórica de uma Dama Nobre</i> e <i>Lembrança de um Homem que desistiu</i> , cujo título aparece em caixa alta, como destaque. Nesse último, ela se utiliza de um personagem semelhante ao de <i>Perfil de um Ser Eleito</i> para divagar sobre a renúncia a determinadas atividades, entre elas a artística, que demandam o abandono da personalidade. Além disso, escreve sobre Cristo e suas fraquezas – que, segundo a autora, só podem ser perdoadas de acordo com a consciência comum das fraquezas individuais –, ressaltando seus interesses cosmogônicos e configurando mais uma de suas tentativas de aproximação com o divino por meio da literatura.	

Quadro XVII – Análise da coluna *Refúgio*

13ª Coluna	
Título do Texto: Refúgio	
Data de Publicação: 25 de dezembro de 1971	
Este texto consiste em: ☒ Uma crônica ☐ Um conto	Justificativa: Este texto é uma crônica em razão da adoção da 1ª pessoa, a própria Clarice, a qual

☐ Uma reportagem ☐ Um artigo ☐ Uma resenha ☐ Outro	apresenta uma representação de como seria seu lugar ideal, como o próprio título sugere.
Observações: Nesta crônica, Clarice constrói a imagem de seu refúgio ideal, em uma clareira na floresta, à meia-luz, com um leão e borboletas. A autora fala sobre o medo que sente do mundo desconhecido e do vazio além da clareira. Mais uma vez, há uma animalidade ilustrativa em sua produção, com a figura do leão e das borboletas, que pode estar relacionada também a uma das afirmações feitas por Clarice em sua entrevista à TV Cultura: “<i>Sou tímida e ousada ao mesmo tempo</i>”. No primeiro intertítulo, por sua vez, ela constrói um diálogo, por meio do qual podemos perceber certa ironia em relação aos comentários feitos sobre o hermetismo de seus textos – comentários que ela também refutou em entrevista à TV Cultura. Esse diálogo remete também a outra questão sempre retomada pela escritora: o mistério construído em torno de si própria – representações que, segundo ela, fogem da realidade. Tal tema também já foi abordado em <i>Cérebro Eletrônico</i>, de 24 de outubro de 1971, e <i>Perfil de um Ser Eleito</i>, de 14 de novembro de 1971. No terceiro intertítulo, Clarice divaga sobre a quase inalcançável possibilidade de deixar de escrever: “<i>Até hoje eu por assim dizer não sabia que se pode não escrever. Gradualmente até que de repente a descoberta tímida: quem sabe, também eu já poderia não escrever. Como é infinitamente mais ambicioso. E quase inalcançável</i>”.	

Quadro XVIII – Análise da coluna *Espectadores do Próprio Destino*

14ª Coluna	
Título do Texto: Espectadores do Próprio Destino	
Data de Publicação: 01 de janeiro de 1972	
Este texto consiste em: ☒ Uma crônica	Justificativa: Este texto é uma crônica, pois está escrito em 1ª

☐ Um conto ☐ Uma reportagem ☐ Um artigo ☐ Uma resenha ☐ Outro	pessoa, apresenta um relato do cotidiano a partir das percepções subjetivas de Clarice. Por meio dele, a autora também reflete sobre sua própria vivência.
Observações: Escrito de maneira aparentemente despretensiosa, este texto se aprofunda sobre uma anotação encontrada por Clarice em um antigo caderno, que acaba por gerar uma reflexão acerca da necessidade de viver a vida a despeito de seus infortúnios, buscando no presente as respostas em vez de procurá-las no passado, ou em uma simples observação da existência. Influenciada pelo espírito de Ano-Novo, a autora também apresenta uma reflexão otimista no intertítulo <i>Ainda se Pode Ver</i>, no qual expõe a alegria em continuar se surpreendendo diante da vida, mesmo diante das limitações civilizatórias que limitaram os costumes primitivos dos seres humanos. <i>“Sou grata a meus olhos que ainda se espantam tanto. Ainda verei muitas coisas. Para falar verdade, mesmo sem melancia, uma mesa nua também é algo para se ver. Que me perdoem os cegos, pelos quais tenho tanto carinho. Feliz Ano Novo”.</i>	

Quadro XIX – Análise da coluna *O Estado Atingido*

15ª Coluna	
Título do Texto: O Estado Atingido Data de Publicação: 08 de janeiro de 1972	
Este texto consiste em: ☐ Uma crônica ☒ Um conto ☐ Uma reportagem ☐ Um artigo ☐ Uma resenha ☐ Outro	Justificativa: Este texto é um conto, pois apresenta uma narrativa ficcional que, embora retrate situações experimentadas no cotidiano, conta com personagens e uma atmosfera mais densa que a de uma crônica.
Observações: Esta coluna é dividida em cinco intertítulos: <i>O Estado Atingido</i> , <i>Caderno de Notas</i> , <i>Exercício</i> , <i>Supondo o Certo</i> e <i>Supondo o Errado</i> .	

No primeiro, a autora descreve o estado de desgaste de um casamento cujo ponto de tensão atingido acabou por se tornar comum. No segundo, ela novamente reflete sobre uma anotação encontrada em um antigo caderno, que versa sobre “*as grandes coisas*” que são feitas em favor da salvação pessoal. Em *Supondo o Certo* e *Supondo o Errado*, por sua vez, há revelações muito íntimas sobre a escritora, nas quais ela questiona sua força, aparência e coerência.

Além disso, é importante ressaltar o conteúdo do terceiro intertítulo, *Exercício*, que faz alusão a algo discutido no primeiro capítulo desta pesquisa, quando abordadas as definições da crônica.

Em *Exercício*, Clarice comenta sobre a leveza que sente ao escrever para um grande público e a personalidade desenvolvida em suas colunas – em seus textos “*para muitos*”: “*Está sendo agradável a sensação. Aliás, tenho me comovido muito ultimamente descobri, com surpresa, que sou suportável. Às vezes, até agradável de ser*”.

Quadro XX – Análise da coluna *Dança Estranha*

16ª Coluna	
Título do Texto: Dança Estranha	
Data de Publicação: 16 de janeiro de 1972	
Este texto consiste em: ☒ Uma crônica ☐ Um conto ☐ Uma reportagem ☐ Um artigo ☐ Uma resenha ☐ Outro	Justificativa: Este texto pode ser definido como uma crônica pois, escrito em 1ª pessoa, apresenta um relato do cotidiano a partir das percepções subjetivas de Clarice.
Observações: Nesta crônica, Clarice tece uma crítica não tão positiva a um espetáculo de dança que acabou deixando-a entediada: “ <i>Aterrada pelo fato de já estar no teatro, eles me torturam sem pressa, mostrando pouco a pouco, como pés nus têm a mesma inteligência indicativa de mãos, como a pele escura é a mais certa, mostrando como é que se vivia atrás de uma Bíblia, tão</i>	

grande que até ímpia ela também é – fascinando-me com a repetição exaustiva da mesma verdade”.

Ainda assim, a autora acaba trazendo reflexões bastante pontuais, tais como: *“A plateia mal tolera, tão monótona esta dança já determinada há séculos. E também porque é iniludível o nosso mal-estar diante do Oriente: é um outro modo de saber a vida. O deles. E depois há outro mal-estar: sente-se que eles não acreditam em nós”.*

Quadro XXI – Análise da coluna *A Geleia Viva como Placenta*

17ª Coluna	
Título do Texto: A Geleia Viva como Placenta	
Data de Publicação: 23 de janeiro de 1972	
Este texto consiste em: ☒ Uma crônica ☐ Um conto ☐ Uma reportagem ☐ Um artigo ☐ Uma resenha ☐ Outro	Justificativa: Este texto se define como uma crônica pois é escrito em 1ª pessoa, apresenta um relato do cotidiano a partir das percepções subjetivas de Clarice. Novamente, a densidade do texto e das considerações de Clarice se torna uma armadilha para sua classificação.
Observações: Neste texto, Clarice relata um sonho, no qual se depara com a inexistência de uma morte e uma vida permanente. Ao acordar do sonho, faz a seguinte colocação: <i>“Mas percebi que um de meus braços estava para fora do lençol. Com um sobressalto, recolhi-o: nada meu deveria estar exposto, se é que eu ainda queria me salvar. Eu queria me salvar?”.</i> É possível perceber também uma incoerência, haja vista os momentos, mesmo ao longo dessas publicações, em que a autora refuta a ideia de se apresentar como um ser misterioso, mesmo afirmando, em <i>Geleia Viva como Placenta</i> , a necessidade de não se expor para se salvar. O mistério em torno de Clarice talvez fosse, na verdade, sua salvação.	

Quadro XXII – Análise da coluna *A Lucidez Perigosa*

18ª Coluna

Título do Texto: A Lucidez Perigosa Data de Publicação: 30 de janeiro de 1972	
Este texto consiste em: (X) Uma crônica () Um conto () Uma reportagem () Um artigo () Uma resenha () Outro	Justificativa: Este texto se define como uma crônica, pois é escrito em 1ª pessoa, apresenta um relato de percepções de Clarice acerca de si própria e de seus sentimentos.
Observações: Dividido em quatro intertítulos, este texto possui um título bastante esclarecedor. Clarice começa falando sobre a possibilidade de sua lucidez perante a vida impedi-la de viver, tanto que chega a tecer elogios a uma suposta alienação: <i>“Apaga pois minha flama, Deus, porque ela não me serve para viver os dias”</i> . Em seguida, reflete sobre sua infância: <i>“Retrogredi: sou uma criança pequena. Eu me deito e todos dormem comigo. Nada de mau pode acontecer. Tudo é bom e suave. A alma é eterna. Nunca ninguém morre. O prazer de ser criança é grande e doce”</i> . Faz ainda colocações sobre o sofrimento que enfrenta na busca pelos prazeres, escrevendo com admiração sobre o mundo animal, almejando para si esta natureza. <i>“Se o mundo não fosse humano, também haveria lugar para mim, eu seria uma mancha difusa do instinto, doçuras e ferocidades, uma irradiação de paz e luta: se o mundo não fosse humano eu me arranjaría sendo um bicho”</i> . Importante citar também o conteúdo do último intertítulo, denominado <i>Até a Máquina?</i> , no qual Clarice expõe uma mensagem deixada pelo consertador de sua máquina de escrever: <i>“s d f g c l k j a e v que Deus seja louvado p o y 3 c”</i> .	

Quadro XXIII – Análise da coluna *Hoje Nasce um Menino*

19ª Coluna
Título do Texto: Hoje Nasce um Menino Data de Publicação: 06 de fevereiro de 1972

Este texto consiste em: () Uma crônica (X) Um conto () Uma reportagem () Um artigo () Uma resenha () Outro	Justificativa: Este texto pode ser definido como um conto, pois apresenta uma narrativa ficcional que conta com personagens e uma atmosfera mais densa que a de uma crônica, ainda que muito poética.
Observações: Um conto delicado, por meio do qual Clarice busca ilustrar o nascimento de Jesus Cristo, o que pode ser interpretado como outra tentativa da autora em se conectar e entender o fenômeno criador. <i>“Este menino, que renasce em cada criança nascida, iria querer que fossemos fraternos, diante da nossa condição e diante de Deus. O menino iria se tornar homem e falaria”.</i>	

Quadro XXIV – Análise da coluna *Verão no Baile*

20ª Coluna	
Título do Texto: Verão no Baile	
Data de Publicação: 13 de fevereiro de 1972	
Este texto consiste em: () Uma crônica (X) Um conto () Uma reportagem () Um artigo () Uma resenha () Outro	Justificativa: Este texto é um conto pois apresenta uma narrativa ficcional que conta com personagens e uma atmosfera mais densa que a de uma crônica.
Observações: Nesta coluna, há uma miscelânea de textos de difícil interpretação, tanto individualmente como em conjunto. Os quatro primeiros são pequenos contos que narram, respectivamente, uma cena comum na rotina de uma senhora em seu círculo social, o modo de vida da população de uma montanha na Itália, a insignificância de cinco irmãos e uma carta de amor endereçada a uma mulher chamada Therezinha, que não sabia ler.	

Os três últimos são breves constatações de Clarice sobre temas variados: “*Ter nascido me estragou a saúde*”; “*Depois que descobri em mim mesma como é que se pensa, fazendo comigo mesma negociatas, nunca mais pude acreditar nos pensamentos dos outros*”; “*Deus lhe deu inúmeros pequenos dons que ele não usou nem desenvolveu por receio de ser um homem completo e sem pudor*”.

O último deles, como é possível observar, outra de suas especulações sobre Deus.

Quadro XXV – Análise da coluna *Morro de Pena de Meus Personagens*

21ª Coluna	
Título do Texto: Morro de Pena de Meus Personagens	
Data de Publicação: 20 de fevereiro de 1972	
Este texto consiste em: ☒ Uma crônica ☐ Um conto ☐ Uma reportagem ☐ Um artigo ☐ Uma resenha ☐ Outro	Justificativa: Este texto é entendido como uma crônica, pois é escrito em 1ª pessoa, apresenta um relato do cotidiano criativo da autora, o qual ela relaciona com a própria vivência.
Observações: Neste texto, dividido em quatro intertítulos, Clarice admite que seus personagens sofrem demais, mas justifica suas atitudes enquanto escritora dizendo que “ <i>tudo que é vivo, sofre</i> ”, também que esse é o motivo de seu medo em escrever. Ainda assim, é possível interpretar tal afirmação de outra maneira. Levando em consideração a ligação de Clarice com seus personagens, pode-se dizer que o medo da autora é, na verdade, o de se deparar com o próprio sofrimento – a lucidez perigosa sobre a qual escreveu em 30 de janeiro de 1972. Em determinado intertítulo, também faz uma análise de um dos quadros do artista Darel Valença Lins, e finaliza o texto com uma reflexão sobre a saudade e o medo que possui de se reencontrar consigo mesma.	

“Estou com saudade de mim. Ando pouco recolhida, atendo demais ao telefone, escrevo depressa. Onde está eu? Preciso fazer um retiro espiritual e encontrar-me enfim – enfim, mas que medo – comigo mesma”.

Quadro XXVI – Análise da coluna *O Pianista*

22ª Coluna	
Título do Texto: O Pianista	
Data de Publicação: 27 de fevereiro de 1972	
Este texto consiste em: ☐ Uma crônica ☒ Um conto ☐ Uma reportagem ☐ Um artigo ☐ Uma resenha ☐ Outro	Justificativa: Este texto se define como um conto pois apresenta uma narrativa ficcional contada a partir da perspectiva de um determinado personagem e uma atmosfera mais densa que a de uma crônica.
Observações: Nesta coluna, há dois pequenos contos e, posteriormente, um relato pessoal de Clarice. A autora o inicia contando a história de um pianista desprovido de um meio-termo em relação à intensidade por meio da qual expressará sua arte: <i>“Quanto aos “seus sentimentos” não podiam se exprimir pela música senão em duas variantes primárias: ora o pianíssimo, ora o fortíssimo. Passava de um para outro sem aviso, o que na verdade exprimia os sentimentos primários da moça da portaria”.</i> Em seguida, no primeiro intertítulo, a autora relata uma passagem entre um casal de namorados, na qual eles se descobrem um para o outro na vida cotidiana. No terceiro intertítulo, por sua vez, faz alusão às histórias que escrevia em sua infância, bem como suas frustradas tentativas de publicação no suplemento infantil do Diário de Pernambuco. Sobre a não publicação dessas histórias, ainda comenta: <i>“E mesmo então era fácil de ver por quê. Nenhum contava propriamente uma história com os fatos necessários a uma história. Eu lia as que eles publicavam, e todas relatavam um acontecimento. Mas se eles eram teimosos, eu também”.</i>	

Quadro XXVII – Análise das colunas *Uma História Policial para Crianças*, *O Mistério do Coelho Pensante (2ª Parte)* e *O Mistério do Coelho Pensante (Conclusão)*

23ª, 24ª e 25ª Colunas	
Título do Texto: O Mistério do Coelho Pensante Data de Publicação: 05, 12 e 19 de março de 1972	
Este texto consiste em: ☐ Uma crônica ☒ Um conto ☐ Uma reportagem ☐ Um artigo ☐ Uma resenha ☐ Outro	Justificativa: Este texto é um conto, pois apresenta uma narrativa ficcional infantil, que se utiliza de um personagem, o coelho, para propor reflexões às crianças e aos pais.
Observações: Neste quadro serão analisadas três publicações – <i>Uma História Policial para Crianças</i> , <i>O Mistério do Coelho Pensante (2ª Parte)</i> e <i>O Mistério do Coelho Pensante (Conclusão)</i> – que se referem à primeira história infantil escrita por Clarice em razão de uma ordem dada pelo seu filho, Paulo Gurgel Valente. Na primeira semana de publicação, a autora introduz o texto com um prefácio, cujo conteúdo contém esclarecimentos a respeito da história e um pedido de desculpas. “ <i>Como a história foi escrita para uso doméstico, deixei todas as entrelinhas para as explicações orais. Peço desculpas a pais e mães, tios e tias e avós, pela contribuição forçada que serão obrigados a dar. Mas pelo menos posso garantir, por experiência própria, que a parte oral desta história é o melhor dela</i> ”. Segundo Aparecida Maria Nunes, essa história fora escrita em inglês, quando Clarice ainda vivia nos Estados Unidos, para que a empregada pudesse ler para seu filho. Anos depois, quando lhe solicitaram uma história infantil, a autora se lembrou do coelho pensante e publicou sua narrativa, ganhadora do prêmio de melhor livro infantil de 1967.	

Quadro XXVIII – Análise da coluna *O Ato Gratuito*

26ª Coluna

Título do Texto: O Ato Gratuito	
Data de Publicação: 26 de março de 1972	
Este texto consiste em: ☒ Uma crônica ☐ Um conto ☐ Uma reportagem ☐ Um artigo ☐ Uma resenha ☐ Outro	Justificativa: Este texto é uma crônica, pois é escrito em 1ª pessoa, apresenta um relato do cotidiano a partir das percepções subjetivas de Clarice.
Observações: Nesta coluna há uma crônica de caráter confessional sobre a busca por um rompante de liberdade, que acabou levando Clarice para o Jardim Botânico do Rio de Janeiro, cujos detalhes ela subitamente descreve em um vívido relato sensorial: <i>“O mistério me rodeava. Olhei uma árvore de tronco nodoso e escuro tão largo que me seria impossível abraçá-lo. Por dentro dessa madeira de rocha, através de raízes pesada e duras como garras, como é que corria? Essa coisa quase inatingível e que é vida? Havia seiva em tudo como há sangue em nosso corpo”</i> .	

Quadro XXIX – Análise da coluna *Minha Próxima e Excitante Viagem pelo Mundo*

27ª Coluna	
Título do Texto: Minha Próxima e Excitante Viagem pelo Mundo	
Data de Publicação: 02 de abril de 1972	
Este texto consiste em: ☒ Uma crônica ☐ Um conto ☐ Uma reportagem ☐ Um artigo ☐ Uma resenha ☐ Outro	Justificativa: Este texto é uma crônica, pois é escrito em 1ª pessoa, apresenta divagações da autora sobre sua próxima suposta viagem pelo mundo, que acaba por se revelar como uma mentira bem-humorada de 1º de abril.
Observações: Nesta crônica, disfarçada de relato de viagem, Clarice faz planos para sua próxima suposta visita à Europa. Por meio desses planos, é possível vislumbrar os costumes da autora e parte de sua rotina quando fora	

do país. Descobre-se, por exemplo, que seu perfume favorito era fabricado pela *Maison Carven*, de Paris, e se chamava *Vert et Blanc*.

Contudo, antes do final da crônica, a autora revela que o texto se trata apenas de uma pegadinha de 1º de abril. “*Desculpem a brincadeira. Mas é que não resisti*”.

Quadro XXX – Análise da coluna *Taquicardia a Dois*

28ª Coluna	
Título do Texto: Taquicardia a Dois	
Data de Publicação: 16 de abril de 1972	
Este texto consiste em: ☒ Uma crônica ☐ Um conto ☐ Uma reportagem ☐ Um artigo ☐ Uma resenha ☐ Outro	Justificativa: Este texto é uma crônica, pois é escrito em 1ª pessoa, apresenta um relato do cotidiano a partir das percepções subjetivas de Clarice.
Observações: Nesta crônica, Clarice se utiliza da fraqueza de um sabiá como figura ilustrativa para retratar a delicadeza e o respeito à liberdade: “ <i>E lá ficou, de sabiá na mão. O coraçãozinho do sabiá batia em louca taquicardia. E o pior é que minha amiga estava toda taquicardiaca. Ali, pois, ficaram os dois, tremendo por dentro: a amiga sentindo o próprio coração palpitar depressa; e na mão sentindo o bater apressadinho e desordenado do sabiá</i> ”. No único intertítulo, chamado <i>Assim Também Não</i> , ainda relata uma experiência inusitada com um rapaz que se aproveitou de sua corrida de táxi para uma carona e a irritou com suas narrativas amorosas. “ <i>Eu já estava enojada de tanto amor conjugal e também do tom ligeiramente fora de foco que ele usava nas suas mentiras, não sei por que necessárias</i> ”.	

Quadro XXXI – Análise da coluna *Uma História Estranha e Inacabada*

29ª Coluna
Título do Texto: Uma História Estranha e Inacabada
Data de Publicação: 23 de abril de 1972

Este texto consiste em: () Uma crônica (X) Um conto () Uma reportagem () Um artigo () Uma resenha () Outro	Justificativa: Este texto é um conto, pois apresenta uma narrativa ficcional que conta com personagens e uma atmosfera mais densa que a de uma crônica.
Observações: Nesta coluna, Clarice faz uma introdução de três linhas, por meio da qual comenta sobre uma história que escreveu e nunca chegou a terminar, devido a estranheza que lhe causava. A autora ainda diz: “Quem quiser, que a prossiga”, e transcreve o conto na íntegra. Contudo, é realmente difícil descobrir o tema dessa história, que narra a convivência de um homem com uma águia empalhada, sendo que o animal acaba se tornando sua companhia diária, em um contexto de solidão e preocupação no qual ele esquece que também já morreu.	

Quadro XXXII – Análise da coluna *Por medo do Desconhecido*

29ª Coluna	
Título do Texto: Por Medo do Desconhecido	
Data de Publicação: 30 de abril de 1972	
Este texto consiste em: (X) Uma crônica () Um conto () Uma reportagem () Um artigo () Uma resenha () Outro	Justificativa: Trata-se de uma crônica, pois é escrito em 1ª pessoa, apresenta um relato de percepções de Clarice acerca de si própria e de seus sentimentos.
Observações: Clarice inicia o último texto de sua coluna para o Jornal da Cidade de Bauru falando sobre uma felicidade que lhe é estranha, e da qual não sabe o que fazer. Tal como em <i>A Lucidez Perigosa</i>, no qual chega a recusar a lucidez em favor do retorno da alienação – com a qual era fácil de conviver –, neste texto ela diz: “<i>Ser feliz? Deus dá nozes a quem não tem dentes</i>”.	

No primeiro intertítulo, *Depoimento de um Artista*, transcreve um depoimento do desenhista Abelardo Zaluar a respeito da maturidade de seu trabalho e do desprezo pelas classificações artísticas.

Em seguida, no intertítulo *Sobre Escrever*, dialoga com o leitor dizendo que a curiosidade é, afinal, o que lhe motiva a escrever, e finaliza o texto no intertítulo *Rosas Silvestres*, no qual expõe: “*Era assim que eu queria morrer, perfumando de amor. Morta e exalando a alma viva. Rosas silvestres, eu vos amo. Diariamente, se estais presentes, morro por vosso perfume*”.

A partir das análises apresentadas, retomo, no capítulo a seguir, o percurso metodológico realizado, para, assim, avaliar se os objetivos traçados foram atingidos, bem como qualificar os resultados encontrados a partir de inferências.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Peço licença para retomar, nesta conclusão, o caráter pessoal apresentado no preâmbulo desta pesquisa. Quando o escrevi, ainda não havia feito uma análise aprofundada dos textos publicados por Clarice no Jornal da Cidade de Bauru e, dessa forma, ainda não havia me dado conta da magnitude do que eu viria a analisar.

Deixarei as altas doses de sentimentalismo para o final do capítulo, mas adianto que, até ter realizado contato profundo e direto com essa produção, não tinha me dado conta da responsabilidade que abraçaria. Por alguns meses, habitei o mundo de Clarice mais que como um simples leitor: como pesquisador.

Ao longo da análise, a primeira dificuldade com a qual me deparei foi a da classificação, pois muitas dessas colunas são divididas em intertítulos e aparentam ser uma colcha de retalhos de crônicas, contos e resenhas. A saída foi classificar apenas os textos que, nesses casos, davam nome às publicações, como se estivessem em uma posição de destaque, sendo *A Antiga Dama*, de 28 de novembro de 1971, e *O Pianista*, de 27 de fevereiro de 1972, os dois principais exemplos.

Oficialmente, entre as 30 publicações, há 15 crônicas, 13 contos, apenas uma resenha e um texto classificado como “Outro”, no qual a autora constrói um perfil do ator Paulo Autran. Não há resquícios de Jornalismo Informativo, como reportagens e entrevistas.

Para descobrir a natureza dessas colunas, a fim de identificar se alguma delas era inédita quando publicada no Jornal da Cidade, tive que recorrer ao posfácio e ao índice da coletânea *Todas as Crônicas*, publicada pela Editora Rocco em 2018, na qual encontrei as informações expostas no quadro a seguir:

Quadro XXXIII – Histórico de publicação das colunas analisadas

Coluna	Data de publicação no JC	Data de publicação original	Veículo de publicação original	Título de publicação original
Carta Sobre Maria Bonomi	03/10/1971	02/10/1971	Jornal do Brasil	Carta Sobre Maria Bonomi
Amor, Quati, Cão, Feminino e Masculino	10/10/1971	09/10/1971	Jornal do Brasil	Amor, Quati, Cão, Feminino e Masculino
De Como Evitar um Homem Nu	17/10/1971	16/10/1971	Jornal do Brasil	De Como Evitar um Homem Nu
Cérebro Eletrônico	24/10/1971	13/07/1968	Jornal do Brasil	Cérebro Eletrônico: O que sei é que é tão pouco
Córdoba	31/10/1971	1964	2ª parte do livro <i>Legião Estrangeira</i>	Um Homem Espanhol
O Uso do Intelecto	07/11/1971	06/11/1971	Jornal do Brasil	O Uso do Intelecto
Perfil de um Ser Eleito	14/11/1971	13/11/1971	Jornal do Brasil	Perfil de um Ser Eleito
As Pontes de Londres	21/11/1971	20/11/1971	Jornal do Brasil	As Pontes de Londres
A Antiga Dama	28/11/1971	27/11/1971	Jornal do Brasil	A Antiga Dama
Fugir com o Circo	05/12/1971	04/12/1971	Jornal do Brasil	Fugir com o Circo
Destino	12/12/1971	25/10/1969	Jornal do Brasil	O Intransponível
Clarice Lispector Escreve	19/12/1971	18/12/1971	Jornal do Brasil	História de um Guarda-Roupa (título do conto inicial da coluna)
Refúgio	25/12/1971	22/04/1972	Jornal do Brasil	Refúgio
Espectadores do Próprio Destino	01/01/1972	Informação não encontrada	Informação não encontrada	Informação não encontrada
O Estado Atingido	08/01/1972	15/01/1972	Jornal do Brasil	O Estado Atingido
Dança Estranha	16/01/1972	22/01/1972	Jornal do Brasil	Tentativa de Descrever Sutilezas
A Geleia Viva Como Placenta	23/01/1972	29/01/1972	Jornal do Brasil	A Geleia Viva Como Placenta
A Lucidez Perigosa	30/01/1972	05/02/1972	Jornal do Brasil	A Lucidez Perigosa
Hoje Nasce um Menino	06/02/1972	24/12/1971	Jornal do Brasil	Hoje Nasce um Menino
Verão no Baile	13/02/1972	04/03/1972	Jornal do Brasil	Verão no Baile
Morro de Pena de Meus Personagens	20/02/1972	Informação não encontrada	Informação não encontrada	Informação não encontrada
O Pianista	27/02/1972	19/02/1972	Jornal do Brasil	O Pianista

Uma História Policial para Crianças	05/03/1972	1967	Livro	<i>O Mistério do Coelho Pensante</i>
O Mistério do Coelho Pensante (2ª parte)	12/03/1972	1967	Livro	<i>O Mistério do Coelho Pensante</i>
O Mistério do Coelho Pensante (Conclusão)	19/03/1972	1967	Livro	<i>O Mistério do Coelho Pensante</i>
O Ato Gratuito	26/03/1972	08/04/1972	Jornal do Brasil	O Ato Gratuito
Minha Próxima e Excitante Viagem pelo Mundo	02/04/1972	01/04/1972	Jornal do Brasil	Minha Próxima e Excitante Viagem pelo Mundo
Taquicardia a Dois	16/04/1972	15/04/1972	Jornal do Brasil	Taquicardia a Dois
Uma História Estranha e Inacabada	23/04/1972	Informação não encontrada	Informação não encontrada	Informação não encontrada
Por Medo do Desconhecido	30/04/1972	03/06/1972	Jornal do Brasil	Por Medo do Desconhecido (trecho)

É possível constatar, portanto, que oito desses 30 textos foram publicados no Jornal da Cidade de Bauru antes de sua suposta publicação original no Jornal de Brasil, sendo eles: *Refúgio*, *O Estado Atingido*, *Dança Estranha*, *A Geleia Viva Como Placenta*, *A Lucidez Perigosa*, *Verão no Baile*, *O Ato Gratuito* e *Por Medo do Desconhecido*.

Ainda assim, de acordo com apontamentos feitos por Pedro Karp Vasquez (2018) no posfácio de *Todas as Crônicas*, é difícil indicar certamente se tais textos são realmente inéditos, uma vez que Clarice costumava reciclar seus textos para diferentes veículos, aproveitando o vácuo de tempo entre as publicações – que podia chegar a 20 anos. A autora reaproveitava contos como crônicas, crônicas como contos e, muitas vezes, suas colunas eram compostas por retalhos textuais de outros trabalhos. Um dos exemplos é a crônica *Córdoba*, que já havia sido publicada com outro título na segunda parte do livro *Legião Estrangeira*, em 1964.

É possível observar algo parecido em *Morro de Pena de Meus Personagens*, de 20 de fevereiro de 1972, cujo terceiro dos quatro intertítulos publicados no Jornal da Cidade – *Desencontro*, *Viver*, e *É Preciso Parar* – constam na coletânea *Todas as Crônicas* sob a aba de outro texto introdutório chamado *Um Fenômeno de Parapsicologia*.

Ainda assim é possível se alegrar com o aspecto geral, pois fica claro que, apesar das ressalvas, há oito textos que foram publicados no Jornal da Cidade antes

do lançamento no Jornal do Brasil – que possuía circulação nacional –, e, mesmo nos casos inversos, o período de diferença entre as duas publicações era curto, e não desvalorizava o veículo municipal.

Feitos esses apontamentos, podemos, enfim, passar para as considerações acerca do conjunto da obra.

Algo que se torna claro logo nas primeiras colunas é o fato de que Clarice utilizará seu espaço como um diário, ao qual presenteia o leitor com livre acesso. Em determinados momentos, como em *Cérebro Eletrônico*, de 24 de outubro de 1971, Clarice combina cenas de seu cotidiano, com angústias e desabafos sobre suas inquietações. Na referida crônica, por exemplo, há um intertítulo composto por uma única afirmação: “*Sou tão misteriosa que não me entendo*”.

Casos como esse, nos quais a autora faz breves comentários sobre temas que aparentemente transpassaram sua mente na ocasião da escrita, são comuns em sua coluna, bem como aqueles em que ela fala sobre o próprio processo criativo. São exemplos *Carta sobre Maria Bonomi*, de 03 de outubro de 1971, *O Uso do Intelecto*, de 07 de novembro de 1971, *Clarice Lispector Escreve*, de 19 de dezembro de 1971, *Refúgio*, de 25 de dezembro de 1971, *O Estado Atingido*, de 08 de janeiro de 1972, *Morro de Pena de Meus Personagens*, de 20 de fevereiro de 1972, *O Pianista*, de 27 de fevereiro de 1972, *O Mistério do Coelho Pensante*, de 05, 12 e 19 de março de 1972, *Um História Estranha e Inacabada*, de 23 de abril de 1972, e *Por Medo do Desconhecido*, de 30 de abril de 1972.

O Mistério do Coelho Pensante, primeira história infantil escrita por Clarice, publicada em 1967, foi transcrita para o Jornal da Cidade e dividida em três semanas de publicação, sob os seguintes títulos: *Uma História Policial para Crianças*, *O Mistério do Coelho Pensante – 2ª parte*, e *O Mistério do Coelho Pensante – Conclusão*. Situação semelhante à de *Uma História Estranha e Inacabada*, de 23 de abril de 1972, na qual a autora transcreve, como o próprio nome já diz, um texto que nunca foi capaz de finalizar, pedindo ao leitor que terminasse caso quisesse.

Em suas páginas bauruenses, há também outros temas recorrentes na literatura da escritora, tais como a animalidade – *Carta Sobre Maria Bonomi*, *Refúgio*, *A Lucidez Perigosa* – e a cosmogonia – *Clarice Escreve*, *Hoje Nasce um Menino* e *Verão no Baile*. Além de algumas surpresas, como a crítica a censura feita em *De Como Evitar um Homem Nu* e a brincadeira de 1º de abril feita em *Minha Próxima e Excitante Viagem pelo Mundo*.

Quando se chega ao final da leitura, portanto, é indiscutível a abrangência dessa produção, pois o conjunto, além de servir como um breve resumo da obra da autora, pode ser considerada uma curta biografia dessa fase de sua vida.

O palco dessa produção, por sua vez, foi o Jornal da Cidade de Bauru, que viabilizou o contato da população do interior paulista com essa produção. Por meio dele, seus leitores puderam ter contato direto com esses recortes do trabalho jornalístico opinativo de Clarice, construídos, muitas vezes, em uma linguagem mais acessível, particular da crônica. Além de democratizar o acesso à escrita da autora, o próprio veículo absorveu em sua história a importância do conjunto jornalístico-literário feito por ela, sentindo nas páginas o sabor de oito publicações aparentemente inéditas e outras 22 de imensurável valor.

Diante disso, percebo que assumi uma postura perigosa no início desse processo acadêmico, uma passividade em relação ao objeto de estudo. Em vez de me atropelar nas análises, afastando rapidamente Clarice dos pensamentos, abri as portas de minha casa para ela. Permiti que me acompanhasse na rotina diária, que dividisse meus pensamentos com temas do cotidiano, do café da manhã ao jantar. Passei feriados com ela, apresentei-a aos amigos e familiares, deixando voluntariamente que me invadisse.

Nada mais justo. Afinal, ela também me abriu as portas de sua casa, suas gavetas, seus cadernos de anotações e pensamentos. Deu-me acesso à rotina e ao cotidiano repleto de mistérios, convidou-me para partilhar de suas inquietudes, na quais tentava entender o mundo, perseguir a impossível alienação e abandonar a felicidade que não achava que lhe era merecida.

Não sei até que ponto essa atitude foi saudável e tampouco sei se foi real, visto que ela nunca esteve completamente fora dos meus pensamentos. Como uma de minhas escritoras favoritas, após uma série de coincidências bem-vindas, ela e seus mistérios me atraíram para este projeto, pelo qual agradeço.

Agradeço também aos outros autores que me acompanharam durante a pesquisa, sendo eles Nilson Lage, Edvaldo Pereira Lima, Ciro Marcondes Filho, Asa Briggs, Peter Burke, José Marques de Melo, Felipe Pena, Tom Wolfe, Jorge de Sá, Maria Aparecida Nunes, Benjamin Moser, Antônio Carlos Gil, Eva Maria Lakatos e Marina de Andrade Marconi, com os quais encerro este trabalho e o capítulo da minha graduação em Jornalismo.

Nesta altura, percebo que passar todo esse tempo com Clarice ressuscitou em mim o sonho mais antigo: o de ser um escritor. Não que eu o tivesse esquecido, mas tive que deixá-lo de lado nos últimos tempos, a fim de acomodar as outras responsabilidades da rotina. Lembrei-me das tardes que passei lendo, das madrugadas que passei escrevendo, e senti, além da saudade, um desejo profundo de continuar.

Profissionalmente, saio desse processo mais preparado e confiante, pois me aproximei da prática jornalística à medida que me tornei lúcido sobre ela. Ainda assim, tornou-se claro que, ao longo de minha trajetória jornalística, carregarei sempre a literatura como aliada. Até a última apuração, serei escritor. Até o último capítulo, serei jornalista.

REFERÊNCIAS

ABNT - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6027:** Informação e documentação: sumário: apresentação. Rio de Janeiro, 2012.

ADÉLIA PRADO. Roda Viva, 2014. 1 vídeo (1 h e 20 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=6E2afhdOogl&ab_channel=RodaViva. Acesso em: 10 agosto 2021.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1995.

BRIGGS, A.; BURKE, P. **Uma história social da mídia:** de Gutenberg à internet. 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

FILHO, C. M. **Comunicação e Jornalismo:** a saga dos cães perdidos. 2 ed. São Paulo: Hacker Editores, 2000.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HUGO, V. **Os Miseráveis**. Edição Especial. São Paulo: Martin Claret, 2014

LAGE, N. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LIMA, E. P. **Páginas Ampliadas: O Livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 2 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

LISPECTOR, C. **Todas as Crônicas**. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.

LISPECTOR, C. **Água Viva**. Rio de Janeiro, Rocco: 2019.

LISPECTOR, C. Carta Sobre Maria Bonomi. **Jornal da Cidade**, Bauru, 03 outubro 1971. Mulher 71.

LISPECTOR, C. Amor, Quati, Cão, Feminino e Masculino. **Jornal da Cidade**, Bauru, 10 outubro 1971. Mulher 71.

LISPECTOR, C. De Como Evitar um Homem Nu. **Jornal da Cidade**, Bauru, 17 outubro 1971. Mulher 71.

LISPECTOR, C. Cérebro Eletrônico. **Jornal da Cidade**, Bauru, 24 outubro 1971. Mulher 71.

LISPECTOR, C. Córdoba. **Jornal da Cidade**, Bauru, 31 outubro 1971. Mulher 71.

LISPECTOR, C. O Uso do Intelecto. **Jornal da Cidade**, Bauru, 07 novembro 1971. Mulher 71.

LISPECTOR, C. Perfil de um Ser Eleito. **Jornal da Cidade**, Bauru, 14 novembro 1971. Mulher 71.

LISPECTOR, C. As Pontes de Londres. **Jornal da Cidade**, Bauru, 21 novembro 1971. Seção Mulher 71.

LISPECTOR, C. A Antiga Dama. **Jornal da Cidade**, Bauru, 28 novembro 1971. Mulher 71.

LISPECTOR, C. Fugir com o Circo. **Jornal da Cidade**, Bauru, 05 dezembro 1971. Mulher 71.

LISPECTOR, C. Destino. **Jornal da Cidade**, Bauru, 12 dezembro 1971. Mulher 71.

LISPECTOR, C. Clarice Lispector Escreve. **Jornal da Cidade**, Bauru, 19 dezembro 1971.

LISPECTOR, C. Refúgio. **Jornal da Cidade**, Bauru, 25 dezembro 1971.

LISPECTOR, C. Espectadores do Próprio Destino. **Jornal da Cidade**, Bauru, 01 janeiro 1971. Mulher 72.

LISPECTOR, C. O Estado Atingido. **Jornal da Cidade**, Bauru, 08 janeiro 1972. Mulher 72.

LISPECTOR, C. Dança Estranha. **Jornal da Cidade**, Bauru, 16 janeiro 1972.

LISPECTOR, C. A Geleia Viva Como Placenta. **Jornal da Cidade**, Bauru, 23 janeiro 1972.

LISPECTOR, C. A Lucidez Perigosa. **Jornal da Cidade**, Bauru, 30 janeiro 1972. Mulher 72.

LISPECTOR, C. Hoje Nasceu um Menino. **Jornal da Cidade**, Bauru, 06 fevereiro 1972.

LISPECTOR, C. Verão no Baile. **Jornal da Cidade**, Bauru, 13 fevereiro 1972.

LISPECTOR, C. Morro de Pena de Meus Personagens. **Jornal da Cidade**, Bauru, 20 fevereiro 1972. Mulher 72.

LISPECTOR, C. O Pianista. **Jornal da Cidade**, Bauru, 27 fevereiro 1972. Mulher 72.

LISPECTOR, C. Uma História Policial para Crianças. **Jornal da Cidade**, Bauru, 05 março 1972. Mulher 72.

LISPECTOR, C. O Mistério do Coelho Pensante (2ª parte). **Jornal da Cidade**, Bauru, 12 março 1972. Mulher 72.

LISPECTOR, C. O Mistério do Coelho Pensante (Conclusão). **Jornal da Cidade** Bauru, Bauru, 19 março 1972.

LISPECTOR, C. O Ato Gratuito. **Jornal da Cidade**, Bauru, 26 março 1972. Mulher 72.

LISPECTOR, C. Minha Próxima e Excitante Viagem pelo Mundo. **Jornal da Cidade**, Bauru, 02 abril 1972. Mulher 72.

LISPECTOR, C. Taquicardia a Dois. **Jornal da Cidade**, Bauru, 16 abril 1972. Mulher 72.

LISPECTOR, C. Uma História Estranha e Inacabada. **Jornal da Cidade**, Bauru, 23 abril 1972. Mulher 72.

LISPECTOR, C. Por Medo do Desconhecido. **Jornal da Cidade**, Bauru, 30 abril 1972. Mulher 72.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MELO, J. M. d. **Jornalismo Opinativo: Gêneros Opinativos no Jornalismo Brasileiro**. 3 ed. Campos do Jordão: Editora Mantiqueira, 2003.

MICROSOFT. **Word 2010**. Redmond, Washington, 2010.

MOSER, B. **Clarice: uma biografia**. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

NUNES, A. M. **Clarice Lispector Jornalista: páginas femininas e outras páginas**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006.

PANORAMA COM CLARICE LISPECTOR. TV Cultura. 1 vídeo (28 min). Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=ohHP1I2EVnU&t=266s&ab_channel=TVCultura.

Acesso em: 11 agosto 2021.

PENA, F. **Jornalismo Literário**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

SÁ, J. d. **A Crônica**. 4 ed. São Paulo: Ática, 1992.

ANEXO A – Carta sobre Maria Bonomi

CARTA SÔBRE MARIA BONOMI

Clarice Lispector

Amiga,
Quero me pois quero fa-
zer. Desejo explicar a vo-
cê — que deve ter ficado
arrependido — porque
fui ao encerramento
da exposição de gravuras
de Maria Bonomi. Expo-
zição esta a que eu daria
como título geral. Expo-
zição Aguiá. Se bem que
ela tinha, entre ou-
tras, exposto uma série
impressionante sobre o
terror e nesse caso tam-
bém poderia ser chama-
da Exposição Terror.

A exposição atraiu mul-
tidão que precisava de
uma verdade. E nesta se-
nabrou até sentir-se en-
tão e plena. As gravi-
das de Maria são tocáveis
e no entanto delas ema-
na como um véu o infa-
ntil. Mesmo no MAM Ma-
ria improvisou um atelier
na frente dos visitantes
e as matrizes e gravava.
O trabalho criador é tão
suficiente que se pode
ver os processos elabo-
rando e no entanto con-
tinuar no seu mistério.
Não fui ao encerramen-
to porque estava tão en-
ta — mas tão cansa-
da que só podia fazer
uma coisa: deixar-me
na cama e dormir.
Resolvi que merecia ir
para fora do Rio dormir
assim dizer uma se-
mana. Meu subconsciente
para exaurido, de tanto
medo, e sobrecarre-
ado por eu ter caído
em o ter provocado — no-
te. Meu amigo, há entre
Maria Bonomi e eu um
tipo de relação extraor-
dinária e dava como san-

que irrompe de uma vela
accionada. Estava tam-
bém machucada e o men-
bro de água se partiu-
do. Pretendia quando re-
feita, de novo levantar-
me e ter o impulso para
um novo via — talvez de
água, quisesse eu.
E que a Idéla de Aguiá
de Maria Bonomi me per-
segue.

A Aguiá de grandes
asas abertas e de longo
bico adunco de marfim
— pois é o que vejo na
sua abstração — por um
instante imobilizada. O
suficiente para que Ma-
ria pudesse lhe capturar
a imagem majestosa e
projetá-la na solides ma-
ciza da madeira, matéria
prima assaz nobre.

Imagino Maria no seu
atelier usando as mãos
— instrumento mais pri-
mitivo do homem. Com
suas belas mãos potentes
é que pega os instrumen-
tos e imprime a heróica
força humana do espí-
rito, cortando e alisando e
entalhando. E pouco a
pouco os dormentes so-
nhos de Maria vão se
transmutando em madei-
ra feita forma. Esses ob-
jetos são tocáveis e por
assim dizer estreameveis.
E delicados no seu gran-
de vigor aniquilável. Ob-
jetos insólitos que por ve-
zes clamam e protestam
em nome de Deus contra
a nossa condição que é
dolorosa porque existe
inexplicavelmente a ma-

Meu amigo, há entre
Maria Bonomi e eu um
tipo de relação extraor-
dinária e dava como san-

tem lubrificada. Ele é a pesada joia de madeira
eu e eu é ela e de novo de lá? Arrependi-me im-
ediatamente. Vi que não
era merecedora de pos-
suir tanta e tal vitalida-
de na minha sala. Mas
Maria insistiu em aten-
der o meu anterior dese-
jo ambicioso. Pediu-me en-
tão que pelo menos guar-
dasse o objeto de arte.
Até que chegasse o mo-
mento que eu esperava
atingir em que me senti-
ria pronta para recetar
a matriz e pendurá-la na
parede. E então chama-
ria pessoas para come-
morar-mos a Aguiá.

Mas quando voltei do
lugar onde tinha ido dor-
mir — eis que vejo sur-
presa na sala a própria
Aguiá. Foi um choque
de magnificência. Eu ain-
da não merecia mas ela
estava tão bela que pa-
receu: os que não merecem
talvez sejam os que mais
carecem.

A matriz grande e pe-
sada — dá uma tal liber-
dade à sala! E' que Ma-
ria Bonomi gravou a in-
tima realidade vital da
água e não sua simpli-
aparencia.

Convido desde já meus
amigos para virem ver.
Esta bem na entrada da
sala e com luz especial
para serem notadas as
saliências e reentrâncias
da escura madeira inan-
tada. E como se eu es-
tivesse a constante e sub-
jetiva presença de Maria
em casa. Fiquei feliz.

Sua Clarice.

ESTA COLUNA É UM PATROCÍNIO DO
PLANO BAURUCAR 70
Dia 20 1.a Reunião do Grupo do Fuscão

ANEXO B – Amor, Quati, Cão, Feminino e Masculino

Clarice Lispector

escreve



AMOR, QUATI, CÃO, FEMININO E MASCULINO

“Talvez alguns leitores ainda se lembrem de um texto meu sob o título de ‘Amor’, que tratava de um homem que transcorria um quati em cachorro, com coleira e tudo, e o quati vivia com uma quanto à própria vida. Também contei que o quati, se viaa, entre quatis, reconheceria quem de mesmo era. E então, reno que lhe pedi, que vivea impingida, não julgasse a homem porque este o fiteira por ser carente de amor. Sim, isso antes de abandoná-lo, é claro. Porque, descoberta a própria identidade, o ser é e não retrocede.

Um leitor resolveu outra história sobre o quati e o homem, narrativa cheia de peripécias, algumas talvez aritméticas, algumas talvez profundas. E das histórias que erram, nasce de outras, irregulares, mesmo sem controle, tudo, antes de morrer, dirige-se o inventor a mim como C.L. e a associa-ção é uma letra única, e ainda por cima singela. Depois as aventuras do quati na história:

“O dono do quati pensou que o bicho havia encontrado outro dono. Foi tu saudade e aquela dor própria de dono de quati, mas ficou na dele. Não deu para muito e o quati, que havia desaparecido, retornou à casa do primeiro dono, ainda com a marca da coleira no pescoço. Não se pode afirmar que tenha havido um segundo dono no destino eterno do quati.

— Muito bem, disse tu o homem, agora terás que latir. Ele sabia que o quati nunca poderia fazer isto. O bicho esqueceu-se e foi deitar no leito com o quati já se havia acostumado. Durante dois dias o dono do quati não fez outra coisa senão cuidar de uma rosa que tentou conservar dentro de um copo com água. A rosa morreu. Depois disso, tentou fazer com que o quati o acompanhasse e se comportasse como cachorro, mesmo sem o uso da coleira. O bicho não sabia bem. O dono do quati andava pensando em levá-lo para alguma cidade distante, soltá-lo e deixá-lo morrer de liberdade, mas no fundo, ele gostava do bicho, não podia se livrar de um cachorro ou de um quati, mas como se este fosse gente, porque o dono do quati não sabe gostar de pessoas verdadeiras. No fim, ele disse o motivo.

Primeiro vou contar-lhe que, quando o quati ainda era filhote, seu pai foi brutal e covardemente morto por um desses homens que se dizem cuidadosos e servem de guarda, mas de fato odeiam todo animal sadio e livre. A mãe do quati, não tendo encontrado outro de sua espécie, resolveu aceitar a companhia de um cachorro. Foi só a quem primeiro tentou adotar a essência do quati, não para transformá-lo em cachorrinho, mas deixar bem evidente que quem nasceu quati jamais teria a dignidade de um cachorro e deveria ser sempre um quati qualquer miserável. O padrasto cachorrão não gerou filhos e o pequeno quati era um belo espécime de filhote vivo. Isto talvez explique muita coisa. O próprio filhote do quati, rescaldo, não compreendendo nada da vida, embora nunca esquecesse a imagem do pai bem amado, passou a sonhar ser cachorro. Foi fácil encontrar alguém que, paternalmente, lhe colocasse uma coleira. O pitoresco desta história é que o homem se transformou no dono de um quati, também foi criado por um cachorro e ganhou uma cadela. Nunca foi solto, mas ele fugiu às suas responsabilidades antes de ficar nervoso com aquela que veio a ser a mãe do dono de um quati. A mulher abandonada foi criada da por uma família de merradores que a levaram para longe de sua terra natal. Quando a criança nasceu, constatou-se que o bicho maluco não era fraco. Nessa época ainda não havia lido em po e o bicho de novo não servia. Uma ans de leite seria muito cara, em tratando de beneficiar o filho de uma merava. Na casa dessa gente estranha ocorreu um fato extraordinário: na mesma época, uma mulher, que se transformara em cadela, deu à luz um lindo garoto e seu leite era suficiente para alimentar também o filho da escrava. Enquanto este mamava, na rodinha escura (que não gostava, não evidentemente) a danta, inclusive por estar muito grávida, amamentava do peito escuro. Você pode imaginar a confusão que se gerou na alma das pessoas quando estas coisas aconteceram. O filho da escrava cresceu com problemas atípicos, em relação a pessoas e a cachorros e sempre com inveja do seu irmão colado. Então um dia, adotou um quati como se este fosse um cachorro e mais amá-lo como se fosse gente. O filho da escrava sabe que o amor humano inteiro para ele é impossível, mas o amor que houve não pode ser tudo. O amor se é amor, nunca pode ser mais. Pode ser odo distorcido.

Para todos os personagens desta história e para todos nós, a grande tarefa é o reencontro da essência perdida, a recuperação da integridade, a recuperação da totalidade. A tarefa é o espírito”.

a marca da coleira no pescoço. Não se pode afirmar que tenha havido um segundo dono no destino eterno do quati.

— Muito bem, disse tu o homem, agora terás que latir. Ele sabia que o quati nunca poderia fazer isto. O bicho esqueceu-se e foi deitar no leito com o quati já se havia acostumado. Durante dois dias o dono do quati não fez outra coisa senão cuidar de uma rosa que tentou conservar dentro de um copo com água. A rosa morreu. Depois disso, tentou fazer com que o quati o acompanhasse e se comportasse como cachorro, mesmo sem o uso da coleira. O bicho não sabia bem. O dono do quati andava pensando em levá-lo para alguma cidade distante, soltá-lo e deixá-lo morrer de liberdade, mas no fundo, ele gostava do bicho, não podia se livrar de um cachorro ou de um quati, mas como se este fosse gente, porque o dono do quati não sabe gostar de pessoas verdadeiras. No fim, ele disse o motivo.

Primeiro vou contar-lhe que, quando o quati ainda era filhote, seu pai foi brutal e covardemente morto por um desses homens que se dizem cuidadosos e servem de guarda, mas de fato odeiam todo animal sadio e livre. A mãe do quati, não tendo encontrado outro de sua espécie, resolveu aceitar a companhia de um cachorro. Foi só a quem primeiro tentou adotar a essência do quati, não para transformá-lo em cachorrinho, mas deixar bem evidente que quem nasceu quati jamais teria a dignidade de um cachorro e deveria ser sempre um quati qualquer miserável. O padrasto cachorrão não gerou filhos e o pequeno quati era um belo espécime de filhote vivo. Isto talvez explique muita coisa. O próprio filhote do quati, rescaldo, não compreendendo nada da vida, embora nunca esquecesse a imagem do pai bem amado, passou a sonhar ser cachorro. Foi fácil encontrar alguém que, paternalmente, lhe colocasse uma coleira. O pitoresco desta história é que o homem se transformou no dono de um quati, também foi criado por um cachorro e ganhou uma cadela. Nunca foi solto, mas ele fugiu às suas responsabilidades antes de ficar nervoso com aquela que veio a ser a mãe do dono de um quati. A mulher abandonada foi criada da por uma família de merradores que a levaram para longe de sua terra natal. Quando a criança nasceu, constatou-se que o bicho maluco não era fraco. Nessa época ainda não havia lido em po e o bicho de novo não servia. Uma ans de leite seria muito cara, em tratando de beneficiar o filho de uma merava. Na casa dessa gente estranha ocorreu um fato extraordinário: na mesma época, uma mulher, que se transformara em cadela, deu à luz um lindo garoto e seu leite era suficiente para alimentar também o filho da escrava. Enquanto este mamava, na rodinha escura (que não gostava, não evidentemente) a danta, inclusive por estar muito grávida, amamentava do peito escuro. Você pode imaginar a confusão que se gerou na alma das pessoas quando estas coisas aconteceram. O filho da escrava cresceu com problemas atípicos, em relação a pessoas e a cachorros e sempre com inveja do seu irmão colado. Então um dia, adotou um quati como se este fosse um cachorro e mais amá-lo como se fosse gente. O filho da escrava sabe que o amor humano inteiro para ele é impossível, mas o amor que houve não pode ser tudo. O amor se é amor, nunca pode ser mais. Pode ser odo distorcido.

Para todos os personagens desta história e para todos nós, a grande tarefa é o reencontro da essência perdida, a recuperação da integridade, a recuperação da totalidade. A tarefa é o espírito”.

PLANO BAURUCAR 70

BAURUCAR REVENDEDOR AUTORIZADO VOLKSWAGEN - AV. BOQUIMAS, 41 - TEL. 23-111.7177



Frutas Nacionais e Estrangeiras
FLORES - LANCHES - SUCOS - VITAMINAS - SOBREMESAS

FRUT-FLORES

Rua Siqueira Mello, 440 - BAURURU

CLÍNICA DE CRIANÇAS

Dr. Maria P. Assis Fernandes CRM 5653
Consultório e Ex. II, Rua Baururu, 20-30, Baururu
Das 9 às 11:30 e das 14 às 17:30 horas

ANEXO C – De Como Evitar um Homem Nu

**Clarice
Lispector**
escreve



De como evitar um homem nu

Trata-se de um filme que não scandalizaria ninguém e no entanto foi proibido a sua exibição no Brasil. Embora, contradiitoriamente, tenham permitido a sua venda para o mercado exterior. É um filme da Condor Filmes S.A. — Argumento, roteiro e direcção de Nelson Pereira dos Santos.

Bô não gosta da Titula — "Como era gostoso o meu francês" — que dá um idéia jocosa de um filme nada jocoso.

Época: século XVI, França, Anápolis. Após escapar da morte e que fora condenado, Jean (Ardinho Colasanti) encontra um grupo de portugueses que naufragam em pleno território inimigo (holand). Os portugueses aprisionam o francês e entregam-no aos seus próprios cativeiros para serem usados contra os holandeses. Estes alaram de surpresa e prendem Jean, tornando-o como um portador português, para então, durante o combate, manobrando os canhões. Jean torna-se refém de Conchabiche (Eduardo Ismaely), grande chefe dos índios tupinambá, e que pretende desviar Jean a fim de possuir o poder do artilheiro e, assim, mais força na sua luta contra os portugueses.

Na aldeia tupinambá, o prisioneiro é guardado por uma viúva, Beteapê, (Ana Maria Magalhães), que cumpre também o papel de sua esposa até o dia da execução de João. Com o passar das luas, João vai compreendendo a língua e os costumes dos índios e adota-lhes os hábitos. Obtém pólvora para os seus canhões e é bem recebido por alguns índios, inclusive por alguns amigos dos portugueses (e portanto inimigos dos tupinambás). Quando espera ser libertado, vê que Carumbêbe apenas o estava levando para ser usado como guerrilha, a fim de desorganizar, em grande festa,

Este filme precisa de cinco anos de preparação e pesquisas. As fontes de pesquisas são sérias: Biblioteca Nacional, Museu do Índio, Serviço de Proteção ao Índio, Museu do Homem (Paris).

Os livros consultados: "Civilização Tupinambá" (Metrone), "Viagem do Brasil" (Hans Staden), "Tupinambás (Jean de Léry), "Civilização Tupinambá" (Pierroton Fernandes) — além de outras crônicas da época (século XVI).

Os diálogos foram escritos em Tupi-Guarani por Humberto Mauro. O francês quinzenista (líndo) por especialistas franceses. Foram quatro meses de filmagem intensa. Os locais eram nas praias e matas entre Parati e Angra dos Reis.

Este filme — de muita beleza e de enorme interesse porque afinal se trata da origem do Brasil — custou Cr\$ 760.000,00 (setecentos e sessenta mil cruzeiros) — obra de 150 mil dólares.

Para garantir a autenticidade, houve não só construção de tabas e reconstrução e guarda-rupis dos personagens portugueses e de franceses, mas também o uso de objetos e adornos indígenas para garantir a legitimidade. Mais de 500 figurantes apareceram no idme. Este foi realizado com a colaboração da Exército Brasileiro, Cidade de Paris, FUNAI, Museu da Polícia Militar do Rio de Janeiro, Forte São João.

Toda a criança foi depilada completamente, de acordo com as características raciais dos índios. As pinturas de corpo são rigorosamente de acordo com as minuciosas pesquisas feitas.

Pois este filme foi interdito no Território Nacional e liberado para Exportação (1911). Foi considerado um atentado ao pudor, aos costumes e à moral. Mas a censura implicou verdadeiramente com o nu masculino. Depois de alguma discussão deturcaram passar o nu masculino das índios — mas disseram que o nu do homem branco (o francês) que viveu entre os índios e adotou-lhes o modo de viver não seria perigoso em hipótese nenhuma.

Talvez seja inocência minha, mas por favor me respondam: qual é a diferença entre a nu de um índio e o corpo nu de um homem branco?

Análise a filme em salinha de projeção particular. Havia outras pessoas assistindo também. Duas delas eram freiras de alto nível eclesástico. A opinião delas: filme bellissimo, de uma *grande pureza*, de um valor inestimável inestimável por causa de toda a reconstituição. Disseram que era um filme politico. A outra com realmente impura — disseram — seria aquela em que um mercador francês descobriu os índios e os europeus diante do tesouro dos índios — aí é que se reconhece uma civilização de agora.

Espera-se — sem — se mesmo muita esperança — uma libertação também para território nacional, não é justo que os estrangeiros usufruam coisa sem nós também participarmos dela. A esperança vem também de que no futuro inteiro não há um só gesto ou intenção obscuro ou simples sugestão maliciosa. E paranto vou que a nuvem de Arduíno Colassanti e casta, lera que daqui a pouco nos escandalizaremos se vírmos um leãozinho branco, não? porque um menino pode e um adulto não pode? Lembrarei de um verso que uma vez, José Américo (ElPaulo me lembrei)

"Não me na tua
e não me entenderam
Vai por termo e gravata"
Melhor, por via das dúvidas, por termo e
gravata aos ignorantes.

PLANO BAURUCAR 70



ANEXO D – Cérebro Eletrônico

Clarice Lispector

escreve



Cérebro eletrônico

Decididamente estou precisando ir ao médico e pedir um remédio contra a falta de memória. Ou melhor, uma amiga já me deu dois vidros de umas pilulas vermelhas contra a falta de memória, mas exatamente é minha falta de memória que me faz esquecer de tomar las. Isso parece velho, aneddoti, mas é verdade.

Tudo isso vem a propósito de eu simplesmente não me lembrar quem me explicou sobre o circuito eletrônico. E mais, tenho em mãos agora mesmo uma fita de papel cheia de burquinhas retangulares e essa fita é exatamente a da memória do cérebro eletrônico. Cerebro eletrônico: a máquina computadora poupa gente. Os dados da "sessão" ou do fato são registrados "na linguagem do computador (furos em cartões ou fitas). Daí vão para a memória": que é outro órgão computador (outra máquina) cujos os dados ficam guardados até serem pedidos.

Partindo deste princípio, chegamos ao destino eletrônico: a partir de um desenho feito num papel magnético, a máquina com "estrela" pode reproduzir em matéria o desenho. Isto é: entra o desenho e sai o objeto (cibernética, etc.). Há a experiência plástica, visual e também literária da "reprodução" (número e qualidade). A sensação é de "apoio" para o homem. Compensação no erro. Há possibilidade de ver tudo com uma máquina e seus sensores, como a gente gostaria de lidar com o novo cérebro (e nossos sensores), sem da gente mesmo e numa função perfeita.

Bem, Acabo de dizer tudo, mas mesmo tudo, o que sei a respeito do cérebro eletrônico. Devo inclusive ter cometido vários erros, sem falar nas lacunas que, se fossem preenchidas, esclareceriam melhor o problema todo.

Pego a quem de direito que me estava explicando melhor o cérebro eletrônico em funcionamento. Mas peço que use termos tão "leigos" quanto possível, não só para que eu entenda como para que eu possa transmiti-los com relativo sucesso aos meus leitores.

Quando penso que cheguei a falar no mistério, que continua mistério, do cérebro eletrônico, só po

so dizer como a gente dizia lá em Ilhéus: Virgem Maria!

Mas o amor é mais misterioso do que o cérebro eletrônico e no entanto já ousei falar de amor. E timidamente, que caso falar sobre o mundo.

O MEU PRÓPRIO MISTÉRIO

Sou tão misteriosa que não me entendo

PEÇO LICENÇA PARA EXISTIR

Por coincidência, tive e tenho amigas que são ou foram analisadas pelo Dr. Lourival Coimbra, psicanalista do grupo Melanie Klein. As conhecidas e amigas me contaram que falaria de mim a ele. E imaginei: como Dr. Lourival deveria estar, farto de ouvir meu nome. Há tempos uma de suas analisadas esteve aqui em casa e resolveu, como compensação ao desgosto dos ouvidos do analista sobre mim, enviar-lhe um livro meu de contos "Láços de família". Na dedicatória pedi desculpa pela minha letra que não estava boa desde que minha mãe direita sofreu o bencião.

Dian depois a moça aparecerá em casa para tomar café consigo e perguntar-lhe se havia entregues o livro ao Dr. Lourival. Ela disse que sim e que, ao ler a dedicatória, ficara um pouco entristecida. Fiquei curioso, quis saber o que ele dissera. E fiquei sabendo de que ao ler a dedicatória, o Dr. Lourival tinha dito: "Essa moça Clarice dá tanto aos outros, e ao entanto pode licença para existir".

Sim, dr. Lourival. Peco humildemente — para existir, imploro humildemente uma alegria, uma açao de graça, peço que me permitam viver com menos sofrimento, peço para não ser tão esperimentada pelas experiencias asperas peço a homens e mulheres que me considerem um ser humano digno de algum amor e de algum respeito.

Peço a bênção da vida

PLANO BAURUCAR 70

BAURUCAR DE VENEZUELA AUTORIZADO POR EL MINISTERIO DEL PODER JUDICIAL N.º 11.151.2373 y 11.1717

ANEXO E – Córdoba

Córdoba

por Clarice Lispector

Não era Pepe apenas, não era guia apenas. No calor do verão, o rosto enlunecido pelo bebida que mal se evaporava era substituída por outra, o homem parou no meio de uma rua branca e sóbria de Córdoba, olhou-nos e disse bem lento para que a frase penetrasse em nos dois turistas que éramos:

— Ustedes, no tienen un guía. Ustedes tienen — Pepe el Guía!

Paramos, atentos ou que devia ser uma sorte angustiar a nossa. Pepe El Guía imobilizava-nos com os olhos unidos de emoção, vinho, calor e desespero. Devia ser extraordinário e pesado ser Pepe El Guía. Ainda parado, dramático, com a roupa escura da elegância a que era obrigado, ele interpretava que, através de sua pausa proposital, nós compreendêssemos o alcance do que dissera.

Oitávamo-lo com os olhos frânticos pela semi-claridade da rua, enxugando o suor da testa com o lenço. Em torno a cidade se estendia doce e quente. Insuperavelmente doce, cheia de cégoes indolentes e de mulheres mais indecisas ainda. Havia no entanto uma aspereza. De onde vinha? Procuramos pelas ruas com os olhos frânticos. Vinha dos sonhos desmentidos daquelas rapazes que sonolentavam à porta dos cafés. Vinha da vontade de escapar que se adivinhava como uma emboscada na escuridão. Cidade perigosa, aquela.

E no meio da devaluação do calor, de novo o homem parou, embriagado pela própria personalidade: soy Pepe El Guía, repetiu de braços abertos, e a crucificação o exaltava. Como se Pepe El Guía fosse uma abstrac-

ção pré-existente, e ele, um simples pepe, um simples guia, naquele símbolo se tivesse encarnado. Diante de nossa falta do que dizer, ele nos confortou:

— Pero ustedes tienen un amigo en Pepe El Guía.

Intimidados, agradeceramos, repetimos várias vezes atropeladas o mesmo agradecimento. Era um amigo, sim. Amizade paga, mas com todo o desejo da amizade éramos amigos, e no entanto, que poderíamos dar um ao outro? Serão reconhecemos. Nós reconhecíamos nele Pepe El Guía. Em nós ele reconhecia aqueles que o reconhe-

Amigo suscetível, e da qual tarde. Uma palavra descuidada nossa ofendia-o, num gesto de dúvida apenas estocado feria-o — ele imediatamente parava, recuava, como diante do espaço ao desentranhar de alguma espada. Apressados, expliravamos a festa de intenção de ofende-lo. Sobre tudo asseguravamos-lhes nossa confiança irrestrita nas suas informações de datas vagabundas, onde a História da Espanha se entremesava de turistas ingleses, "amigos seus para sempre". Ele ouvia as desculpas, examinava-as antes de aceitá-las, hesitava longamente, ainda amedrontado. Aguardávamos ansiosos e já bastante enjoados: aquela tarde se transformara em luta pela dignidade humana. Afivel, não, repente, Pepe El Guía se reconciliava conosco e prosseguia nas suas péssimas informações, ainda mais ardente na amizade renovada após o desentendimento.

Verdade é que de Córdoba sabemos pouco mais do que sabemos. E por nossa conta sabíamos que as noites chel-

lavamos a nardo e a jacintim, sabíamos do que via mos e pressentíamos. Mas de D. Pepe sabemos que não havia alma viva em Córdoba que não o houvesse. Nem perguntávamos porque, nem ele dizia. "Em Córdoba aprenda a?" perguntávamos como insultado. Não!, respondia ele próprio de braços abertos. "Na Espanha inteira!" "Na Espanha apenas?", perguntávamos de novo. Esperávamos, sabíamos que ele mesmo responderia. De repente ele cediu: era conhecido em Marracos, Argel, Egito. Os estranhos e mercos que aquele homem já fizera. Trocava cavalos, decerto alheios, por tábuas e azeitonas, vendera uma caravana de camelos a alguém cujo nome "infelizmente não poderia ser mencionado". Comercio de muita antiguidade, mais aventura que comercio, mais viagem que proveitos, mais vida que dinheiro. Infelizmente não sabíamos que vida, mas sempre a reclusa pela sua irretiliz da tragédia, a mesma que ainda o fazia desafiar de peito nu o inimigo que jamais vira, pois ele não passava de um

amado o que não reconhecia. Via-se que se dispusera no passado, aos vinte anos, a morrer, mas o seu próprio destino trágico, aquele que por direito lhe pertencia, forçava espoliado. A grandeza que não se realizara fazia de Dom Pepe um ser flexado, um rei de setenta anos. Porque era um rei, aquele latido. Quanto a família de Dom Pepe, não era somente a mulher acançada que depois vimos, e os inúmeros filhos e filhas de sua prodigalidade. Sustentava também a esposa e os filhos de seu irmão morto, e mais duas parentas ve-

tidas de luto — todo amontado sob o mesmo teto e tudo fazendo festa, tudo alimentando as moscas, nas nuvens traalhava. Ele nos obrigou a visitá-las, a sua família, e à porta mostrou-nos com um gesto que não sabia se de orgulho disfarçado ou acusação franca: "aquela gente era a sua chaga aberta". E quem diz família que veja aquele bando de mulheres que de tão doces já haviam açúcarado, abandonando-se no chão com os olhos entrefechados. Que veja rapazes de quindri e estreitos, todos namorados para o trabalho pela esperança de um dia tourtar. Ou pela esperança. E que calcule o preço das grandes comidas que são necessárias para alimentar tanto sonho. O que não impediu que Dom Pepe por um tris não puxasse da cachaça quando tentamos pagar o "xerez especial" que só Pepe El Guía conhece e o oferece. Ofendido na raça, trêmulo no hábito secular da indignação: ele pagaria. Mas uma vez consolado pela própria revolta sem dificuldade deixou-nos pagar o xerez. Nunca homem nenhum nos tapou tanto, mas nossa contribuição a seu senso de drama era deixar-nos tapar. O jogo porém era intenso e nós definhamos. Dom Pepe, em sinal de magnanimidade, disse-nos que como prova de seu perdão aceitaríamos dois "copitos" mais. Para a nossa confusão e vergonha havíamos esquecido de lhe oferecer os "copitos", o que ele também perdoava — e isso mesmo só porque não éramos espanhóis, o que não era culpa nossa. Muito sabido e triste, aquele homem. Exaurida pela vida de Dom Pepe, foi para o hotel dormir a sesta, entre as máscaras de Córdoba.

PLANO BAURUCAR 70

BAURUCAR REVENDEDOR AUTORIZADO VOLKSWAGEN • AV. ROBERTO GUERREIRO ALVES, 23 • TEL. 7177



ANEXO F – O Uso do Intelecto

O uso do intelecto

por Clarice Lispector

Talvez esse tenha sido o meu maior esforço de vida: para compreender minha não inteligência, o meu sentimento, fui obrigada a me tornar inteligente. (Usa-se a inteligência para entender a não inteligência). Só que depois o instrumento — o intelecto — por vício de jogo continua a ser usado e não podemos colher as coisas de mãos limpas, diretamente na fonte.

A EXPERIÊNCIA MAIOR

Eu antes tinha querido ser os outros para conhecer o que não era eu. Entendi então que eu já tinha sido os outros e isso era fácil. Minha experiência maior seria ser o âmagdo dos outros: e o âmagdo dos outros era eu.

MENTIR, PENSAR

O pior de mentir é que cria falsa verdade. (Não, não é tão óbvio como parece, não é um truismo: sei que estou dizendo uma coisa e que apenas não sei dizê-la do modo certo, aliás o que me irrita é que tudo tem de ser "do modo certo", imposição muito limitadora.) O que é mesmo que eu estava tentando pensar? Talvez isso; se a mentira fosse apenas a negação da verdade, então este seria um dos modos, por negação, de provar a verdade. Mas a pior mentira é a mentira "criadora". (Não há dúvida: pensar me irrita, pois antes de começar a tentar pensar eu sabia muito bem o que eu sabia.)

ESCREVER AS ENTRELINHAS

Então escrever é o modo de quem tem a palavra como isca: a palavra pescando o que não é palavra. Quando essa não palavra — a entrelinha — morde a isca, alguma coisa se escreveu. Uma vez que se pescou a entrelinha, poder-se-ia com alívio jogar a palavra fora.

Mas aí cessa a analogia: a não palavra ao morder a isca, incorporou-a. O que salva então é escrever "distraidamente".

LEMBRAR-SE DO QUE NÃO EXISTIU

Escrever é tantas vezes lembrar-se do que nunca existiu. Como conseguirei saber do que nem ao menos sei? Assim: como se me lembrasse. Com um esforço de "memória", como se eu nunca tivesse nascido. Nunca nasci, nunca vivi: mas eu me lembro, e a lembrança é em carne viva.

HUMILDADE COMO TÉCNICA

Essa incapacidade de atingir, de entender, é que faz com que eu, por instinto de ... de quê? procure um modo de falar que me leve mais depressa ao entendimento. Esse modo, esse "estilo" (!), já foi chamado de várias coisas, mas não do que realmente é e apenas é: uma procura humilde. Nunca tive problema de expressão, meu problema é muito mais grave: é o de concepção. Quando falo em "humildade", refiro-me à humildade no sentido cristão (como ideal a poder ser alcançado ou não); refiro-me à humildade que vem da plena consciência de se ser realmente incapaz. E refiro-me à humildade como técnica: Virgem Maria, até eu mesma, me assustei com minha falta de pudor. Humildade como técnica é o seguinte: só se aproximando com humildade da coisa é que ela não escapa totalmente. Descubri este tipo de humildade, o que não deixa de ser uma forma engraçada de orgulho. Orgulho não é pecado, pelo menos não grave: orgulho é coisa infantil em que se cai em gulodice. Só que orgulho tem a enorme desvantagem de ser um erro grave, com todo o atraso que erro dá à vida, faz perder muito tempo. Enquanto que a humildade leva adiante.

**PLANO
BAURUCAR 70**

BAURUCAR REVENDEDOR AUTORIZADO VOLKSWAGEN • AV. RODRIGUES ALVES, 23-23 • TEL. 7177



ANEXO G – Perfil de um Ser Eleito

PERFIL DE UM SER ELEITO

por Clarice Lispector

Um ser que elegia. Entre as mil coisas que poderia ter sido, fora se escolhendo. Num trabalho para o qual usava lentes, enxergando o que podia e apalmando com as mãos o que não via, o ser fora escolhendo e por isso indiretamente se escolhia. Aos poucos se juntara para ser. Separava, separava, se se descontava o futuro determinismo, o ser se escolhia livre. Separava, separava o joio do trigo, e o melhor, o ser comia. Às vezes comia o pior: a escolha difícil era comer o pior. Separava perigos do grande perigo, e era com o grau de perigo que o ser, embora com medo, ficava; só para sopelar com susto o peso das coisas. Afastava de si as verdades menores que terminou por não chegar a conhecer; queria as verdades difíceis de suportar. Por ignorar as verdades menores, o ser já começava a parecer aos outros como rodeado de mistério: por ser ignorante, era um ser misterioso. Tornara-se uma mistura do que pensavam dele e do que ele realmente era: um sábio ignorante; um sábio ingenuo; um esquecido que muito bem sabia de outras coisas; um sono honesto; um pensativo distraído; um nostálgico sobre o que deixara de saber; um saudoso pelo que definitivamente, ao escolher, perdera; um corajoso por já ser tarde demais e já se ter escolhido. Tudo isso, contraditoriamente, deu ao ser uma alegria discreta e sadia de camponês que só lida com o básico. E tudo isso se deu a austeridade involuntária que todo tra-

balho vital dá. Escolha e ajustamento não tinham hora certa de começar, nem acabar; durava mesmo o tempo de uma vida.

Tudo isso, contraditoriamente, foi dando ao ser a alegria profunda que precisa se manifestar; expor-se e se comunicar. Passou a dar-se atenção da pintura. Nessa conexão o ser era ajudado pelo seu dom instinto de gostar. E isso não juntara nem escolher, era um dom mesmo. O ser tinha de profunda alegria dos outros, por dom instinto descobria a alegria dos outros. Por dom, era também capaz de descobrir a solidão que os outros tinham. E também por dom, sabia profundamente brincar o jogo da vida, transformando-a em cores e formas. Sem mesmo sentir que usava o seu dom, o ser se manifestava; dava sem perceber que a isso chamavam amor.

O dom era, como a falta de camisa do homem feliz; como o ser se sentia muito pobre e não tinha o que dar, o ser se dava. Dava-se em silêncio, e daí o que juntara de si, assim como quem chama aos outros para verem também.

Pouco a pouco o equívoco passou a rodear o ser; os outros olhavam o ser como uma estátua, como um retrato. Um retrato muito rico. Não compreendera que para o ser, ter-se reunido, fora trabalho de despojamento e não de riqueza. Por equívoco, o ser era festejado. Mas sentir-se amado seria reconhecer-se a si mesmo no amor recebido, e aquele ser era amado

como se fosse um outro ser. O ser verteu lágrimas de uma estátua que de noite na praça chora sem se mexer. Nunca o escuro fora maior na praça. Até que de novo amanhecia e o ser renascia. O ritmo da terra era tão generoso que amanhecia. Mas de noite, quando chegava a noite, de novo escurecia. A praça de novo crescia em solidão. De medo, os que o haviam elegido dormiam; medo porque pensavam que teriam de morar na solidão da praça.

Não sabiam que a solidão da praça fora apenas o lugar de trabalho do ser. Mas que ele também se sentia só. O ser preparava-se a vida toda para ser apto ao lado de fora da praça. E verdade que o ser, ao se sentir pronto assim como quem se banha com óleos e perfumes, notou que não lhe haviam sobrado tempo para existir como os outros: era diferente sem querer. Alguma coisa faltara, quando o ser se via no retrato, que os outros haviam tirado, espantava-se humilde diante do que haviam feito dele. Haviam feito dele, nada mais, nada menos, que um ser eleito. Isto é, haviam-no atitado. Como desfazer o equívoco? Por simplificação e economia de tempo haviam fotografado o ser numa única pose e agora não se referiam a ele, e sim à fotografia. Bastava abrir a gaveta para tirar de dentro o retrato. Qualquer um conseguia uma cópia que estava, aliás, barata.

Quando diziam para o ser: eu te amo, o ser se

perturbava porque nem ao menos podia agradecer; e eu? por que não a mim também? por que não o meu, o meu retrato? Mas não reclamava pois sabia que os outros não erravam por maldade. O ser às vezes, por uma questão de solidão, tentava imitar a fotografia, o que no entanto terminou por torná-la mais falsamente autêntica. Às vezes ele se confundia tanto: não aprendia a copiar o retrato, e esquecera-se de como era sem o retrato. De modo que, como se diz do palhaço que sempre ri o ser às vezes, por assim dizer, chorava sob a sua calada pintura de bôbo da corte.

Então ele tentou um trabalho subterrâneo de destruição da fotografia: fazia ou dizia coisas tão opostas à fotografia que esta se ericava na gaveta. Sua esperança era tornar-se mais vivo que a fotografia. Mas o que aconteceu? Aconteceu que tudo o que o ser fazia não ia mesmo era retocar o retrato, enfeitá-lo.

E assim foi indo. Até que, profundamente desiludido nas mais legítimas aspirações, o ser morria de solidão. Mas terminou saindo da estátua da praça, e com grande esforço, levando várias quedas, aprendendo a passear sozinho. E, como se diz, nunca a terra lhe pareceu tão bela. Reconheceu que aquela era exatamente a terra para a qual se preparara: não errara, pois, o mapa do tesouro tinha as indicações certas. Passeando o ser tocava em todas as coisas, e, mesmo solitário, sorria. O ser aprendera a sorrir sozinho.

PLANO
BAURUCAR 70

BAURUCAR REVENDEDOR AUTORIZADO VOLKSWAGEN AV. ROQUE PESSOA, 23-25 • TEL. 2177



ANEXO H – As Pontes de Londres

AS PONTES DE LONDRES

por Clarice Lispector

Todas as vezes que penso em Londres vejo as suas pontes. Achei muito natural estar na Inglaterra, mas agora quando penso que lá estive, meu coração se enche de gratidão. Vi em Londres uma terra estranha e viva, cinzenta — tudo o que é cinzento misteriosamente vibra para mim, como se fosse a reunião de todas as cores amansadas.

Estive em contato com a feiura dos ingleses, que é uma das coisas que mais atraem na Inglaterra. É uma feiura tão peculiar, tão bela — e isso não são meras palavras. Fazia muito frio, e o vento dava no rosto e às mãos aquela vermelhidão crua que torna cada pessoa extremamente real.

As mulheres fazem compras com as cestas, os homens da City usam chapéu de côco. E o Tamisa é sujo, tem lama. Já houve peste em Londres. Uma vez se incendiou a cidade inteira. A peste e o incendio estavam presentes na minha estada em Londres.

As pessoas bebem um café horrível, em xícara grande, mas o café fuma. Fumegante como toda a ilha, cujas pontes enegrecidas surgem de quase constante névoa. O fog se exala das pedras do chão e envolve as pontes.

As pontes de Londres são muito emocionantes. umas são sólidas e ameaçadoras. Outras são puro esqueleto. Quanto aos ingleses, não são tão inteligentes. Mas a Inglaterra é um dos países mais inteligentes do mundo. Está-viños de carro. Entre uma cidade e outra, as cidadezinhas inglesas dão mil voltas em torno de si, e a chuva fina cai nos vidros do carro. Nas ruas o povo usa roupas tão mal-feitas

que terminaram se tornando um estilo belo. E agasalham mesmo. Vejo uma criança de capoto escuro e meias grosseiras e capuz enterrado abaixo das orelhas, com o rosto vivo e magro, olhos espertos e cara vermelha — aque-la entonação das vozes inglesas, interrogativas e orgulhosas.

Só agora sei quanto amei o vento de Londres que me fazia os olhos lacrimejarem de raiva e a pele gritar de irritação.

E depois tem as estradas, o campo inglês que é diverso de qualquer outro campo. Lembro-me de árvores tão altas.

E depois há o desejo de viajar de todo inglês — e isso é um movimento inquieto e amplo.

No teatro em Londres uma coisa essencial se passa. É de tremer de frio e de emoção: o ator inglês é o homem mais sério da Inglaterra. Em poucas horas ele dá a cada um aquilo importantes que se perde na vida diária. Quando se sai, é a chuva escura, a rua molhada as velhas ruas inglesas onde de noite há o desejo de perigo. Vai-se jantar. Uma comida péssima irrita, no restaurante de comida tipicamente inglesa. Mas pode-se ir para um restaurante de comida alegre, dos estrangeiros em Londres mesmo.

Lembro-me que houve Idade Média na Inglaterra, e isso está nas torres. A segurança de certos ingleses chega às vezes a se tornar engraçada. Nas ruas andam depressa, é um povo lutador. E se o mundo não fosse tão doloroso, seria bonito ver a luta pela sobrevivência.

E depois há a saudade dos escritores mortos. Tenho muita saudade de Lawrence.

A rainha é suave, os jornais têm um jeito provinciano, e quando os ingleses e inglesas são bonitos passam logo a ter uma extraordinária beleza. E a criança inglesa é sempre linda, e quando abre a boca para falar, aí é que ficam lindíssimas.

Tudo isso se chama saudade; procuro recuperar Londres na memória, nessas notas. E assim fica apenas anotado, com a maior rapidez, antes que o sentimento passe.

**PLANO
BAURUCAR 70**

BAURUCAR REVENDEDOR AUTORIZADO VOLKSWAGEN • AV. RODRIGUES ALVES, 23-23 • TEL. 7177



ANEXO I – A Antiga Dama

A ANTIGA DAMA

por Clarice Lispector

Morava numa pensão da rua São Clemente. Era volumosa, e cheirava a quando a galinha vem meio crua para a mesa. Tinha cinco dentes e boca seca, árida.

Sua reputação passada não fora inventada: ainda falava frances com quem tivesse oportunidade, mesmo que a pessoa também falasse português e preferisse não corar com a própria pronúncia. A ausência de saliva tirava-lhe qualquer volubilidade da voz, dava-lhe uma contenção. Havia a majestade e soberania naquele grande volume sustentado por pés minúsculos, na potência dos cinco dentes, nos cabelos ralos que, escapando do coque negro, esvoaçavam à menor brisa.

Mas houve a segunda-feira de amanhã em que ela, em vez de sair de seu minúsculo quarto, veio da rua. Estava 'lisa e com o pescoço claro, sem nenhum cheiro de galinha. Disse que passara o domingo na casa do filho, onde pernoitara. Estava de vestido preto de um cetim já fosco. Em vez de ir para o quarto mudar de roupa, vestir um de seus pobres vestidos de algodão barato, e ser apenas uma pessoa que mora sozinha numa pensão, sentou-se na sala de visitas, prolongando o domingo, e disse que a família era a base da sociedade.

A propósito de qualquer coisa referiu-se de passagem a um banho de imersão que tomara na confortável banheira da nora — o que explicava a sua falta de cheiro e o pescoço não encardido. Deixando sem jeito os pensionistas ainda de pijama e robe, ficou sentada horas junto ao jarro da sala, só tendo conversas adequadas, a um suposto salão invisível.

De tarde via-se que os sapatos abotinados já lhe apertavam demais os pés. Continuou, porém, de dama na sala de visitas, levantada a grande cabeça de profeta.

Mas na hora em que elogiou o jantar magnífico da casa do filho, seus olhos se fecharam de náusea. Depressa foi para o banheiro, ouviram-na vomitar, recusou ajuda quando lhe bateram à porta do quarto.

Na hora do jantar apareceu e pediu apenas uma xícara de chá: estava de olheiras marrons, com o largo vestido de estampadinho de ramagem, e de novo sem cinta e sutiã. O que ainda restara de estranho era a pele mais clara. Alguns pensionistas evitaram olhá-la e à sua derrota. Não falou com ninguém. O rei leal. Estava quieta, grande, despenteada, limpa. Fora feliz inutilmente.

CISSE

Mas foi no vôo que se explicaram seus braços compridos e desajeitados: eram asas. E o olho um pouco estúpido, aquele olhar estúpido só combinava com larguras do pensamento pleno. Andava mal no diário, mas voava. Voava tão bem que até parecia arriscar a vida, o que era um luxo. Andava ridículo, cuidadoso, o pato feio. No chão ele era um paciente.

DOMINGO DE TARDE

O Jardim está ensopado de chuva, como são grossas as gotas, e o ar brilha. Só a corola da rosa vermelha continua opaca. Os seixos escorrem, as vidraças da sala escorrem, as folhas pesam no ar, e na lama treme em espilhos a roseira de rosas empinadas. O temporal de verão aumenta. O que me pergunto muito pensativa atrás da vidraça: em que terá dado a a alegria do Concurso Hípico?

O ERRO DOS INTELIGENTES

Mas é que o erro das pessoas inteligentes é tão grave: elas tem os argumentos que provam.

PLANO BAURUCAR 70

BAURUCAR REVENDEDOR AUTORIZADO VOLKSWAGEN • AV. RODRIGUES ALVES, 23-25 • TEL. 7177



ANEXO J – Fugir com o Circo

FUGIR COM O CIRCO

Clarice Lispector

Paulo Autran tem mais de vinte anos de palco. E Paulo Autran é um nome que vale o mesmo que dizer: bom teatro. Em mais de vinte anos, quanta experiência acumulada. O fruto dessa experiência: cada vez mais, melhor como ator e, tenho certeza, mais aperfeiçoado como ser humano. Trata-se de um homem moço, particularmente belo. Trata-se de uma pessoa que compreende os outros. Fora do palco não age como vedete. Eis o homem.

Paulo Autran não é pseudônimo, é seu nome mesmo. Boa sorte a sua com um nome harmonioso destes, que promete tanto, e que sona aos ouvidos como o nome de alguém como ele, que está cumprindo os desígnios de bom ator. Conhecemo-nos há vários anos. E um dia, conversando, perguntei-lhe até que ponto Morte e Vida Severina nos representava. Respondeu: João Cabral nos apresenta o subdesenvolvimento e a peça, sendo profundamente brasileira, é universal na medida em que esse tema tem interesse mundial.

— Você se refere aos países chamados subdesenvolvidos ou à condição humana e o fruto da falta de justiça social?

— O poema de João Cabral mostra o ho-

mem desamparado diante de uma natureza hostil e de condições sociais adversas. É o subdesenvolvimento com todas as suas implicações humanas e sociais.

Nas suas excursões por diversos Estados do Brasil, Autran tem levado em cena principalmente *Liberdade, Liberdade*, *Edipo Rei*, de Sófocles, *O burgues e o algar* e *Morte e Vida Severina*.

Lembrei-me de quando assisti com grande emoção, *Vida e Morte Severina* pelo TUCÁ, e ainda por cima, sou muito amiga de João Cabral. Paulo Autran bem que gostaria de conhecê-lo pessoalmente, não só por carta. Mas quando João Cabral passou pelo Rio Autran estavam viajando no Sul, exatamente representando *Vida e Morte Severina*.

Autran era advogado de "promissora carreira", já ganhando algum dinheiro mas totalmente entediado e irritado com a profissão, sem o menor horizonte além dela. Começou a fazer teatro amador com diversão, até que Tônia Carrero o convidou para juntos ingressarem no teatro profissional.

— Foi minha descoberta, foi minha sorte. O diretor que mais influuiu na sua carreira, dando-lhe base técnica e teórica foi Adolfo Cell. Também aprendeu muito com Ziemblinsky, Luciano Sáez, Oliveira Sampaio, Flavio Rangel etc.

Autran me diz que em todas as capitais brasileiras se encontra gente interessada por teatro, e sensível e inteligente, nem podia dizer especificamente que platéia era a melhor. Os papéis que mais lhe agradaram foram muitos: Otelo, Entre quatro paredes, Liberdade, Depois da Queda.

Por intermédio das excursões de Paulo Autran pelos Estados, ele dá aos brasileiros não somente aos caricões e paulistas, a oportunidade de assistir teatro bom. Nunca sonhou em escrever para o teatro. Tem ótima voz: de qualquer ponto da platéia ouve-se cada sílaba que ele pronuncia. Estudou muito a impostação de voz, a sua colocação, mas a dicção nunca. Esta lhe é natural. Felizmente está conseguindo viver e viver razoavelmente só com o teatro, e isso porque jamais teve a finalidade de enriquecer na vida.

Perguntei-lhe, ao falar das excursões, como é que ele se tinha dado nessa vida de circo ambulante.

— Circo. É. É bem a palavra e eu gosto sim. Gosto talvez porque eu esteja realizando o sonho de todo menino em fugir com o circo.

Paulo Autran calcula que já deve ter feito em teatro umas cem peças. O século XX será forçosamente o século de Brecht, segundo Autran. Dos novíssimos gosta regularmente de Albee, José Vicente (autor de *O Assalto*), Plínio Marcos e outros.

Joaquim Cardozo impresso por João Cabral de Melo.

Poucas pessoas sabem que existe uma pequena antologia de poemas de Joaquim Cardozo, tirada a com exemplares em papel de linho, e realizada, como homenagem ao poeta em seus cinquenta anos, por João Cabral de Melo, que a compôs e imprimiu em Barcelona, em 1948, é desse pequeno e tão precioso livro que tira um poema:

Asa e flor do azul profundo,
primazia do mar alto,
vela branca predileta;
na transparência do dia
é a flâmula discreta.
Es a lâmina ligeira
Cortando a lâ dos cordeiros,
ferindo os ramos dourados;
— chama intrépida e minguante
nas ares maravilhadas.
E enquanto o sol vai crescendo
o vento recolhe as nuvens
e o vento desfaz a lâ;
cela branca desvairada,
mariposa da manhã.

**PLANO
BAURUCAR 70**

BAURUCAR REVENDEDOR AUTORIZADO VOLKSWAGEN • AV. RODRIGUES ALVES, 23/23 • TEL. 7177



ANEXO K - Destino

DESTINO

por Clarice Lispector

Ela estava com soluços. E como se não bastasse a claridade das duas horas, ela não era ruiva.

Na rua vazia as pedras vibravam de calor, a cabeça da menina flamejava. Sentada nos degraus de sua casa, ela suportava. Ninguém na rua, só uma pessoa esperando inutilmente no ponto do ônibus. E como se não bastasse seu olhar submisso e paciente, o soluço a interrompia de momento a momento, aolando o queixo que se apoiava conformado na mão. Que fazer de uma menina com soluço? Olhamos sem palavras, desalente contra desalento. Na rua deserta nem um sinal de ônibus. Num terra de morenos, ser ruivo era uma revolta involuntária. Que importava se um dia futuro sua marca lá faze-la erguer insolente um caçoia ruiva de mulher? Por enquanto ela estava sentada num degrau faiscante da porta, às duas horas em Crajaú. O que a salvava era uma bolsa velha de senhora, com alça partida. Segurava-a com um amor conjugai já habituado, apertando-a contra os joelhos.

Foi quando se apresentou a sua outra metade neste mundo, um irmão em Crajaú. A possibilidade de comunicação surgiu no ângulo quente da esquina, acompanhando uma senhora, encarnada na figura de um cão. Era um basset lindo e miserável doce sob a sua fatalidade. Era um basset ruivo.

Lá vinha ele trotando, à frente de sua dona, arrastando seu comprimento. Desprevenido, acostumado, cachorro. A menina abriu os olhos pasmada. Suavemente avisado, o cachorro estacou diante dela. Sua língua vibrava. Ambos se olhavam.

Entre outros seres que estão prontos para se tornarem donos de outro ser, lá estava a menina que viera ao mundo para ter aquele

cachorro. Ele tremia suavemente, sem latir. Quanto tempo se passava? Um grande soluço sacudia-a desafinado. Ele nem sequer tremeu. Também ela passou por cima do soluço e continuou a fitá-lo.

Os pelos de ambos eram curtos, vermelhos.

Que foi que se disseram? Não se sabe. Sabe-se apenas que se comunicaram, rapidamente, pois não havia tempo. Sabe-se também que sem falar eles se pediam. Pediam-se com urgência, com encabulamento, surpreendidos.

No meio de tanta vaga impossibilidade e de tanto sol, ali estava a solução para a criança vermelha. E no meio de tantas ruas a serem trotadas, de tantos cães maiores, de tantos esgotos secos lá estava uma menina, como se fora carne de sua ruiva carne. Eles se fitavam profundos, entregues, ausentes de Crajaú. Mais um instante e o suspenso sonho se quebraria, cedendo talvez à gravidade com que se pediam.

Mas ambos seriam comprometidos.

Ela com sua infância impossível, o centro da inocência que só se abriria quando ela fosse uma mulher. Ele, com sua natureza aprisionada.

A dona esperava impaciente sob o guarda-sol. O basset ruivo afinal despregou-se do olhar da menina e saiu sonâmbulo. Ela ficou espantada, como o acontecimento nas mãos, numa mudez que nem pai nem mãe compreenderiam. Acompanhou-o com olhos pretos que mal acreditavam, debruçada sobre a bolsa e os joelhos, até vê-lo dobrar a outra esquina.

Mas ele foi mais forte que ela. Nem uma só vez olhou para trás.

PLANO
BAURUCAR 70

BAURUCAR REVENDEDOR AUTORIZADO VOLKSWAGEN • AV. RODRIGUES ALVES, 23-23 • TEL. 7177



ANEXO L – Clarice Lispector Escreve

CLARICE LISPECTOR ESCRIVE

Estudo de um guarda-roupa

Parece penetrável porque tem uma porta. Ao abri-la, vê-se que se adia o penetrar: pois por dentro é também uma superfície de madeira, como uma porta fechada. Função, conservar no escuro os traveiros. Naturalmente a invisibilidade das coisas. Relação com o mundo, a gente se olha no espelho sempre em luz incoerente porque o guarda-roupa nunca está em lugar adequado: gaúcho, fica de pé onde couber, sempre desacom-

nal, encostado, tímido, sem saber como ser mais discreto. Guarda-roupa é enigmático, intruso, triste, bondoso. Com os pés, a porta espelha o riso que ao movimento, na nova composição do quarto em sombras, entram frescos e rancos de vidro de claridade fugitiva. Há uma expertise de guarda-roupa, contribuiu ao quarto, indicio de vida dupla, influencia no mundo, emblema pardo, o verdadeiro poder nos bastidores).

LEMBRANÇA DE UM HOMEM QUE DESISTIU

Até que ponto terá sido compreensível para ele mesmo o seu próprio ato de renúncia do mais alto cargo? Mas penso imaginar o seu desarmamento político. Quando um ato irracional porventura influenciou ele, o homem provavelmente se sente quase incerto: aliado duplo que seu grilo previne, de vibração e vibração, o desabar da avalanche. A verdade de sua demissão ele mesmo não sabe, talvez nunca saiba, pois já se aliou aos seus próprios e esplendores. Ele foi "passado", o que é crime não tem nome político. O sacrifício de um líder ou de um santo ou de um artista — que chegaram aquilo que são espantadamente por terem sido de início altamente pessoais — e ao sacrifício é o de não o serem mais. A cruz deles é esquecer-se de própria vida. E nesse esquecer-se que acontece então o fato mais essencialmente humano, aquele que faz de um homem a humanidade: o ser pessoal adquire

uma vastidão em que os outros todos cabem e onde se abrigam e são compreendidos; pelo que há de amor na renúncia da dor pessoal, os quase mortos se levantam. O verdadeiro sentido de Cristo seria a imitação de Cristo. Só que o próprio Cristo foi a imitação de um Cristo.

O Brasil inteiro poderia ter subido através daquele homem, através do que ele em si mesmo sabia sobre o medo, a audácia. Ele se conhecia, devia saber da própria tendência ao deslize, até através dessa sua reserção. Assim como a transição da vontade de matar por se conhecer esse abismo. Vim impedir que os outros se matem. Mas aquele homem público se restringiu a si mesmo. Da grandeza dos defeitos humanos ele fez defeitos, mesquinhos criminosos por pequenos. Era um homem a ser guiado, não a guiar. Ele o provou. Não há como perdê-lo, se não lembrando-se de que souzou traça.

Reconstituição histórica de uma dama nobre

Enxada no Castelo de la Pousada, no vale do Loire. As pregas na estufa alta, já embutido do busto, os braços esticados como lavados. Flutuando. Os braços do castelo. A luz vem de cima uma concha. Da madeira e a poça. Sua voz cantando fina, fina. O grande território dividido-se em regiões militares. Aterrados pelo vento as servas escondiam os cavalos. As grandes chaves de ferro. O vento sopra, e na sombra da alcega o leito branco. Os cães no pátio: quinze galgos ladravam. O freixo e as folhas, folo e folo, os forjais martelando. Aproxima-

va-se o galopar composto, apressado. Em torno do poço, do vento do Loire em guirlanda, as margaridas. Muito sobre, perto. O tipo tempo. A boca de castelo. A vasta periferia do diretor espiritual: as mãos erçadas no regaço. Sua época foi sua vida. Estuda no ano de 1513, sepulta na capela do bosque. Cem anos depois os seus foram trancados, e depois de anos, translados. Até que dela ficou o castelo em que viveu e a tela região do Loire. E no museu "cheia de anônimo etc. XVI, mas que um dia pintara, cada no castelo da arte decorativa de seu tempo.

PLANO BAURUCAR 70

BAURUCAR REVENDEDOR AUTORIZADO VOLKSWAGEN - AV. ROBERTO ALVES, 23-25 • TEL. 7177

422 VOLKSWAGEN JÁ ENTREGUES

INSCRIÇÕES ABERTAS PARA O 6.º GRUPO

ANEXO M – Refúgio

REFÚGIO

por Clarice Lispector

Conheço em mim uma imagem muito boa, e cada vez que eu quero eu a tenho, e cada vez que ela vem ela aparece toda. É a visão de uma floresta, e na floresta vejo a clareira verde, meio escura, rodeada das alturas das árvores, e no meio desse bom escuro estão muitas borboletas, um leão amarelo sentado, e eu sentada no chão bordando. As horas passam como muitos anos e os anos se passam realmente, as borboletas cheias de grandes asas enfeitadas e o leão amarelo com manchas — mas essas manchas são apenas para que se veja que ele é amarelo, pelas manchas se vê como ele seria se não fosse amarelo. Por aí se vê quanto é precisa a minha visão. O bom dessa imagem é a penumbra, que não exige mais do que a capacidade de meus olhos e não ultrapassa minha visão. E ali estou eu, com borboleta, com leão. Minha clareira tem uma minúscula, que são as cores. Só existe uma ameaça: é saber com apreensão que fora dali estou perdida, porque nem sequer será a floresta (esta eu conheço de antemão, por amor), será um campo vazio (e este eu conheço de antemão através do medo) — tão vazio que tanto me fará ir para um lado como para outro, um descampado tão sem tampa e sem cor-de-chão que nele eu nem sequer encontraria um bicho para mim. Ponho a apreensão de lado, suspiro para me refazer, e fico toda gostando de minha intimidade, com o leão e as borboletas: nenhum de nós pensa, a gente só gosta. Também eu, nessa visão-refúgio, não sou em preto e branco: sei que eu me veja, sei que para eles eu sou colorida, embora sem ultrapassar a capacidade de visão deles, o que os inquietaria, e nós somos inquietantes. Sou com manchas azuis e ver-

des só para estas mostrarem que não sou azul nem verde — olha só o que eu não sou! A penumbra é de um verde escuro e úmido, eu sei que já disse isso mas repito por gosto, de felicidade: quero a mesma coisa de novo e de novo. De modo que, como eu ia sentindo e dizendo, lá estamos. E estamos muito bem. Para falar a verdade, nunca estive tão bem. Por que? Não quero saber por quê. Cada um de nós está no seu lugar, eu me submeto com prazer ao meu lugar de paz. Vou até repetir um pouco mais minha visão porque está ficando cada vez melhor; o leão amarelo pacífico e as borboletas voando caladas, eu sentada no chão bordando e nós assim cheios de gosto pela clareira verde. Nós somos contentes.

ESTILO

— Que é isso que você está escrevendo?
— Estou batendo a máquina um requerimento.

— Deixe eu ler. Foi você mesma que escreveu?
— O abaixo assinado vem requerer a V.Sa... "Puxa, você nunca escreveu tão gráfico."

UM DEGRAU ACIMA: O SILENCIO

Até hoje eu por assim dizer não sabia que se pode não escrever. Gradualmente até que de repente a descoberta tímida: quem sabe, também eu já poderia não escrever. Como é infinitamente mais ambicioso. É quase inalcançável.

**PLANO
BAURUCAR 70**

BAURUCAR REVENDEDOR AUTORIZADO VOLKSWAGEN • AV. RODRIGUES ALVES, 23-23 • TEL. 7177



422 VOLKSWAGEN JÁ ENTREGUES
INSCRIÇÕES ABERTAS PARA O 6.º GRUPO

ANEXO N – Espectadores do Próprio Destino

Espectadores do próprio destino

por Clarice Lispector

Às vezes abro cadernos antigos de notas e encontro copiado algum texto alheio, e fico sem saber ao certo a propósito de que copiei. O pior é que, confiando na minha memória que é má, deixo de lado a fonte de anotação ou algum dado mais esclarecedor.

Encontrei, por exemplo, a seguinte anotação, tendo ao lado escrito: Harvard Center for International Affairs. E, entre parênteses, "O que mais preocupa você nos Estados Unidos de hoje".

Tentarei traduzir: "A extraordinária passividade de nossas atitudes. Nossa rejeição do senso trágico da vida. Estamos certos de que se pode conseguir o que se quiser bastando para isso querer bastante. Nossa tendência é transformar todos os nossos problemas em problemas administrativos. Parecemos querer fazer qualquer coisa, contanto que isso nos prenda somente entre nove horas da manhã e cinco da tarde. Não creio que se possa estabelecer boas intenções em troca do pensamento profundo ou pela angústia que é inseparável da criação. Nós não podemos ser espectadores do nosso próprio destino. Numa época de tão enormes transformações em todas as áreas de nossa vida nacional, não podemos olhar para o passado em busca das respostas. Precisamos arriscar-nos a procurar novas respostas, ou terminaremos desintegrados psicológica e moralmente".

Vivi nos Estados Unidos e, com a modéstia apenas natural em quem não é uma pen-

sadora e sim uma "sentidora", concordo. É mais. Acho que a observação é totalmente válida para muitos países e para a vida individual de cada um de nós. Bem sei que muitas respostas nós as temos que procurar e, penosamente, nas raízes de passado — mas só se tivermos em vista a possível resposta nova, que é sempre um risco. No entanto, por mais perigoso que seja nos arriscarmos, mais trágica ainda é a desintegração psicológica e moral.

AINDA SE PODE VER

Um dia desses vi sobre a mesa uma talhada de melancia. E, assim sobre a mesa nua, parecia o riso de um louco (não sei explicar melhor). Não fosse a resignação — um mundo que me obriga a ser sensata, como eu gritaria de susto às alegres monstruosidades pré-históricas da terra. Só um instante não se espanta também ele é uma alegre monstruosidade que se repete desde o começo da história do homem. Só depois é que vem o medo, o apaziguamento do medo, a negação do medo, a civilização, enfim. Enquanto isso, sobre a mesa nua, a talhada gritante de melancia vem-nos. Sou grata a meus olhos que ainda se espantam tanto. Ainda verei muitas coisas. Para falar verdade, mesmo sem melancia, uma mesa nua também é algo para se ver. Que me perdoem os cegos, pelos quais tenho tanto carinho. Feliz Ano Novo.

**PLANO
BAURUCAR 70**

BAURUCAR REVENDEDOR AUTORIZADO VOLKSWAGEN • AV. RODRIGUES ALVES, 23-23 • TEL. 7177



ANEXO O – O Estado Atingido

JORNAL DA CIDADE

O estado atingido

De CLARICE LISPECTOR

O ESTADO ATINGIDO

Depois da época de palavras de amor, de palavras de raiva, de palavras, as relações entre ambos tornaram-se aos poucos impossíveis de resultar numa frase ou numa realidade clara. A medida que estavam casados há tanto tempo, as divergências, as desconfianças, certa rivalidade, jamais chegavam à tona, embora elas existissem entre ambos como o plano dentro do qual se entendiam. Esse estado quase impedia uma ofensa e uma defesa e jamais uma explicação. Formavam o que se chama um casal comum.

CADERNO DE NOTAS

"Todos aqueles que fizeram grandes coisas fizeram-nas para sair de uma dificuldade, de um beco-sem-saída". Traduzo isso do francês, frase encontrada num caderno de notas antigo. Mas quem escreveu isso? Não importa, é uma verdade da vida, e muitos poderiam tê-la escrito.

EXERCÍCIO

E' curiosa esta experiência de escrever mais leve e para muitos. Eu escrevia "minhas coisas" para poucos. Está sendo agradável a sensação. Aliás, tenho me convocado muito ultimamente e descobri, com surpresa, que sou suportável. As vezes, até agradável de ser.

Bem, nem sempre.

SUPONDO O CERTO

E suponhamos que o telefone ainda em toda a cidade, enguiçado, o que é verdade. Suponhamos que eu faça uma ligação, e dê sinal de ocupado, o que é verdade. Suponhamos que, de repente, o sinal de desocupado está

soando em chamada, o que é verdade. Suponhamos que não atendam, o que ser atendido o número discado ouço uma linha cruzada, o que é verdade. Suponhamos que, por curiosidade simples, passo a ouvir a conversa entre um homem e uma mulher, o que é verdade. Suponhamos que no final da conversa eu ouça uma frase limpa, o que é verdade. Suponhamos que a frase limpa seja "Deus te abençoe", o que é verdade. Suponhamos que eu me sinto então toda abençoada, pois a frase foi também para mim, o que é verdade? Sim. A frase era para mim. Não suponho mais. Digo apenas "sim" ao mundo.

SUPONDO O ERRADO

Suponhamos que eu seja uma criatura forte, o que não é verdade. Suponhamos que ao tomar uma resolução eu a mantenha, o que não é verdade. Suponhamos que eu escreva um dia alguma coisa que desnude um pouco a alma humana, o que não é verdade. Suponhamos que eu tenha sempre o rosto sério, que vislumbre, de repente, no espelho, ao lavar as mãos, o que não é verdade.

Suponhamos que as pessoas que eu amo sejam felizes, o que não é verdade. Suponhamos que eu tenha menos defeitos graves do que tenho, o que não é verdade. Suponhamos que haste uma flor bonita para me deixar iluminada, o que não é verdade. Suponhamos que eu, finalmente, esteja sorrindo logo hoje, que não é dia de sorrir, o que não é verdade. Suponhamos que entre meus defeitos haja muitas qualidades, o que não é verdade. Suponhamos que eu nunca minta, o que não é verdade. Suponhamos que um dia eu possa ser outra pessoa e mude de modo de ser, o que não é verdade? Não.

ANEXO P – Dança Estranha

DANÇA ESTRANHA

De CLARICE LISPECTOR

O diácono faz gestos misteriosos, quadrados e para, e que paraí por vários instantes também faz parte, e a dança do exaltamento, os movimentos passam os cantos. O diácono procura de uma inofensível a outra, durante tempo para a interpretação. Ele simula, porém, sua inofensível e a presença do culto anterior, e o parado ainda contém tudo o tremor do gesto. Ele agora está inteiramente para, e a sua obra sagrada como se não fossem, apenas, as circunstâncias da vida.

Esta é a dança do homem, que tem a ciência dos mínimos e das abstrus, e a quem uma veracidade maior é permitida.

Quanto a mulher hindu, ela não se espanta nem com a repugnância, seus movimentos são tão contínuos e estridentes como a incansável corrente de um rio. Tem os braços longos das mulheres antigas. As mãos desliza ali e ali pelas pernas e reduzem as possibilidades de seu pensamento. São mulheres sem estudeio. E, na dança muda, recusam a primitiva conta da graça. Mesmo a semi-nudidade e ainda a mesma graça, apenas um pouco mais intensa.

A platéia mal-interna, tão monótona e está-
tílica já determinada há séculos. E também porque
é tratada e é mesmo mal-tratada desde do Oriente.
E um outro modo de saber a vista. O dele. E depois
há outros (mal-estar): então é que eles não neces-
sitam ver nada. Há então corpos movimentados das dan-
ças, que se desmanjam tudo a Oreladas. Eles
acreditam em máscaras, acreditam num amor
maior: são corpos antigos, serenos demais.

Q. interminável programa que folheia, anuncia agora que três mulheres dançarão "mostrando todo o encanto feminino", que descepoja. As três mulheres que aparecerem mal se movimentam. Procura-se o "encanto feminino", e vemos as três mulheres se mexendo tranquilas, como se não sentissem. É o pior é que de repente basta. Como se não dessemos: eis aqui a fruta mais rara. E nos mostram a largura de bolso no dia. Despreendida, vejo que a largura é rara entre as mais raras.

Muita tentação é de se abandonar a sociedade, expulsa de casa e pinguim que não tem fim. Gordos e brancos, não nos satisfazem nos palácios, a regra das reformas dos Reis Magos. Mas não nos devotamos à mesa pombo de caracóis, lambe-lambos como leão que a fome é simples. Descemos, lutamos também, expostos ao sol e a novos desafios. A mesa de caracóis não nos dá a liberdade que buscamos muito mais — não só agora. É verdade, porém muito mais. Com um sorriso encolado, perduramos fides as horas desde largamos de pobre, fingidos, agredidos, que estamos comendo falso. Com um sorriso, deixamos que nos desviamos e nos ouvimos nos olhos. O que é: fides, liberdade, liberdade, liberdade. Não nos dá a liberdade que buscamos, mas mandamos, em seguida, voltar-se os olhos para o mundo que assim deveria ser. Mas de que nos oferece o que não nos segue o espaço de nós.

[illegible]

O programa impresso explica pacientemente a que seceder, no palco, eles vão enfrentar na simples vista de nossos olhos, o programa falado: próximo número e em, entre parênteses, que duas noções entrarão em cena jogando bola. Prosseguir em vão ao menos um gesto que simbolize a existência magi-ficada de uma bola. Até que eles me desarmem: cabem brincar sem brinquedo.

Mas os homens dos departamentos não dormem e trabalham, fazem bem à boca, Mirandino, Ucho, Alencastro, Apino. Mas quando um pouco arde, estranhamente resmoleja: já não os não comi demais frutas? Não se foi estúpido em, Eza, entendiada, exporimentava das arvores.

Os músicos ficam sentados no próprio palco sobre as pedras cruzadas longitudinalmente. A música é uma melodia plangente, com como a voz quando se tem um pouco de medo da morte. É uma melodia invariável que foi transplantada de espaços maiores para o tamanho do teatro, assim como uma animal de campo que dá voitas patentes às jaulas. Entre os músicos, um homem bem magro é o cantor. O canto é leve, parece inventado apenas pela garganta.

E lentamente vai me adormecendo na cadeira,
lentamente hipnotizando em serpente.

ANEXO Q – A Geleia Viva como Placenta

A geleia viva como placenta

de clarice lispector

Este sonho foi de uma assombração triste. Começa como pelo meio. Havia uma geleia, que estava viva. Quais eram os sentimentos da geleia? O silêncio. Viva e silenciosa, a geleia arrastava-se com dificuldade pela mesa; descendo, subindo, vagarosa, sem se esparramar. Quem pegava nela? Ninguém tinha coragem. Quando a olhei, nela vi espelhado meu próprio rosto mexendo-se lento na sua vida. Minha deformação essencial. Deformada sem me derramar. Também eu apenas viva. Lançada no horror, quis fugir da minha semelhante — da geleia primária — e fui ao terraço, pronta a me lançar daquele meu último andar. Era noite fechada, e isso eu via do terraço, e eu estava tão perdida de medo que o fim se aproximava: tudo o que é forte demais parece estar perto de um fim. Mas antes de saltar do terraço, eu resolvia pintar os lábios. Pareceu-me que o baton estava curiosamente mole. Percebi então: o baton também era de geleia viva. E ali estava eu no terraço escuro com a boca umida da coisa viva.

Quando já estava com as pernas para fora do balcão, foi que vi os olhos do escuro. Não "olhos no escuro": mas os olhos do escuro. O escuro me espiava com dois olhos grandes, separados. A escuridão pois, também era viva. Aonde encontraria eu a morte? A morte era geleia viva, eu sabia.

Vivo estava tudo. Tudo é vivo, primário, lento, tudo é primariamente imortal.

Com uma dificuldade quase insuperável consegui acordar-me a mim mesma, como se eu me puxasse pelos cabelos para sair daquele atolado vivo.

Abri os olhos. O quarto estava escuro, mas era um escuro reconhecível, não o profundo escuro do qual eu me arrancara. Senti-me mais tranquila. Tudo não passara de um sonho. Mas percebi que um dos meus braços estava para fora do lençol. Com um sobressalto, recolhi-o: nada meu deveria estar exposto, se é que eu ainda queria me salvar. Eu queria me salvar? Acho que sim: pois acendi a luz da cabeceira para acordar inteiramente. E vi o quarto de contornos firmes. Havíamos — continuava eu em atmosfera de sonho — havíamos endurecido a geleia viva em paredes, havíamos endurecido a geleia viva em teto; havíamos matado tudo o que se podia matar, tentado restaurar a paz da morte em torno de nós, fugindo ao que era pior que a morte: a vida pura, a geleia viva. Fechei a luz. De repente o gato cantou. Num edifício caiado de branco, um gato vivo. Por fora a casa limpa, e por dentro o grito? assim falava o Livro. For fora a morte conseguida, limpa, definitiva — mas por dentro a geleia elementarmente viva. Disso eu soube, no primário da noite.

ANEXO R – A Lucidez Perigosa

A LUCIDEZ PERIGOSA

Clarice Lispector

Estou sentindo uma clareza tão grande que me anula como pessoa atual e comum; é uma lucidez vazia, como explicar? assim como um cálculo matemático perfeito do qual não se precisa. Estou por assim dizer vendo claramente e vazio. E nem entendo aquilo que entendo: pois estou infinitamente maior do que eu mesma, e não me alcanço. Além do que: que faço dessa lucidez? Sei também que esta minha lucidez pode-se tornar o inferno humano — já me aconteceu antes. Pois sei que — em termos de nossa diária e permanente acomodação resignada à irre realidade — essa clareza de realidade é um risco. Apaga pois minha flama, Deus, porque ela não me serve para viver os dias. Ajuda-me a de novo consistir de modos possíveis. Eu consisto, eu consisti, amém.

COMO ADORMECER

Em noites de insônia inventei um modo de adormecer infantil em que eu me falo não só e muitas vezes dá certo. É um pouco assim se me lembro "Retregredi; sou uma criança pequena. Eu me deito e todos dormem comigo. Nada de mau pode acontecer. Tudo é bom e suave. A alma é eterna. Nunca ninguém morre. O prazer de ser criança é grande e doce. Deus se espalha pelo meu corpo: sua doçura e sentida como um paladar pelo corpo todo. Está bom, está bem. Deus me ilumina toda mas bem em penumbra para sua luz não me despertar. Sou uma criança: não tenho deveres, só direitos. O prazer de estar viva é o de adormecer. Sinto esse viver lentíssimo como um sabor pelas pernas e braços. Minha alma está enfim entregue. Nada mais tenho a entregar. Nada me segura mais: vou. Vou para a beatitude. A beatitude me gula e me leva pela mão. a beatitude em vida".

EM BUSCA DO PRAZER

E tanto sofrimento por estar, às vezes sem nem saber, à cata de prazeres. Não sei como esperar que eles venham sozinhos. E é tão dra-

mático: basta olhar numa bule à meia luz os outros; a busca do prazer que não vem sozinho e de si mesmo. A busca do prazer me tem sido água ruim; colo a boca e sinto a bica enferrujada, escorrem dois pingos de água morna: é a água seca. Não, e antes o sofrimento legítimo que o prazer forçado.

EU ME ARRANJARIA

Se o mundo não fosse humano, também haveria lugar para mim; eu seria uma mancha difusa de instinto, doçuras e ferocidades, uma irradiação de paz e luta; se o mundo não fosse humano eu me arranjaria sendo um bicho. Por um instante então desprezo o lado humano da vida e experimento a silenciosa alma da vida animal. E' bom, é verdadeiro, ela é a semente do que depois se torna humano.

ATE' A MAQUINA?

Mandei consertar a minha máquina de escrever. Inserido ao redor do rolo (eu como quer que se chame vocês sabem) ainda estava o papel onde o consertador de máquinas tentava escrever para ver se esta sem defeito. No papel estava escrito:

s d f g e i k j a e v que Deus seja louvado p o y 3 e.

BUQUÊ DE NOIVAS
grátis

A ADMA FLORICULTURA oferecerá gratuitamente um buquê para todas noivas que irão se casar em 72.

A ADMA dará ainda orientação para decoração de festas, flores para Igrejas, com descontos especiais.

ADMA FLORICULTURA LTDA.

Avenida Duque de Caxias, 7-85 — tel. 3376

'ALIANÇAS CUPIDO

PARA NOIVADO - BODAS DE PRATA
E CURSILHISTAS - FABRICAÇÃO
MODERNA SOB ENCOMENDA

**OFICINA DE JOIAS
SANTO ANTONIO**

18 k.

AV. NACÕES UNIDAS, 8-80 - TEL. 6819 (perto de feira)

UM INSTANTE DE TERNURA...

COM OS PRESENTES
QUE DÃO SORTE...

JOIAS E RELOJOS

RELOJOARIA MASCOTE

R. ENRIQUE 5-42 - TEL. 5305 - BARRA

ANEXO S – Hoje Nasce um Menino

Hoje nasce um menino

Clarice Lispector

Na manjedoura estava calmo e bom.

Era tardinha e ainda não se via a estrela-guia. Por enquanto a alegria serena de um nascimento — que sempre renova o mundo e fá-lo começar pela primeira vez — por enquanto a alegria suave pertencia apenas a uma pequena família judia. Alguns outros sentiam que algo acontecia na terra, mas ver ninguém via ou ao certo sabia.

Na tarde já escurecida, na palha cor de ouro, tenro como um cordeiro, refulgia o menino, tenro como o nosso filho.

Bem de perto a cara de um boi e outra de jumento olhavam. E esquentavam o ar com o hálito do corpo.

Era depois do parto, e tudo úmido repousava, tudo úmido e morno respirava.

Maria descansava o corpo cansado — sua tarefa no mundo e diante dos povos e do Deus seria a de cumprir o seu destino, e ela agora repousava e olhava a doce criança.

João de longas barbas ali sentado meditava, apoiado no seu cajado; seu destino, que era o de entender, se realizara.

O destino da criança era o de nascer.

Ouvia-se, como se fosse no meio da noi-

te calada, aquela música de ar que cada um de nós já ouvia e de que é feito o silêncio. Era extremamente doce e sem melodia, mas feita de sons que poderiam se organizar em melodia. Flutuante, ininterrupta. Os sons como quinze mil estrelas. A pequena família captava a mais primária vibração do ar — como se o silêncio falasse.

O silêncio do Deus grande falava. Era de um agudo suave, constante, sem arestas, todo atravessado por sons horizontais e oblíquos. Milhares de ressonâncias tinham a mesma altura e a mesma intensidade, a mesma ausência de pressa, noite feliz, noite sagrada.

E o destino dos bichos ali se fazia e refletia: o de amar sem saber que amavam. A decura dos brutos compreendia a inocência dos meninos. E antes dos reis, presentavam o nascido com o que possuíam: e olhar grande que eles tem e a rapidez do ventre que eles são.

Este menino, que renasce em cada criança nascida, iria querer que fossemos fraternos diante da nossa condição e diante do Deus. O menino iria se tornar homem e falaria.

Hoje em muitas casas do mundo nasce um Menino.

ANEXO T – Verão no Baile

VERÃO NO BAILE

CLARICE LISPECTOR

Com o leque a gorda matrona pensa alguma coisa. Ela pensa o leque e com o leque se abana. E com o leque fecha de subite o pensamento num estalido, vazia, sorridente, rígida pela cinta apertada, ausente. O leque distraído e aberto no peito. "Também sei, elas arranjaram casamento", concorda ela como visita que é recebida na sala de visitas. Mas num alvoroço controlado, eis que se abana com mil asas de pardal.

ALDEIA NAS MONTANHAS DA ITALIA

Os homens tem lábios vermelhos e se reproduzem. As mulheres se deformam amamentando. Quanto aos velhos não são excitados. O trabalho é duro. A noite, silenciosa. Não há cinemas. Na porta de casa a beleza das moças é a de ficar de pé no escuro. A vida é triste e ampla como deve ser uma vida na montanha.

SAGUÃO NA TIJUCA

Na Zona Norte sopra um vento quente, um siroco. No saguão cinco moças sem cor já tomaram o banho da tarde, os cabelos secam ao siroco. Têm olhos pretos, braços redondos e bocas desbotadas — Elas são as filhas. Para que falar? sentai-vos e tocaí vossas guitarras. Não há nada a lhes dizer. Ali não há nada a salvar. Nem tudo simboliza alguma coisa, e isso é tão importante como o oposto. São apenas cinco moças de boca desbotada que deixam no saguão mesmo, e que lá fiquem. E se não quiserem ficar, que saiam.

Cinco moças sem cor simbolizam cinco moças sem cor. Eis que estou vendo esse harém de bocas desbotadas, e sem crueldade ou amor à seleção natural não me politizo, não me politizo.

não acho que está certo ou errado; está é isso mesmo. Mas o siroco, sim, traz cavaleiros e areias, vindos do deserto.

A COZINHEIRA FELIZ

No sabia ler, eu li alto para ela, a carta "Therezinha meu amor. Estás sempre em meu coração. Desde o momento em que a vi meu coração tornou-se cativo de seus encantos. Ao vê-la tão meiga e bela senti Minha Alma perturbada minha vida até então vazia e triste. Tornou-se cheia de luz e esperança acesa em meu peito a chama do amor. O amor que despertou em mim. Therezinha queridinha do coração é iluminado pela sua pureza e encontra em meu coração a grandeza de minha sinceridade. Que felicidade podemos encontrar um dia num coração que pulse junto ao nosso, irmanados nas doçuras e agruras da vida um coração amigo que nos conforte uma alma pura que nos adore e leve ao céu doce balada de amor a mulher querida com que sonhamos. Eternamente seu apaixonado Edgard. Da Therezinha querida peço-lhe uma resposta. Estrada São Luiz, 30 C. Santa Cruz, é o meu endereço".

ANTES ERA PERFEITO

Ter nascido me estragou a saúde.

AS NEGOCIATAS

Depois que descobri em mim mesma como é que se pensa, fazendo comigo mesma negociatas, nunca mais pude acreditar no pensamentos dos outros.

POR DISCREÇÃO

Deus lhe deu inúmeros pequenos dons que ele não usou nem desenvolveu por receio de ser um homem completo e sem pudor.

ANEXO U – Morro de Pena de Meus Personagens

MORRO DE PENA DE MEUS PERSONAGENS.

CLARICE LISPECTOR

Morro de pena de meus personagens. Se eu pudesse ah se eu pudesse como facilitaria a vida deles, como lhes daria mais amor. Mas nada posso fazer senão lhes dar esperanças, e levá-los empurrões para a frente. Só há um livro meu em que o personagem morre no fim. A todos os outros, eu deixo o caminho aberto: é só ter força ou querer passar. E' com piedade e resignação que os deixo sofrer: que assombrosa coragem a minha: são filhos meus e no entanto abaixo a cabeça às suas dores.

Por isso, adio tanto em escrever um livro. Já sei como vou ser torturada e castigada, e como muitas vezes me sentirei impotente. Mas nada posso fazer: tudo o que vive, sofre.

DESENCONTRO

Eu te dou pão e preferes ouro. Eu te deu ouro mas tua fome legítima é do pão.

VIVER

Ele teve a sensação de ser. Não pederia explicar, tão profundo, nítido e largo que era. A sensação de ser era uma visão aguda, calma e instantânea de se ser o próprio representante da vida e da morte. Então ele não quis dormir, para não perder a sensação de vida.

DAREL

Vi quadros de Darel. Parece-me que seus sonhos — sonhos mesmo de quando se dorme — são transportados todos para a tela. As ci-

dades inexistentes que ele cria e que parecem despovoadas, os seres esmagados pela máquina — e tudo isso na atmosfera penumbrosa do sonho, num realismo que nós reconhecemos como se o sonho fosse nosso: beleza e pesadelo marcam a obra de Darel. Como se podem unir estas duas palavras — só Darel sabe porque ele vive os seus sonhos não como homem irreal, mas como homem. Quem habita as enormes cidades, senão o próprio Darel que sonha e idealiza? Sonhar e realizar são o ideal de um homem, de uma mulher. Em Darel, além da parte artística propriamente, há uma preocupação com a totalidade do ser humano na sua plenitude. O choque impotente do indivíduo diante da máquina. As cidades escuras onde uma ou outra janela de luz acesa atesta que elas são habitadas. Trata-se de um grande artista e tenho que falar no resplandecente mistério de sua obra. Dela emana, tanto da gravura, quanto do óleo e do desenho, o grande mistério de viver.

E' PRECISO PARAR

Estou com saudade de mim. Ando pouco recolhida, atendo demais ao telefone, escrevo depressa, vivo depressa. Onde está eu? Preciso fazer um retiro espiritual e encontram-me enfim — enfim, mas que medo — comigo mesma.

ANEXO V – O Pianista

O pianista

CHARLES LISPECTOR

Ele era baixo e magro, andava com um piano leve como se o corpo não o pertencesse. A moça da portaria da pensão do Castelo, em transporte de rolê, disse dele: "O cara, eu não posso ter de exprimir seus sentimentos pelo piano!"

Ele tocava de noite, quando os hóspedes deixavam mais vazio o salão. Devia ter tocado em tempos bons, razoavelmente bem, quando a técnica. Quanto aos "seus sentimentos" não podiam se exprimir pela música sendo em duas variantes primárias: era o pianíssimo, era o fortíssimo. Passava de um para outro sem aviso, e que na verdade exprimia os sentimentos primários da moça da portaria. Quanto aos outros, talvez como duas únicas variações, expressassem apenas uma gama pobre ou monótona de emoções. Quanto ao seu físico, ainda, seu torso veio por engano para outro quarto, tal como se ele todo estivesse produzido pelo cabide — um corpo mais alto que o outro, e ali não eram estreitos, mas de alguns metros de diâmetro ou mais. Não foi difícil de admitir que o torso era dele. "Do estrangeiro?", perguntaram. "É estrangeiro?", responderam com uma pergunta. Não era.

Esqueço de dizer que ele parecia albinho. E era mesmo: daí, talvez, indistintamente só parecia pianíssimo ou fortíssimo, como se só no grau contrário de "visão". — Eu o conheci, e era um homem que quase não falava. Mas não se falou. Talvez tivesse encontrado um modo novo entre o pianíssimo e o fortíssimo. Como a maioria das pessoas.

POB QUE?

Um dia o rapaz virou-se para a namorada no piano conversando com duas amigas. Por que sentiu ele um mal-estar como se ele sempre tivesse sentido e só agora ele tivesse a prova? No entanto ela nunca dissera que sabia ou que não sabia, nem conversava. Mas a ideia que ele tinha dela fora tirada pela visão nova: junto das amigas, ela parecia outra pessoa.

O por é que também ela não se sentiu bem quando ele contou que a tinha visto? Fazia muitas perguntas: como é que eu estava? com que roupa? eu estava ruim? E ele sabia que, se houvesse possibilidade de se explicar, e não havia, proibiria que ela se encontrasse com as amigas. Ela pensaria imediatamente em mim. A ideia de que ela pudesse imaginar uma simplicidade como favorecia a si própria, como ser objeto precioso de ciúmes, deu-lhe para dela e ele achou-a ridícula.

De qualquer maneira, desde que viu a nova ideia dela na estar conversando na cozinha, de algum modo a desaprova. Como não poderia porque, procurava atualizá-la; parecia uma coisa que depois de lavar os pratos vai de mãos vermelhas conversar na cozinha. Mas não era verdade, nem ele conseguia se convencer com o próprio argumento. Só que agora permanencia lá quando ela lhe contava por exemplo, o que sentia de noite. Olhava a de olhos bem abertos e sem zombar, bem alertas para não rir dela, como se lhe dissesse: "você pensa que me engana? você é outra pessoa, eu vi você conversando na cozinha."

Nunca mais se entenderam bem e o namoro não durou muito. Terminou tristemente, sem saudades.

AINDA IMPOSSÍVEL

Reconheço que eu gostaria mesmo, era de poder um dia afinal escrever uma história que começasse assim: era uma vez... "Por que crianças? perguntaram. Não, para adultos mesmo, respondi à distância, ocupada com um bônus de notícias (primeiras histórias em três anos, todas e tudo isso com "era uma vez"). Eu as enviava para a página infantil nos quinze dias do jornal de Berlim, e também, mais alguma coisa, foi também publicada. E mesmo então eu não fui feliz de ver porque Berlim era uma pequena cidade e a história com as fotos necessitava, a uma história. Eu li as que eles publicavam, e todas relatavam um acontecimento. Mas se eles eram verdadeiros, eu também.

Desde então, porém, eu havia mudado um pouco, quem sabe agora já estava pronta para a verdade: "era uma vez". Perguntei-me era ingenuidade e por que não começar agora mesmo? Era simples, senti eu.

E começou. No entanto, ao ter escrito a primeira frase, vi imediatamente que ainda era impossível. Eu havia escrito: "Era uma vez um pianista, um Deus".

ANEXO W – Uma História Policial para Crianças

Uma história policial para crianças

Clarice LISPECTOR

Um livro meu "O mistério do coelho pensante" (publicação da José Alvaro Editora, com ilustração muito belas de Eurydice) tem causado muita perplexidade. Pois lá eu faço uma pergunta e ainda não encontrei uma resposta que me servisse. O núcleo da história é verdadeiro. Começo com um pequeno prefácio:

"Esta história só serve para criança que simpatiza com coelho. Foi escrita a pedido-orden de Paulo, quando ele era pequeno e ainda não tinha descoberto simpatias mais fortes. "O mistério do coelho pensante" é também minha discreta homenagem a dois coelhos que pertenceram a Pedro e a Paulo, meus filhos. Coelho, aqueles que nos deram muita dor de cabeça e muita surpresa de encantamento. Como a história foi escrita para excluir uso doméstico, deixei todas as entrelinhas para as explicações orais. Peço desculpas a pais e mães, tios e tias, e avós, pela construção forçada que serão obrigados a dar. Mas pelo menos posso garantir, por experiência própria, que a parte oral desta história é o melhor dela. Conversar sobre coelho é muito bom. Aliás esse "Mistério" é mais uma conversa íntima do que uma história. Daí ser muito mais extensa que o seu aparente número de páginas. Na verdade só acabo quando a criança descobre outros mistérios".

E agora começa a história:

Pois olhe, Paulo, você não pode imaginar o que aconteceu com aquele coelho.

Se você pensa que ela falava, está enganado. Nunca disse uma só palavra na vida. De pensa que era diferente dos outros coelhos, está enganado. Para dizer a verdade, não possuía de um coelho. O máximo que se pode dizer é que se tratava de um coelho muito branco.

Por isso tudo é que ninguém nunca imaginou que ele pudesse ter algumas ideias. Veja bem: eu nem disse "muitas ideias", só disse "algumas". Pois olhe, nem de algumas achavam elas capazes.

A coisa especial que acontecia com aquele coelho era também especial com todos os coelhos do mundo. É que ele pensava essas algumas ideias com o nariz dele. O jeito de pensar as ideias dele era mexendo bem o nariz. Tanto travava e desfranzia o nariz que o nariz vivia cor-de-rosa. Quem olhasse podia achar que pensava sem parar. Não é verdade. Só o nariz dele é que era rápido, a cabeça não. E para conseguir cheirar uma só ideia, precisava fransir quinze mil vezes o nariz.

Pois bem. Um dia o nariz de Joãozinho — era assim que se chamava esse coelho — um dia o nariz de Joãozinho conseguiu farejar uma coisa tão maravilhosa que ele ficou bobo. De pura alegria, seu coração bateu tão depressa como se ele tivesse engolido muitas bombolitas. Joãozinho disse para ele mesmo:

— Puxa, eu não passei de um coelho branco, mas acabo de cheirar uma ideia tão boa que até parece ideia de mamão!

E ficou encantado. A ideia que tinha cheirado era tão boa quanto o cheiro de uma cereia fresca.

Joãozinho começou então a trabalhar nessa ideia. E para isso precisou mexer tanto o nariz que quase virou nariz fraco quase vertiginoso. Coelho tem muita dificuldade de pensar, porque ninguém acredita que ele pense. E ninguém espera que ele pense. Tanto que a natureza do coelho até já se habituou a não pensar. E hoje em dia eles todos estão conformados e felizes. A natureza deles é muito satisfeita, enquanto que sejam animais, eles não se incomodam de ser burrinhos. (continua no próximo domingo).

ANEXO X – O Mistério do Coelho Pensante - 2ª parte

O mistério do coelho pensante - (2.a parte)

Clarice LISPECTOR

Desconfio que você não sabe bem o que quer dizer natureza de coelho.

Natureza de coelho é o modo como o coelho é feito. Por exemplo: a natureza dele dá mais filhinhos do que a natureza das pessoas. E por isso que ele é meio bobo para pensar, mas não é nada bobo quando se trata de ter filhinhos. Enquanto um pai e uma mãe tem de cada vez, devagar, um só filho gente, o coelho vai tendo muitas, assim, como quem não quer nada. E bem depressa, igual como franze e desfranze o nariz.

Natureza de coelho é também o modo como ele adivinha as coisas que fazem bem a ele, sem ninguém ter ensinado.

Natureza de coelho é também o modo que ele tem de se ajeitar na vida.

COMO eu ia contando, Joãozinho começou a trabalhar na ideia. A ideia era a seguinte: fugir da casinhola todas as vezes que não houvesse comida na casinhola.

VOCE talvez esteja decepcionado, Paulinho. Você talvez esperasse outro tipo de ideia, você que tem tantas. Mas acontece que esta historia é uma historia real. E como todo mundo sabe que essa ideia é exatamente a especie de ideia que um coelho é capaz de cheirar. Pois a natureza dele só é esperta para as coisas de que ele precisa.

COMO eu ia contando, Joãozinho lembrou-se de fugir cada vez que faltasse comida na casinhola.

Mas o problema era o seguinte: como é que ia poder sair de lá de dentro?

A casinhola — é preciso não esquecer — tinha grades muito estreitas, e Joãozinho, além de branco era gordo mesmo. E claro que não podia passar pelas grades. O unico modo de

se abrir a casinhola era levantando o tampo. E o tampo, Paulo, era de ferro pesado, só gente é que sabia levantar.

DURANTE dois dias Joãozinho franziu e desfranziu o nariz milhares de vezes para ver se cheirava a solução.

E a ideia finalmente veio. Dessa vez, Paulo, foi uma ideia tão boa que nem mesmo criança, que tem muitas ideias, pode adivinhar.

A IDEIA foi a seguinte: ele descobriu como sair da casinhola. E, se bem pensou, melhor fez.

De repente os donos do coelho viram o coelho na calçada, gritaram, correram atrás dele, chamaram as outras crianças da rua — e todas juntas cercaram Joãozinho e finalmente conseguiram prendê-lo de novo. Foi uma dificuldade tirar o coelho do lugar onde ele tinha se escondido. Sabe onde? Embaixo de um carro parado. Então com um cabo de vassoura conseguiu-se afugentá-lo de lá e puderam, enfim, perseguir-lo e prendê-lo.

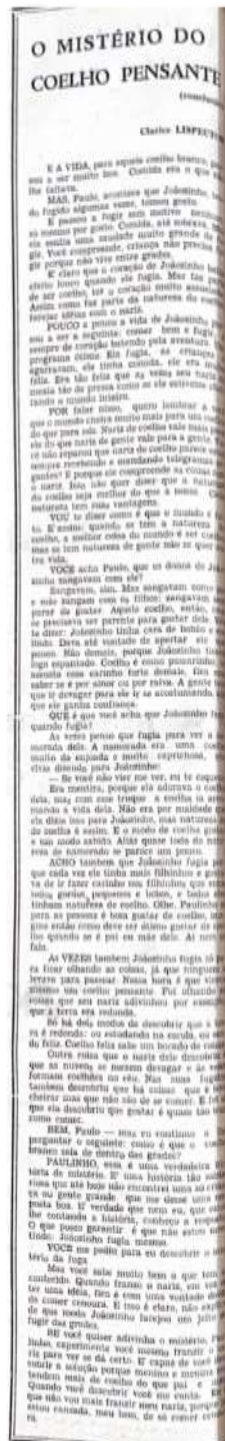
VOCE na certa está esperando que eu agora diga qual foi o jeito que ele arranhou para sair da casinhola.

Mas aí é que está o mistério: não sei!

E as crianças também não sabiam. Porque eu lhe disse, o tampo era de ferro pesado. Pelas grades? Nunca! Lembre-se de que Joãozinho era um gordo e as grades eram apertadas.

ENQUANTO isso, as crianças, que não têm natureza boba, foram notando que o coelho branco só fugia quando não havia comida na casinhola. De modo que nunca mais se esqueceram de encher o prato dele. Mas aí vem o picar. (Continua no proximo domingo).

ANEXO Y – O Mistério do Coelho Pensante (Conclusão)



ANEXO Z – O Ato Gratuito

O ato gratuito

Clarice
Lispector

Muitas vezes o que me "salvou" foi improvisar um ato gratuito. Ato gratuito, se tem causas, são desconhecidas. E se tem consequências, são imprevisíveis.

O ato gratuito é o oposto da luta pela vida e na vida. Ele é o oposto da nossa corrida pelo dinheiro, pelo trabalho, pelo amor, pelos prazeres, pelos taxis e ônibus, pela nossa vida diária, enfim — que esta é toda paga, isto é, tem o seu preço.

Uma tarde dessas, de céu puramente azul e pequenas nuvens branquíssimas estava eu escrevendo à máquina quando alguma coisa em mim aconteceu.

Era o profundo cansaço da luta. E percebi que estava sedenta. Uma sede de liberdade me acordava. Eu estava simplesmente exausta de moiar num apartamento. Estava exausta de tirar idéias de mim mesma. Estava exausta ao barulho da máquina de escrever. Então a sede estranha e profunda me apareceu. Eu precisava — precisava com urgência — de um ato de liberdade: do ato que é por si só. Um ato que manifestasse fora de mim, o que eu secretamente era.

E necessitava de um ato pelo qual eu não precisasse "pagar". Não digo "pagar" com dinheiro mas sim de um modo mais amplo, pagar o alto preço que custa viver.

Então minha própria sede guiou-me. Eram duas horas da tarde de verão. Interrompi meu trabalho, mudei rapidamente de roupa, desci, tomei um taxi que passava e disse ao chofer: vamos ao Jardim Botânico. Que rua? — perguntou-me. "O senhor não está entendendo", expliquei-lhe, "não quero ir ao bairro e sim ao Jardim do Bairro". Não sei porque olhou-me um instante com atenção.

Deixei abertas as vidraças do carro que corria muito e eu já começara minha liberdade deixando que um vento fortíssimo me desalinhasse os cabelos e me batesse no rosto grato de olhos entrefechados de felicidade.

Eu ia ao Jardim Botânico para que? Só para olhar. Só para ver. Só para sentir. Só para viver.

Saltei do taxi e atravessei os largos portões. A sombra logo me acolheu. Fiquei para-

da. Lá a vida verde, era larga. Eu não via ali nenhuma avareza: tudo se dava por inteiro ao vento, ao ar, à vida, tudo se erguia em direção ao céu. E mais dava também o seu mistério.

O mistério me rodeava. Olhei arbustos frágeis recém plantados. Olhei uma árvore de tronco nodoso e escuro tão largo que me seria impossível abraçá-lo. Por dentro dessa madeira de recha, através de raízes pesadas e duras como garras, como é que corria? Essa coisa quase intangível e que é vida? Havia seiva em tudo como há sangue em nosso corpo.

De propósito não vou descrever o que vi: cada pessoa tem que descobrir sozinha. Apenas lembrarei que havia sombras oscilantes secretas. De passagem farei de leve na liberdade dos pássaros. E de minha liberdade. Mas é só. O resto era o verde úmido subindo em mim pelas raízes incógnitas.

Eu andava, andava. As vezes parava. Já me afastara muito do portão de entrada, não via mais, pois entrara em tantas alamedas. Eu sentia um medo bom — como um estremelemento apenas perceptível de alma — um medo bom de talvez estar perdida e nunca mais, porém nunca mais; achar a porta de saída.

Havia naquela alameda um chafariz de onde a água corria sem parar. Era uma cara de pedra e de sua boca jorrava a água. Bebi. Melhei-me toda. Sem me incomodar: esse exagero estava de acordo com a abundância do Jardim.

O chão estava às vezes cobertos de bolinhas e de ararueira, daquelas que caem em abundância nas calçadas de nossa infância e que pisávamos não sei porque, com enorme prazer. Repeti então o esmagamento das bolinhas e de novo senti o misterioso gosto bom.

Estava com um cansaço benfazejo, era hora de voltar, o sol já mais fraco.

Voltarei num dia de muita chuva — só para ver o gotejante jardim submerso.

Nota — peço licença para pedir à pessoa que tão bondosamente traduz meus textos em "braille" para cegos, que não traduza este. Não quero ferir olhos que não têm.

ANEXO AA – Minha Próxima e Excitante Viagem pelo Mundo

Minha próxima e excitante viagem pelo mundo

CLARICE LISPECTOR

Amanhã vou partir para a Europa. De onde mandarei meus textos para este jornal.

Minha sede será em Londres. E de lá planejarei minhas viagens. Por exemplo, vou a Paris ver de novo a Mona Lisa, pois estou com saudade. E comprar perfumes. E sobretudo reclamar com a Maison Carven por eles não fabricarem mais o perfume que mais combina comigo, "Vert et Blanc". Irei ao teatro também. E à Rive Gauche.

Voltarei então para Londres onde permaneceré umas duas semanas. E seguirei para a minha amada Itália. Roma antes. Depois Florença.

E' em Roma que, por intermédio de conhecidos mútuos, entrarei em contato com Onassis e há possibilidade de combinar um cruzeiro pelo Mediterrâneo.

Irei à Grécia que só conheço de rápida passagem. Preciso realmente ver de novo a Acrópole.

E preciso voltar a ver as Pirâmides e a Esfinge. A Esfinge me intrigou: quero defrontá-la de novo, face a face, em jogo aberto e limpo. Vou ver quem devora quem. Talvez nada aconteça. Porque o ser humano não sabe decifrá-lo. Nem decifrar a si mesma. No que nós nos decifrásemos, seríamos a chave da vida.

Quero tomar banhos de mar em Biarritz, porque lá eu vi as ondas mais altas, o mar mais compacto e mais verde e turbulento. E majestoso. San Sebastian não quero rever.

Mas quero voltar a Toledo e a Córdoba. Em Toledo reverei os El Greco.

Pegarei na Europa a primavera, o que já em si é motivo para uma viagem para lá. Irei a Israel, essa comunidade antiga e a mais nova; quero ver como é que se vive sob padrões diferentes.

E Portugal? Tenho que voltar a Lisboa e Cascais. Em Lisboa procurarei minha amiga e grande poeta Natércia Freire. E dar-lhe-ei um texto meu, atendendo o seu pedido de colaboração, para o suplemento de Letras e Artes ("Diário de Notícias de Lisboa"), suplemento esse que ela dirige. Irei a Chiado. E de novo pensarei em Eça de Queirós. Preciso relê-lo. Sei que vou gostar de novo, como se fora a primeira leitura do succulento estilo de Eça.

Voltarei a Londres, onde passarei em descanço e teatros e "pubs" duas semanas.

De lá darei um pulo na Libéria, em Monro-

via. Estive na Libéria, mas não cheguei a ir à capital.

Se alguém pensa que fui vencedora na Loteria Esportiva, está enganado. O melhor da história é que viajarei sem gastar um centavo. Só gastarei o que dispender nas compras. Depois ensinarei como é que se consegue tal formidável barganha: não é impossível, tanta que eu consegui e sem maiores esforços. Não, não foi por "charme" que eu tenha feito: quando faço "charme" é sem sentir e sem querer, simplesmente acontece. O charme, que ro dizer.

Estará na hora de não poder mais morrer de saudades do Brasil. Voltarei via Nova York, onde ficarei duas semanas, me perdendo na multidão. A multidão de Nova York é o meio mais fácil da pessoa ficar solitária. Se eu ficar sozinha demais, procurarei o nosso consulado. Para rever brasileiros e poder de novo usar a nossa difícil língua. Difícil, mas fascinante. Sobre tudo para se escrever. Asseguro-vos que não é fácil escrever em português; é uma língua pouco trabalhada pelo pensamento mais profundo de filósofos, e o resultado é pouca maleabilidade para exprimir os delicados estados do ser humano.

E enfim, voltarei ao Rio. Antes darei um pulo a Belém do Pará, para rever os meus amigos Francisco Paulo Mendes, Benedito Nunes (qual é o endereço deles? E por favor me escrevam) e tantos outros importantes para mim. Eles, vai ver, já me esqueceram. Eu não esqueci deles. Em Belém já passei seis meses, muito felizes. Sou grata a esta cidade.

Uma vez no Rio, e depois de abraçar todos os amigos, irei para Cabo Frio por uma semana, na casa de Pedro e Miriam Bloch. Voltarei depois ao Rio e recomencerei, toda renovada, a minha luta diária e ingloria e enigmática.

Sim. Tudo isso.

Mas só se fosse de verdade... O fato é que ontem foi 1.º de abril e desde criança não engano ninguém nesse dia. Infelizmente não vejo meio de fazer esta viagem sem dinheiro. O Onassis entrou no 1.º de abril de puro peneira que ele é. Na verdade não tenho muito interesse em conhecê-lo.

Desculpem a brincadeira. Mas é que não resisti.

ANEXO AB – Taquicardia a Dois

Taquicardia a dois

CLARICE LINSPECTOR

Estava minha amiga falando comigo ao telefone. Eis que senão quando entra-lhe pela sala a dentro um passarinho. Minha amiga re conhece: era um sabiá. A empregada se assustou, minha amiga ficou surpresa. Era preciso que ele achasse o caminho da janela para ir embora e escapar da prisão da sala. Depois de esvoaçar muito, pousou num quadro acima da cabeça da minha amiga, que continuou o telefonema, porém mais atenta ao sabiá do que às palavras.

Foi quando ela sentiu uma coisa pelas costas nuas: era verão, o vestido não tinha costas: o sabiá tinha se aninhado nela e parecia estar muito bem. É preciso dizer que minha amiga tem uma voz muito suave. Ela sabia que qualquer movimento súbito seu, o sabiá se assustaria quase mortalmente. Desligou o telefone. Também é preciso dizer que minha amiga tem mão e jeito leves, é capaz de segurar a corola de uma flor sem fazê-la murchar. Foi com seu jeito leve que pegou o sabiá, que se deixou pegar.

E lá ficou, de sabiá na mão. O coraçãozinho do sabiá batia em louca taquicardia. E o pior é que minha amiga estava toda taquicardiaca. Ali, pois, ficaram os dois, tremendo por dentro: a amiga sentindo o próprio coração palpitando depressa; e na mão sentindo o bater apressadinho e desordenado do sabiá.

Então ela se levantou devagar para não assustar o que estava vivo em sua mão. Chegou junto da janela. O sabiá compreendeu. Minha amiga espalmou a mão, onde o sabiá permanec

ceu por uns instantes. E, de súbito, deu uma voadada lindíssima de tanta liberdade.

ASSIM TAMBÉM NÃO

Tinha eu acabado de entrar num táxi, quando, antes que este se pusesse em movimento, apareceu um homem moço, mas de cabelos já grisalhos, (que) e parcos, que pôs a cabeça dentro do táxi e disse:

— A senhora se incomoda de dizer para onde vai?

Respondi-lhe que ia para Copacabana. Então ele pediu-me num tom implorador: deixe eu entrar que salto antes, a essa hora está difícil encontrar um táxi. Eu disse que ele entrasse. Entrou e sentou-se ao lado do chofer. E começou, virado para trás: porque ele era casado, porque era muito feliz, porque não se incomodava que sua mulher envelhecesse porque era sempre a mulher amada, porque hoje ia lhe mandar rosas sem ser aniversário de nada, porque... Bem, pensei, este engana sua mulher fartamente.

Eu já estava enojada de tanto amor conjugal e também do tom ligeiramente fora de foco que ele usava nas suas mentiras não sei por que necessárias. Foi quando (notei) meu passageiro disse: eu fico aqui. O táxi parou, ele desceu, botou a cabeça dentro da janela e disse, para o meu espanto efêndido:

—A senhora é um perfeito cavalheiro.

ANEXO AC – Uma História Estranha e Inacabada

Uma história estranha e inacabada

Clarice LISPECTOR

Uma vez comecei uma história tão esquisita que me deixou num impasse e interrompia-a. Quem quiser, que a prosiga.

E assim:

Tratava-se de uma ave de asas abertas. Com este silêncio das coisas que nenhuma expressão de rosto pode imitar, salvo as olhas das estátuas. Era uma tranquilidade ter alguma coisa realmente morta ao lado de si, como uma pedra, como um repouso. Tratava-se de uma ave embalsamada. A princípio formilhe repugnante, com as penas cor de rato, em alguns pontos um pouco brilhante como se ainda guardassem a unidade da vida. Mas aos poucos foi-se habituando às suas asas espalhadas e tranquilas, à sua total falta de beleza ou graça. Era a sua coisa mais neutra. Nem ao menos a comprara, o que equivaleria a uma escolha e dar-lhe-lhe um sentido. A ela distribuíam os objetos do marido, quando este morrera. E a ele coubera a ave embalsamada. Num quarto uma ave de asas abertas é sempre um motivo de surpresa.

Até que ele começou a se interessar por espiritismo. Tudo o que era morto devia ter tido um espírito. Talvez sempre se tivesse falado nisso, mas o fato é que para ele foi como se se descobrisse naquela época a sobrevivência de alguma coisa. Seu quarto deixou de ser o simples quarto de um homem para tornar-se o abrigo de um pensamento. E de uma ave. Tudo o que ele pensava, a ave parecia aprevar com as asas abertas. E o mais curioso era aquela sensação de nunca deixar o quarto vazio quando saía.

Pode ser que haja muitas coisas muito importantes e de fato há. Os problemas sociais o são, por exemplo. E o que não pode interferir um grande número de pessoas não deve ter importância. Mas que se conte, embora sem acentuar demais, o que sucedeu a este homem.

Em primeiro lugar, ele morreu. Aconteceu que morrera preocupado com os problemas da alma, e assim como morrera, assim continuou, por assim dizer esquecido do principal: de que morrera. Com isso quer dizer que ele não via tão oculto com certos pensamentos que, digamos, não pareciam que havia morrido. Depois foi um choque notar que já atravessara, sem sentir, certas fronteiras. Grandes angústias o dominaram. E pode-se mesmo inventar o que sentia. Em primeiro lugar, uma solidão grande porque, se quisesse falar, não tinha quem quisesse ouvi-lo. E verdade que não podemos nem por um instante calcular bem o que é não ter esperança. Ele não tinha. E a sensação de não ter ninguém para quem apelar? Pode-se, pois, dizer que ele falava — sem estar já maduro para isto, embora mesmo quando morre uma criança ela está madura, de tal modo é infalível e tranquila a natureza. Mas a este homem de quem falamos aconteceu a própria morte.

Quanto anos passou ele estranhando em quantos séculos, pois o tempo, a essa altura, já se identificava com o espaço infinito.

Talvez eu o tivesse conhecido poucos momentos depois de morrer. Mas não creio porque, no encontrá-lo, já havia algumas penas secas e inatingíveis na sua personalidade.

Não falemos de mim, senão o necessário. O necessário é dizer que numa certa noite, por vários momentos, eu estava em disponibilidade para a própria morte. Foi quando a ave — a da do homem redentorista os objetos que haviam pertencido ao finado marido — foi quando a ave que eu herdara pareceu falar, de tanta fidelidade nos seus olhos mortos, o que contava nos meus o pavor.

Assim falou a ave empalhada:

— Que fará minha alma sem um corpo para sofrer? Onde terá seus angústias? Praticará andar de porta em porta, pedindo fração por onde entrar. Doerá no vento que bate nas janelas e — — —

(Chegado a esse ponto, interrompi a história).

ANEXO AD – Por Medo do Desconhecido

Por medo do desconhecido

Clarice LISPECTOR

Então isso era a felicidade. De início se sentiu vazia. Depois os olhos ficaram úmidos: era felicidade, mas como sou mortal, como o amor pelo mundo me transcende. O amor por essa vida mortal a assassinava docemente aos poucos. E o que é que se faz quando se fica feliz? Que faço da felicidade? Que faço dessa paz estranha e aguda que já está começando a me doer como uma angústia e como um grande silêncio? A quem dou minha felicidade que já está começando a me rasgar um pouco e me assusta. Não, ela não queria ser feliz. Por medo de entrar num terreno desconhecido. Preferia a mediocridade de uma vida que ela conhecia. Depois procurou rir para disfarçar a terrível e fatal escolha. E pensou com falso ar de brincadeira: "Ser feliz? Deus dá nozes a quem não tem dentes". Mas não conseguiu achar graça. Estava triste, pensativa. Ia voltar para a morte diária.

DEPOIMENTO DE UM ARTISTA

Abelardo Zaluar, que faz pintura e colagem, escreveu algumas reflexões sobre seu trabalho anual:

"Ao atingir a maturidade, o artista vive uma dupla situação: ao mesmo tempo em que observa o trepidante avanço das feições varquardistas mais ousadas, possui dentro de si uma realidade construída pelo tempo e que se expressa em termos de estabilidade emocional, de sedimentação, de continuidade.

"E' neste ponto em que o artista" se encontra e consegue ouvir o som da própria voz", no dizer de Malraux. Dentro de um entendimento coletivo, de vitalidade e validade, o artista fixa uma linguagem pessoal que sintetiza suas obras.

"Econtrando-me nesse momento de minha carreira, construí coerentemente a minha linguagem pessoal dentro do chamado abstracionismo geométrico, denominação que utilizo com impropriedade, pois a época das classificações já era".

SOBRE ESCREVER

As vezes tenho a impressão de que escrever por simples curiosidade intensa. E' que ao escrever eu me dou as mais inesperadas surpresas. E' na hora de escrever que muitas vezes fico consciente de coisas, das quais, sendo inconsciente, eu antes não sabia que sabia.

ROSAS SILVESTRES

Só esta expressão "rosas silvestres" já me faz aspirar o ar como se o mundo fosse uma rosa viva. Tenho uma grande amiga que me manda de quando em quando rosas silvestres (ela parou de me mandar e sinto falta) e o perfume delas, meu Deus, me dá ânimo para respirar e viver.

As rosas silvestres têm um mistério dos mais estranhos e delicados: à medida que vão envelhecendo vão perfumando mais. Quando estão à morte, já amarelando, o perfume fica forte e adocicado, e lembra as noites perfumadas das ruas desertas de Recife. Quando finalmente morrem, quando estão mortas, mortas — aí então, como a flôr nascida no berço da terra, é que o perfume que se exala delas me embriaga. Era assim que eu queria morrer, perfumando de amor. Morta e exalando a alma viva. Rosas silvestres, eu vos amo. Diariamente, se estais presentes, morro por vosso perfume.